

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA  
DOUTORADO EM PSICOLOGIA

LÁZARO CASTRO SILVA NASCIMENTO

**GESTALT-TERAPEUTAS DO BRASIL:  
FORMAÇÃO E IDENTIDADE**

BRASÍLIA (DF)

2019

LÁZARO CASTRO SILVA NASCIMENTO

**GESTALT-TERAPEUTAS DO BRASIL:  
FORMAÇÃO E IDENTIDADE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Ponciano Ribeiro

BRASÍLIA (DF)

2019

---

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

---

N244g Nascimento, Lázaro Castro Silva.  
Gestalt-terapeutas do Brasil : formação e identidade / Lázaro Castro  
Silva Nascimento; orientador Jorge Ponciano Ribeiro. – Brasília, DF,  
2019.  
138 f.

Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura) – Universidade de  
Brasília, Brasília, DF, 2019.

1. Gestalt-terapeutas - Formação. 2. Gestalt-terapeutas - Identidade.  
3. Gestalt-terapia. I. Ribeiro, Jorge Ponciano, orient. II. Título.

CDD 23. ed. – 616.89143

LÁZARO CASTRO SILVA NASCIMENTO

**GESTALT-TERAPEUTAS DO BRASIL:  
FORMAÇÃO E IDENTIDADE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Psicologia.

**BANCA AVALIADORA**

Prof. Dr. Jorge Ponciano Ribeiro (Presidente/Orientador)  
Universidade de Brasília – UnB

Profa. Dra. Luciane Patrícia Yano (Avaliadora Externa)  
Universidade Federal do Acre – UFAC

Prof. Dr. Paulo-de-Tarso de Castro Peixoto (Avaliador Externo)  
Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz

Profa. Dra. Carla Sabrina Xavier Antloga (Avaliadora Interna)  
Universidade de Brasília – UnB

Profa. Dra. Áurea Sousa Oliveira (Suplente)  
Instituto Federal de Brasília – IFB/DF

Defesa em: 05/08/2019

À comunidade de Gestalt-terapeutas do Brasil:  
à parte que já se foi; àquelas/es que pertencem  
ao horizonte do aqui-agora; e às/aos que  
estão no horizonte do porvir

## AGRADECIMENTOS (PARTE I)

Às Instituições de Ensino Superior públicas e gratuitas pelas quais passei até chegar à Universidade de Brasília e a todas/os que luta(ra)m pela sua existência e manutenção como meios de transformação da sociedade. Gratidão!

À minha família, grande incentivadora e apoiadora de todos meus passos: Lúcia Castro, Osvaldo Nascimento, Osvaldo Nascimento Jr., Aritana Moura e João Lucas. Amo vocês!

À minha família do Distrito Federal: Velma, Antônio José, Airton e Rose. Obrigado pelo cuidado, pelo lar, pelas caronas, pelas conversas e por todo carinho comigo.

Ao Prof. Dr. Jorge Ponciano Ribeiro, por, acima de tudo, confiar em mim e me conferir liberdade na construção deste trabalho.

À Dra. Kamilly Souza do Vale, primeira Gestalt-terapeuta que ouvi dizer “eu sou Gestalt-terapeuta”, frase que acendeu em mim uma fagulha vibrante de emoções me guiando por toda esta década de estudos em Gestalt-terapia, muitíssimo obrigado!

Ao corpo de docentes envolvidos na escrita desta tese: Celana Andrade, Áurea Oliveira, Patrícia Yano, Paulo-de-Tarso Peixoto e Carla Antloga. A participação de vocês nas etapas de qualificação e defesa foi extremamente importante para mim!

Às amigas queridas, minhas fontes de suporte, acolhimento, sabedoria e também de limites: Simone Dreher, Dafne Assis, Liege Fonseca, Natascha Bravo e Mariana Pajaro.

Às amigas que fiz na Universidade de Brasília: Isadora Rocha, Geovana Nunes e Carolina Starling. Cada sorriso com vocês iluminou dias muito difíceis!

Às tantas pessoas que amo e sem as quais não consigo imaginar minha existência, em especial: Amanda, Carol, Nathália, Vitória, Jackeline, Gabriely, Marcella, Tainá, Diego, Ana Carolina, Fernanda, Rafael e Carlos (Ranei).

Às responsáveis por restaurar minha saúde e cuidar de mim durante esta jornada de angústias e dores: Mt. Cíntia de Ávila Albuquerque e Ft. Fernanda Cristofolini.

A Ney N. Miyahira, por me apoiar e por me amar no nosso rasgo temporal. Te amo! ♥

À luz que nos guia, sem dogmas, sem instituições e sem julgamentos no caminho do existir.

## AGRADECIMENTOS (PARTE II)

Gratidão eterna a todas/os as/os gigantes sobre cujos ombros pude estar e ver infinitamente mais longe: minhas professoras e meus professores.

Em especial:

1994-2008: Tia Senhorinha, Tia Deuzélia, Tia Teresa, Tia Conceição, *Teacher* Edna, *Teacher* Valéria, *Maestra* Vilany, Profa. Ana Paula Amorim, Prof. Ari Dias, Profa. Márcia Suany, Profa. Assonilde Negreiros, Prof. Julião Ferreira, Prof. José Carneiro, Prof. Alberto Alencar.

2009-2013: Prof. Edson Frazão, Profa. Adelma Pimentel, Prof. José Carlos Simões Fontes, Profa. Eneida Correa, *Professeur* Alice Oliveira, Profa. Hilma Khoury, Profa. Keila Rebello, Prof. João Maria Torres, Profa. Flávia Lemos, Profa. Airle Miranda.

2014-2015: Prof. Adriano Holanda, Profa. Maria Virginia Cremasco, Profa. Yara Gualda, Profa. Renata Gorosito, Prof. Fábio Gottschild.

2015-2019: Profa. Valeska Zanello, Profa. Sheila Beggiato, Prof. Lydio Roberto, Profa. Ana Maria de Barros, Profa. Patrícia de Mello, Profa. Liliane Oliveira, Profa. Noemi Ansay, Profa. Mariana Arruda, Profa. Aglaê Frigeri, Profa. Rosemyriam Cunha e Profa. Clara Piazzetta.

1991-*para sempre*: Profa. Maria Lúcia Castro Silva Nascimento, a grande professora da minha vida.

“Se vi mais longe, foi por estar sobre os ombros de gigantes.”  
*If I have seen further, it is by standing on the shoulders of giants.*  
(Isaac Newton, Carta para Robert Hooke, 1675)

*Que essa minha vontade de ir embora  
Se transforme na calma e na paz que eu mereço  
Que essa tensão que me corrói por dentro  
Seja um dia recompensada [...]  
Porque metade de mim é partida  
Mas a outra metade é saudade*

**Oswaldo Montenegro – Metade**

## RESUMO

A Gestalt-terapia chegou ao Brasil nos anos 1970 e se desenvolveu por toda a extensão do país. Com sua organização política a partir de institutos e centros formadores de Gestalt-terapeutas, a formação brasileira passou a ser heterogênea e diversificada. Esta tese objetiva explorar o campo das formações e identidades de Gestalt-terapeutas do Brasil, buscando responder como estão organizadas as formações em Gestalt-terapia no país, quais profissionais podem fazer a formação em Gestalt-terapia e o que é ser Gestalt-terapeuta no Brasil. De abordagem qualitativa, esta pesquisa se divide em duas etapas principais: 1) estudo documental, investigando as formações em Gestalt-terapia no território nacional; e 2) estudo descritivo com aplicação de questionários, investigando as/os Gestalt-terapeutas acerca da temática. Na primeira etapa, foram mapeados 47 formações/especializações em Gestalt-terapia. Na segunda etapa, participaram da coleta 289 Gestalt-terapeutas pelo formulário *online* disponível entre dezembro de 2017 e fevereiro de 2018. O estudo identifica cursos de formação em Gestalt-terapia voltados majoritariamente para profissionais da Psicologia, com raras exceções para profissionais de áreas da saúde e educação, como Psiquiatria, Pedagogia, Psicopedagogia, Musicoterapia, Arteterapia, entre outros. Há uma diversidade nas formações em Gestalt-terapia e na forma como cada Gestalt-terapeuta compreende o que é Gestalt-terapia, seja como teoria que orienta sua prática profissional, seja como filosofia de vida que orienta sua vivência como sujeito no mundo. Revela que a Gestalt-terapia carrega em si uma complexidade epistemológica passível sempre de novas revisões e ampliações. Essa complexidade ecoa diretamente em sua organização política e em todo o processo de formação e identidade de Gestalt-terapeutas do Brasil.

**Palavras-chave:** Gestalt-terapia. Gestalt-terapeutas. Formação. Identidade.

## ABSTRACT

Gestalt Therapy came to Brazil in the 1970s and has been developed throughout the country. With its political organization from institutes and training centers of Gestalt Therapists, the Brazilian formation became heterogeneous and diversified. This thesis aims to explore the field of Gestalt Therapist formations and identities in Brazil, seeking to answer how Gestalt Therapy training is organized in the country, which professionals can do the training in Gestalt Therapy and what does it mean to be Gestalt Therapist in the Brazil. This research is of qualitative approach and it's divided in two main stages: 1) documentary study, investigating the formations in Gestalt Therapy in the national territory of Brazil; and 2) a descriptive study with application of questionnaires, investigating Gestalt Therapists about their identity. In the first stage, 47 training/specializations/institutes of Gestalt Therapy were located. In the second stage, 289 Gestalt Therapists participants answered the online form available between December 2017 and February 2018. The study identifies Gestalt Therapy training courses focused mostly on Psychology professionals, with rare exceptions for professionals in health and education areas, such as Psychiatry, Pedagogy, Psychopedagogy, Music Therapy, Art Therapy, among others. There is a diversity in the formations in Gestalt Therapy and in the way each Gestalt Therapist understands what Gestalt Therapy is, either as a theory that guides their professional practice, or as a philosophy of life that guides their experience as a subject in the world. It reveals that Gestalt Therapy carries within itself an epistemological complexity always susceptible of new revisions and extensions. This complexity echoes directly in its political organization and in the whole process of formation and identity of Gestalt Therapists in Brazil.

**Keywords:** Gestalt Therapy. Gestalt Therapists. Training. Identity.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Esquema teórico-didático acerca das noções de Psicologia da Gestalt, Gestalt-terapia, Abordagem Gestáltica e Psicoterapia Gestaltista .....	21
Quadro 2 – Encontros e congressos de Gestalt-terapia no Brasil.....	38
Gráfico 1 – Identidade de gênero .....	52
Gráfico 2 – Distribuição por ano de nascimento .....	52
Gráfico 3 – Distribuição por região geográfica .....	53
Quadro 3 – Levantamento de Institutos/Centros Formadores de Gestalt-terapeutas no Brasil – 2012-2018.....	55
Gráfico 4 – Distribuição por área de graduação das/os Gestalt-terapeutas respondentes .....	73
Gráfico 5 – Distribuição por tipo de instituição em que as/os Gestalt-terapeutas respondentes cursaram graduação .....	74
Gráfico 6 – Resposta como as/os participantes tornaram-se Gestalt-terapeutas .....	75
Gráfico 7 – Frequência de participação das/dos Gestalt-terapeutas respondentes em eventos de Gestalt-terapia.....	75
Gráfico 8 – Distribuição por ano de graduação Categoria Vivencial/Workshop .....	76
Gráfico 9 – Titulação de Gestalt-terapeutas respondentes – Categoria Vivencial/Workshop ..	77
Gráfico 10 – Distribuição por ano de graduação – Categoria Especialização.....	77
Gráfico 11 – Titulação de Gestalt-terapeutas respondentes – Categoria Especialização .....	78
Gráfico 12 – Distribuição por ano de conclusão de curso em Gestalt-terapia – Categoria Especialização .....	78
Gráfico 13 – Distribuição por ano de graduação – Categoria Supervisão.....	79
Gráfico 14 – Titulação de Gestalt-terapeutas respondentes – Categoria Supervisão .....	80
Gráfico 15 – Distribuição por ano de graduação – Categoria Autodidata.....	80
Gráfico 16 – Titulação de Gestalt-terapeutas respondentes – Categoria Autodidata .....	81
Gráfico 17 – Distribuição por ano de graduação – Categoria Formação .....	81
Gráfico 18 – Titulação de Gestalt-terapeutas respondentes – Categoria Formação.....	82
Gráfico 19 – Distribuição por ano de conclusão de curso em Gestalt-terapia – Categoria Formação .....	82
Quadro 4 – Categoria dos respondentes .....	88
Quadro 5 – Formação acadêmica do Grupo de Fundadora/es da Gestalt-terapia .....	101

## SUMÁRIO

ANACRUSE: NOTAS INTRODUTÓRIAS	12
CAPÍTULO I – O QUE É E O QUE NÃO É GESTALT-TERAPIA	16
1.1 <i>Reflexões linguísticas</i>	16
1.2 <i>Pluralidade epistemológica na Gestalt-terapia</i>	22
1.3 <i>Áreas multiprofissionais com referencial da Gestalt-terapia</i>	25
1.3.1 <i>Psiquiatria Gestáltica/Gestalt-terapêutica</i>	26
1.3.2 <i>Gestalt-Musicoterapia, Musicoterapia Gestáltica/Gestalt-terapêutica</i>	27
1.3.3 <i>Gestaltpedagogia</i>	29
1.3.4 <i>Aconselhamento Pastoral Gestáltico/Gestalt-terapêutico</i>	31
1.3.5 <i>Arteterapia Gestáltica/Gestalt-terapêutica</i>	32
1.3.6 <i>Breves considerações: Gestalt-terapia multiprofissional</i>	33
1.4 <i>O que não é Gestalt-terapia</i>	34
CAPÍTULO II – HISTÓRIA DA GESTALT-TERAPIA NO BRASIL: ENCONTROS E CONGRESSOS	36
2.1 <i>A Gestalt-terapia a partir encontros e congressos brasileiros (1987-2018)</i>	36
CAPÍTULO III – CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA	46
3.1 <i>Breves considerações sobre a pesquisa em Gestalt-terapia</i>	46
3.2 <i>Delineando a pesquisa qualitativa e a pesquisa documental</i>	48
3.3 <i>Fases da pesquisa</i>	49
3.3.1 <i>Formações brasileiras em Gestalt-terapia (2012-2018): pesquisa documental</i>	49
3.3.2 <i>A identidade de Gestalt-terapeutas do Brasil: pesquisa online</i>	50
CAPÍTULO IV – FORMAÇÕES BRASILEIRAS EM GESTALT-TERAPIA	54
4.1 <i>Resultados da Fase 1</i>	54
4.1.1 <i>Cargas horárias</i>	57
4.1.2 <i>Estrutura curricular</i>	57
4.1.3 <i>Público-alvo</i>	57
4.1.4 <i>Ingresso</i>	58
4.1.5 <i>Corpo docente</i>	58
4.1.6 <i>Conteúdo da grade curricular</i>	59
4.1.7 <i>Organização das instituições/centros formadores</i>	59
4.2 <i>Discussão dos dados da Fase 1</i>	60
4.2.1 <i>As modalidades de cursos</i>	60
4.2.2 <i>A distribuição geográfica</i>	62
4.2.3 <i>Cargas horárias, duração e estrutura curricular</i>	63
4.2.4 <i>Público-alvo e forma de ingresso</i>	65
4.2.5 <i>Corpo docente</i>	66
4.2.6 <i>Conteúdo da grade curricular</i>	67

4.2.7 <i>Quanto à natureza econômica das instituições</i>	69
4.3 <i>Considerações acerca da Fase 1 do estudo</i>	71
<b>CAPÍTULO V – A IDENTIDADE DE GESTALT-TERAPEUTAS DO BRASIL: ANÁLISE QUANTITATIVA</b>	<b>73</b>
5.1 <i>Resultados da Fase 2</i>	73
5.1.1 <i>Gestalt-terapeutas formadas/dos por workshops/vivências</i>	76
5.1.2 <i>Gestalt-terapeutas especialistas (pós-graduação)</i>	77
5.1.3 <i>Gestalt-terapeutas formadas/dos por supervisão clínica e grupo de estudos</i>	79
5.1.4 <i>Gestalt-terapeutas autodidatas</i>	80
5.1.5 <i>Gestalt-terapeutas formadas/dos em curso livre (formação)</i>	81
5.2 <i>Discussão dos dados da Fase 2 – Análise Quantitativa</i>	82
5.2.1 <i>Cursos de graduação</i>	83
5.2.2 <i>Tipo de instituição de graduação</i>	84
5.2.3 <i>Categorias de Gestalt-terapeutas</i>	84
5.2.4 <i>Frequência em eventos/congressos de Gestalt-terapia</i>	85
5.2.5 <i>Titulação das/dos Gestalt-terapeutas</i>	86
5.2.6 <i>Quanto ao período/tempo de graduação</i>	86
5.3 <i>Considerações acerca da Fase 2 do estudo – Análise Quantitativa</i>	87
<b>CAPÍTULO VI – A IDENTIDADE DE GESTALT-TERAPEUTAS DO BRASIL: ANÁLISE QUALITATIVA</b>	<b>88</b>
6.1 <i>Resultados e discussões da Fase 2 – Análise Qualitativa</i>	88
6.1.1 <i>Gestalt-terapeuta como modo de ser/estar no mundo</i>	89
6.1.2 <i>Gestalt-terapeuta como atuação profissional/clínica</i>	91
6.1.3 <i>Gestalt-terapeuta como forma de se relacionar</i>	93
6.1.4 <i>Outras compreensões sobre ser Gestalt-terapeuta</i>	94
6.2 <i>Considerações acerca da Fase 2 do estudo – Análise qualitativa</i>	96
<b>CODA: CONCLUSÃO, CONSIDERAÇÕES E ALINHAVOS FINAIS</b>	<b>98</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>104</b>
<b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (ONLINE)</b>	<b>114</b>
<b>APÊNDICE B – FORMULÁRIO ONLINE “O QUE É SER GESTALT-TERAPEUTA?” – PARTE I</b>	<b>115</b>
<b>APÊNDICE C – FORMULÁRIO ONLINE “O QUE É SER GESTALT-TERAPEUTA?” – PARTE II</b>	<b>119</b>
<b>APÊNDICE D – CONVITE PARA GESTALT-TERAPEUTAS – PESQUISA ONLINE (FASE 2)</b>	<b>126</b>
<b>ANEXO A – RESPOSTAS À PERGUNTA “PARA VOCÊ, O QUE É SER GESTALT-TERAPEUTA?” (FASE 2)</b>	<b>127</b>

*ANACRUSE: NOTAS INTRODUTÓRIAS*

Anacruse, na teoria musical, é o símbolo que marca o impulso inicial de uma música. Quando há anacruse, há uma nota ou sequência de notas musicais que foram deslocadas da partitura. É possível perceber que o último compasso fica “incompleto”; suas notas são deslocadas para o primeiro compasso. Talvez soe complexo, mas, sinto que a escrita final desta pesquisa se inicia metaforicamente seguindo esse mesmo princípio da música: há algo que deveria estar no final, mas, que ressoa e dá impulso ao que precede o início do texto. Portanto, estas são as notas introdutórias do autor.

Desde o seu surgimento oficial, em 1951, com a publicação de Fritz Perls do livro *Gestalt Therapy: excitement and growth in the human personality*, com coautoria explícita de Paul Goodman e Ralph Hefferline e implícita de Laura Perls, entre outros pensadores, a Gestalt-terapia se desenvolveu e cresceu em diversos contextos. É possível notar o expressivo crescimento da Gestalt-terapia no mundo ao retornar, por exemplo, aos escritos de Tellegen (1972), em que a autora narrava haver nos Estados Unidos da América (EUA) e Canadá apenas seis institutos de formação em Gestalt-terapia e cerca de 200 Gestalt-terapeutas naquela década. Em 2019, apenas no Brasil, soma-se cerca de 50 institutos e núcleos formadores, além de um quantitativo desconhecido e incalculável de Gestalt-terapeutas em atuação.

A obra *Gestalt Therapy Around the World* (O’Leary, 2013) traça bem o panorama de avanços na área e apresenta como foi o seu desenvolvimento em diversas regiões do globo, como Estados Unidos, Japão, Finlândia, Chile, Argentina, Itália, dentre muitos outros países. Trabalhos semelhantes, contando e recontando a história da Gestalt-terapia brasileira, também já foram apresentados anteriormente (Suassuna & Holanda, 2009; Frazão, 2013; Ferreira, no prelo; Menezes, 2014; Yano & Vasconcelos, 2017).

Ainda no que tange ao tema do crescimento da Gestalt-terapia, alguns destaques no cenário nacional merecem atenção. Os trabalhos de Holanda & Karwowski (2004) e Holanda (2009) demonstram um extenso levantamento das pesquisas de mestrado e doutorado realizadas nesse campo em terras tupiniquins até 2008, mostrando a preocupação das/dos Gestalt-terapeutas em se capacitarem e produzirem pesquisas consistentes em nível de pós-graduação *stricto sensu*, adentrando a academia e os espaços da construção científica.

Há, também, desde 2013, um índice de acesso livre com as obras brasileiras de Gestalt-terapia presente no sítio virtual *Literatura Gestáltica*<sup>1</sup>, contendo informações sobre títulos, autoria e capas de livros da área no período de 1977 a 2015. No site, há ainda uma ampliação da lista de dissertações e teses contidas em Holanda (2009), contemplando os anos posteriores, de 2008 a 2019, e a inclusão de trabalhos que não estiveram presentes no levantamento daquele autor, com acesso parcial a estes trabalhos.

Outro destaque diz respeito à organização de diversos encontros e congressos, desde, pelo menos, 1987, com o primeiro encontro nacional de Gestalt-terapeutas e seu desdobramento em eventos locais, eventos de alcance regional (Norte-Nordeste e Sul-brasileiro), eventos nacionais e, ainda, eventos internacionais sediados no Brasil. Eventos estes organizados em parceria com instituições de ensino superior, com órgãos de classe, institutos de Gestalt-terapia e centros formadores, além de iniciativas individualizadas ou de grupos de Gestalt-terapeutas.

A crescente de eventos e os avanços tecnológicos convocaram a comunidade de Gestalt-terapeutas no Brasil a buscar formas de comunicação que transpusessem o espaço físico e permitissem o diálogo à distância. Duas listas de endereços eletrônicos foram criadas para isso: a primeira – [gt-br@hipernet.ufsc.br](mailto:gt-br@hipernet.ufsc.br) –, criada por volta do ano 2002 e citada nacional e internacionalmente nos escritos de Queiroz (2005, p. 104) e Woldt e Toman (2005, p. 364), já inativa; e a segunda – [gtbr@googlegroups.com](mailto:gtbr@googlegroups.com) –, ativa desde 2007 até o momento, congregando participantes de diversos estados brasileiros.

As duas tentativas de criação da Associação Brasileira de Gestalt-terapia e Abordagem Gestáltica – ABG – em 2001 e em 2016<sup>2</sup>, também figuram entre os marcos importantes do desenvolvimento da Gestalt-terapia no Brasil. Em 2001, com sua precoce extinção antes de sua legalização formal; e em 2016, com o ressurgimento do desejo da comunidade de Gestalt-terapeutas em se organizar como grupo e sua formalização como pessoa jurídica em território nacional, com estatuto e regimento interno registrados.

Assim, desde a vinda da Gestalt-terapia para o Brasil, houve muitos movimentos que a alimentaram para seu crescimento e desenvolvimento.

<sup>1</sup> [www.literaturagestaltica.com.br](http://www.literaturagestaltica.com.br), recuperado em 21, março, 2019.

<sup>2</sup> Criada provisoriamente durante o XV Encontro Nacional de Gestalt-terapia & XII Congresso Brasileiro da Abordagem Gestáltica, em outubro de 2016, na cidade de Fortaleza (CE), e fundada em janeiro de 2018. O autor da tese e o seu orientador fizeram parte da primeira diretoria (2016-2018) da ABG juntamente com 8 outras/os Gestalt-terapeutas do Brasil.

Dito isto, abro parênteses para uma breve escrita em primeira pessoa a fim de situar leitoras e leitores deste trabalho. Gostaria de dividir brevemente de onde parto para construir esta pesquisa. Acredito que todo trabalho de pesquisa, de alguma forma, se aproxima do nosso próprio horizonte como sujeito no mundo. Robine (2005, p. 106) esclarece sobre essa complexa relação entre objeto pesquisado e pesquisador/a: “a construção teórica em si não é outra coisa além de tentar construir significado para a sua experiência”. Como Gestalt-terapeuta e formador de Gestalt-terapeutas, comecei a me indagar sobre o “afastamento” de algumas/ns profissionais da área após concluírem suas formações. Ouvi, também, de uma profissional especialista em Gestalt-terapia, durante uma conversa na pós-graduação, que a Gestalt-terapia não possuía arcabouço teórico suficiente para o trabalho além da clínica psicoterapêutica. E, além disso, o meu incômodo com o comum lugar de “minoría” legado à Gestalt-terapia nos cursos de graduação no Brasil.

O interesse nesta investigação, então, se volta para a organização estrutural e política da Gestalt-terapia no Brasil, a partir de três questionamentos principais:

- 1) como estão organizadas as formações em Gestalt-terapia no Brasil?;
- 2) quais profissionais podem fazer a formação em Gestalt-terapia?;
- 3) o que é ser Gestalt-terapeuta no Brasil?

É comum ouvir entre Gestalt-terapeutas que Gestalt-terapia é mais que uma teoria que oriente quaisquer umas de suas práticas. Além disso, esta seria também “um jeito de ser”, “uma arte”, ou mesmo uma “filosofia de vida”. Com isso, outros questionamentos se abrem: quais as compreensões acerca do ensino de uma teoria que, ao mesmo tempo, é uma prática, uma vivência e uma filosofia? Quem é a/o Gestalt-terapeuta brasileira/o? Como é a formação em Gestalt-terapia brasileira? Perguntas estas que guiaram a construção de todo este trabalho.

Em uma discussão que tange à formação em Gestalt-terapia, Bar-Yoseph, Philippon, O’Neil e Brownell (2008/2014) afirmam que: 1) as formações variam de acordo com os países e culturas nas quais estão inseridas (p. 134); e 2) a formação de Gestalt-terapeutas exige uma “pedagogia vivencial”, sendo o/a formador/a um guia nesse processo (p. 132). Reconhecendo isso, é importante circunscrever que esta pesquisa foi realizada no Brasil enfocando-se Gestalt-terapeutas brasileiras e brasileiros, portanto, suas considerações e reflexões quanto aos dados levantados não se propõem a generalizações para outros países; antes, dizem especificamente sobre Gestalt-terapeutas deste país e desta cultura.

Para desenvolver a temática, a presente tese está organizada em seis capítulos. No *Capítulo I – O que é e o que não é Gestalt-terapia*, buscou-se delimitar qual a compreensão acerca da Gestalt-terapia utilizada neste texto. O capítulo tem foco nas discussões da língua

acerca do termo “Gestalt-terapia” e suas variantes, e discute a multiplicidade e complexidade epistemológica contida na Gestalt-terapia, apresentando-a a partir de uma perspectiva multiprofissional. Ousa minimamente dizer o que não seria, portanto, Gestalt-terapia.

No *Capítulo II – História da Gestalt-terapia no Brasil: encontros e congressos*, é discutida a história da Gestalt-terapia no Brasil a partir de encontros e congressos, destacando-se os estaduais, regionais e nacionais, além das duas edições de eventos internacionais realizados em terras brasileiras. O objetivo desse capítulo foi circunscrever a Gestalt-terapia brasileira a partir do viés de sua organização científica e política no período de 1987 a 2018, para além de unicamente contar sob sua chegada no país.

O *Capítulo III – Caminhos teórico-metodológicos da pesquisa* apresenta as metodologias utilizadas para o desenvolvimento deste trabalho doutoral. Esse capítulo discute brevemente a pesquisa em Gestalt-terapia, apresenta os percursos ético-legais junto ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, além de trazer discussões sobre metodologia qualitativa com levantamento *online* e documental como norteadores teóricos para a coleta e compreensão dos dados.

Os escritos contidos no *Capítulo IV – Formações brasileiras em Gestalt-terapia* trazem dados acerca de institutos de formação em Gestalt-terapia ativos no Brasil no período de 2012 a 2018, nas 5 (cinco) regiões brasileiras, pensando seus elementos formativos como modelos de ensino (teórico, prático e vivencial), cargas horárias, modalidades de ensino (cursos livres e pós-graduação), público-alvo, além de discutir brevemente seus componentes curriculares.

A composição do *Capítulo V – A identidade de Gestalt-terapeutas do Brasil: Análise Quantitativa* e do *Capítulo VI – A identidade de Gestalt-terapeutas do Brasil: Análise Qualitativa* sintetiza as diversas compreensões sobre o que é ser Gestalt-terapeuta no Brasil a partir de um levantamento *online* realizado com coleta virtual entre dezembro de 2017 e fevereiro de 2018 com 289 Gestalt-terapeutas do território brasileiro em um formulário desenvolvido para esta finalidade. O formulário se encontra nos *Apêndices* Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (*online*), Apêndice B – Formulário *online* “O que é ser Gestalt-terapeuta?” – Parte I e Apêndice C – Formulário *online* “O que é ser Gestalt-terapeuta?” – Parte II.

Por fim, há uma seção intitulada *Coda: conclusão, considerações e alinhavos finais*, na qual são traçadas reflexões sobre a formação e identidade de Gestalt-terapeutas brasileiras/os, buscando aprofundar questionamentos discutidos anteriormente, bem como propor e sugerir caminhos para futuras pesquisas nesta mesma área ou em áreas afins.

## CAPÍTULO I – O QUE É E O QUE NÃO É GESTALT-TERAPIA

Este capítulo tem como objetivo delinear questões teóricas e políticas acerca do que é e do que não é Gestalt-terapia. O capítulo está estruturado a partir das seguintes temáticas: 1) questões da língua e reflexões; 2) a pluralidade epistemológica da Gestalt-terapia; 3) áreas multiprofissionais com referencial da Gestalt-terapia; e 4) breves considerações sobre o que não é Gestalt-terapia.

### 1.1 Reflexões linguísticas

Tanto a língua escrita quanto a oralidade são plásticas. Talvez sejam plásticas como a própria vida que põe a todas as pessoas em posições diversas e mutantes a cada novo momento do seu existir. Para a teoria que será estudada nesta tese, há alguns exemplos desta plasticidade na escrita. O que seria mais adequado à língua portuguesa ou à comunidade de profissionais que teoricamente comungam da mesma teoria: Gestalt-terapia? Gestalt-Terapia? Gestalt Terapia? Gestaltterapia? Gestalt? Gestaltista? Gestalt-terapeuta? Gestalt-Terapeuta? Gestaltterapeuta? Gestáltico? Gestalt-terapêutico?

A fim de esclarecimentos didáticos, é importante um passo anterior antes de responder a esta indagação e definir a concepção de *Gestalt* presente na Gestalt-terapia. Segundo Perls (1988, p. 19),

Gestalt é uma palavra alemã para a qual não há tradução equivalente em outra língua. Uma Gestalt é uma forma, uma configuração, o modo particular de organização das partes individuais que entram em sua composição. A premissa básica da Psicologia da Gestalt é que a natureza humana é organizada em partes ou todos, que é vivenciada pelo indivíduo nestes termos e que só pode ser entendida como uma função das partes ou todos dos quais é feita.

No caminho de também tentar definir uma noção de *Gestalt*, Ribeiro (2006, p. 137) afirma que:

Gestalt significa uma totalidade fenomênica, uma configuração de partes em inter e em intra-relação, formando uma unidade de sentido. Gestalt é uma unidade de sentido, um fenômeno, algo que aparece como um nome e se torna algo para minha consciência. Se minha consciência não percebe a realidade como algo que a convida a uma troca conceitual, essa realidade não existe para mim, enquanto um fenômeno. Gestalt, portanto, como um todo percebido, não é algo que acontece lá ou aqui, mas algo que acontece entre a realidade externa e a consciência.

Ambos os autores mencionados caminham na direção de compreender *Gestalt* como um fenômeno que diz respeito tanto à percepção enquanto processo psicofísico, quanto à consciência que se dá nessa relação. No que tange às discussões sobre “estrutura” enquanto conceito para as ciências psicológicas, Freitas (2015) analisa como as noções trazidas pela escola da Psicologia da Gestalt (*Gestaltpsychologie*) vão influenciar o desenvolvimento de outras teorias psicológicas, a exemplo da Teoria de Campo de Kurt Lewin, e como essas noções de estrutura diferem de outros modelos estruturalistas da psicologia.

*A priori*, essa discussão linguística pode parecer longínqua de uma teoria que se construiu bebendo de fontes como a contracultura e a revolução *hippie* em solo estadunidense, ou mesmo dos objetivos gerais que serão traçados nesta pesquisa. Contudo, é impossível deixar escapar o fato de que parte da subjetividade se dá pelas relações com língua e oralidade e, com isso, também os processos de identificação com sua forma escrita. Caso se justifiquem os argumentos pautados pelas normas ortográficas, as palavras registradas no verbete “Gestalt” do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras são:

1. gestalt *s.f. al.* Estrangeira
2. gestáltico (gues) *adj.*
3. gestaltismo (gues) *s.m.*
4. gestaltista (gues) *adj. s.2g.*
5. gestaltístico (gues) *adj.*
6. gestaltterapia (gues) *s.f.* (Gestalt, 2009, n.p.).

Portanto, a normativa ortograficamente adequada seria *Gestaltterapia*. Ainda assim, as versões Gestalt-terapia e Gestalt-Terapia, bem como suas variantes como Gestalt-terapeuta e Gestalt-Terapeuta, parecem mais comuns em toda a literatura, em títulos de eventos e afins por todo o território brasileiro. Isso talvez decorra do nome originalmente em língua inglesa possuir ambas as palavras *Gestalt e Therapy* separadas, sem hífen. Já as palavras “Gestaltista” e “gestáltico” ou “gestáltica” parecem adequadas, mas, referir-se-iam mais à Gestalt-terapia ou à Psicologia da Gestalt, ou, ainda, à Psicoterapia Gestaltista, ou a todas de forma indistinta? Caminhar na direção de responder essas indagações mostra-se importante para essa discussão.

Wysong (2011), ao contar a história oral da Gestalt-terapia, apresenta uma discussão semelhante no que diz respeito à identidade. O autor discorre sobre como Isadore From, um dos membros fundadores da Gestalt-terapia, compreendia as questões de identidade da área:

Para Isadore From, a questão da identidade era de máxima importância. Terminologia é um elemento essencial de linguagem precisa e se alguém usa o termo “Gestalt-terapia” para identificar uma construção teórica, deve permanecer fiel aos princípios articulados por Perls, Hefferline e Goodman em *Gestalt Therapy: Excitement and Growth in the Human Personality*. Se você achar as riquezas da nossa teoria inadequadas ou insatisfatórias, ou atraídas pela aceitação de profissões convencionais, mude-a como desejar, *mas tenha respeito para deixar a identidade da Gestalt-terapia intacta*<sup>3</sup> (n.p., tradução livre, grifo nosso).

Wysong (2011) continua nestes escritos e informa como, para From, a remoção da palavra “terapia”, utilizando-se apenas “Gestalt”, era teórica e politicamente inadequada. From parecia ter uma noção mais rígida quanto à terminologia, discordando de que a Gestalt-terapia pudesse ser pensada para além de um sistema em psicoterapia.

Esta posição de From não coaduna com o movimento que se realizou no Brasil quanto ao desenvolvimento teórico e prático da Gestalt-terapia. Desde o surgimento nos Estados Unidos em 1951 e a chegada no Brasil em 1973 (Frazão, 2013), houve diversas ampliações do fazer gestalt-terapêutico para outras áreas de atuação da Psicologia além da clínica tradicional. É possível citar as áreas: Organizacional e do Trabalho (Alvim, 2000; Alvim & Ribeiro, 2005), Escolar/Educacional (Lilienthal, 1997; V. E. S. M. Costa, 2002), Hospitalar (Freitas, 2009), Jurídica (Pereira, 2013), do Esporte (Espírito Santo, 2012, 2017), entre outras.

Esta discussão se torna ainda mais complexa quando se considera nessa miscelânea de opções a terminologia “Abordagem Gestáltica” (em inglês, *Gestalt Approach*), ao invés de apenas “Gestalt-terapia”. Isso fica evidente em escritos e falas de Gestalt-terapeutas, bem como no título do maior evento brasileiro da área, que acontece bianualmente: Encontro Nacional de Gestalt-terapia & Congresso Brasileiro da Abordagem Gestáltica. Esse fato é explicado historicamente por Holanda & Karwowski (2004, p. 63, grifo nosso):

A partir de 1993, no encontro de Recife, houve um acréscimo na nomenclatura do encontro que transcende a mera questão linguística ou estética e reflete *uma realidade de crescimento*. A partir dessa data, ao Encontro Nacional de Gestalt-terapia, passou a ser associado o Congresso Brasileiro da Abordagem Gestáltica. *Esse fato é relevante, primordialmente, por delimitar a expansão do campo de atuação da Gestalt-terapia a outras áreas, para além da clínica.*

---

<sup>3</sup> No original: “For Isadore From, the issue of identity was of the utmost importance. Terminology is an essential element of precise language and if one is to use the term ‘Gestalt therapy’ to identify a theoretical construct, one must remain faithful to the principles articulated by Perls, Hefferline and Goodman in *Gestalt Therapy: Excitement and Growth in the Human Personality*. If you find the riches of our theory inadequate or unsatisfying, or are drawn by lure of mainstream professional acceptance, change it as you will – but have enough respect to leave Gestalt therapy’s identity intact”.

Portanto, parece ter havido um movimento da comunidade de Gestalt-terapeutas do Brasil para que o termo “Abordagem Gestáltica” fosse adotado como proposta de ampliação e difusão da área. O termo também é encontrado no periódico com mais produções brasileiras em Gestalt-terapia, a “*Phenomenological Studies: Revista da Abordagem Gestáltica*”, segundo o levantamento de 1997 a 2014 realizado por Branco e Carpes (2017).

Ainda no que diz respeito às questões sobre a língua escrita, é importante discutir os termos “Gestaltista” e suas variantes, como a ideia de “psicoterapia gestaltista”. Por mais semelhantes que possam parecer com os termos mencionados anteriormente (Gestalt-terapia e Abordagem Gestáltica e suas variantes), se trata de termos distintos, tanto teórica como semanticamente. A confusão conceitual parece surgir pela derivação comum desses termos a partir da *Gestalt Psychology*, ou Psicologia da *Gestalt*, ou ainda Psicologia da Forma, escola clássica da psicologia experimental que estudava a percepção no início do século XX na Alemanha. Como afirma Tellegen (1972, p. 31), “o nome da Gestalt-terapia é algo enganador, como se tratasse de uma aplicação direta e unívoca dos princípios da escola acadêmica da Gestalt Psicologia à atuação terapêutica”.

A Psicoterapia Gestaltista, porém, é uma proposta psicoterapêutica desenvolvida em solo brasileiro pela psicóloga Vera Felicidade de Almeida Campos que discorda da leitura da Psicologia da Gestalt contida na Gestalt-terapia. Na nota à terceira edição da obra “Psicoterapia Gestaltista: conceituações”, Campos (1988, p. 11, grifo nosso) afirma:

É necessário que se enfatize o caráter inovador desta obra dado a existência da Gestalt Therapy – desde 1974 muito divulgada no Brasil – que, *contrariando as origens da própria teoria gestaltista alemã*, tem pela sua fundamentação psicanalítica, uma visão elementarista do comportamento humano, uma distorção parte-todo, apreendendo e reduzindo a Psicologia da Gestalt a “o todo não é a soma das partes”.

Essa nota, assim como outros trechos do trabalho de Campos, deixa clara a postura da autora contrária à apropriação da Psicologia da Gestalt pela Gestalt-terapia de Fritz Perls, Laura Perls, Paul Goodman e os outros precursores. Ou seja, ao se utilizar as noções de “Psicoterapia Gestaltista”, “Gestaltista” e termos afins, linguisticamente, se estaria mais próximo às concepções de Campos do que às da Gestalt-terapia como pensada nos EUA.

A fim de minimizar essas possíveis confusões teóricas e elucidar as discussões apresentadas neste tópico, foi construído um quadro teórico-conceitual em que é possível visualizar uma síntese sobre o termo, o ano de surgimento dessas propostas, os precursores de cada área e seus respectivos objetos de estudo (Quadro 1Quadro 1 – Esquema teórico-didático

acerca das noções de *Psicologia da Gestalt*, *Gestalt-terapia*, *Abordagem Gestáltica* e *Psicoterapia Gestaltista*).

Quadro 1 – Esquema teórico-didático acerca das noções de *Psicologia da Gestalt*, *Gestalt-terapia*, *Abordagem Gestáltica* e *Psicoterapia Gestaltista*

	<b>Gestalt-terapia</b>			
	<b>Psicologia da Gestalt</b>	<b>Gestalt-terapia clínica (Psicoterapia Gestáltica<sup>4</sup>)</b>	<b>Abordagem Gestáltica</b>	<b>Psicoterapia Gestaltista</b>
<b>Síntese</b>	Área da Psicologia experimental interessada nos estudos da percepção	Atuação psicoterapêutica embasada na teoria da Gestalt-terapia	Ampliação da Gestalt-terapia para diversas áreas de atuação além da clínica psicoterapêutica	Modelo de Psicoterapia construído baseado na Psicologia da Gestalt
<b>Surgimento</b>	Entre 1910 e 1912 nos laboratórios de psicologia da Alemanha	Em 1951, com a publicação da obra “Gestalt Therapy: excitement and growth in the human personality” nos EUA	---	Em 1973 no Brasil
<b>Precursores</b>	Marx Wertheimer, Kurt Koffka e Wolfgang Köhler	Fritz Perls, Laura Perls e Paul Goodman		Vera Felicidade de Almeida Campos
<b>Objeto de estudo</b>	Percepção	Ajustamentos criativos		“Comportamento do homem/Percepção” <sup>5</sup>

Fonte: o autor, 2019.

<sup>4</sup> Vale problematizar este termo: a clínica em Gestalt-terapia não é composta apenas por psicoterapia, mas, também, por avaliação, psicodiagnóstico, clínica ampliada, entre outros. Contudo, isso não enfraquece o objetivo do quadro.

<sup>5</sup> “[...] para os gestaltistas o estudo do comportamento do homem é o estudo da percepção. Nessas especificações conceituais, minha posição é gestaltista; sou, então, uma psicóloga gestaltista” (Campos, 1988, p. 16).

No quadro, há uma dificuldade aparente: delimitar se a Abordagem Gestáltica ocupa horizontalmente o mesmo lugar que uma “Gestalt-terapia clínica”, ficando o termo “Gestalt-terapia” como o todo que abarca as duas possibilidades. Ou, diferentemente, se o termo Abordagem Gestáltica poderia conter a ideia de uma Gestalt-terapia clínica e de todos os seus possíveis desdobramentos.

Considerando o uso dos termos que parecem mais frequentes em textos, trabalhos de pesquisas, livros e dentro da comunidade de Gestalt-terapeutas no Brasil, ao longo de todas as discussões nesta tese, serão utilizados os termos grafados da seguinte maneira: “Gestalt-terapia”, “Gestalt-terapeuta” e “gestalt-terapêutico” em relação aos demais, a fim de padronizar a escrita e marcar o posicionamento do autor.

### *1.2 Pluralidade epistemológica na Gestalt-terapia*

As diversas opções linguísticas frente aos termos referentes à Gestalt-terapia mencionados no tópico anterior permitem afirmar com segurança: a Gestalt-terapia contém em si uma teoria epistemologicamente complexa. A dificuldade em circunscrevê-la linguisticamente é bastante proporcional à dificuldade em a delimitar como epistemologia.

A Epistemologia é um ramo da Filosofia. Segundo o dicionário Houaiss *online*, epistemologia é:

O estudo dos postulados, conclusões e métodos dos diferentes ramos do saber científico, ou das teorias e práticas em geral, avaliadas em sua validade cognitiva, ou descritas em suas trajetórias evolutivas, seus paradigmas estruturais ou suas relações com a sociedade e a história; teoria da ciência (Epistemologia, c2019).

Em outras palavras, a Epistemologia se ocupa de compreender como determinado conhecimento ou saber estrutura-se, como uma filosofia que reflete sobre o próprio saber de determinada área. Esse caminho de reflexão epistemológica acontece, por exemplo, ao questionar Gestalt-terapeutas sobre “o que é Gestalt-terapia?”.

Ao tentar responder tal indagação, é comum que as respostas caminhem na direção de se afirmar: “a Gestalt-terapia é uma abordagem *psicológica* que...” e, em seguida, que esta sentença se complete se enfocando algum de seus muitos aspectos psicoterapêuticos, como o aqui-agora, a tomada de consciência, ou ainda suas bases existencialistas e fenomenológicas, sua fundamentação no humanismo, na teoria de campo de Kurt Lewin, nas noções organísmicas de Kurt Goldstein, ou ainda na orientação compreensiva, nos experimentos gestalt-terapêuticos, entre muitas outras possibilidades.

A noção de “abordagem psicológica” engloba grandes teorias do conhecimento, que buscam compreender a subjetividade e funcionamento humano a partir de construções teórico-filosóficas distintas. Figueiredo (2008) apresenta uma tentativa de sistematizar as diversas matrizes do pensamento psicológico contemporâneo dividindo-o em dois grandes grupos (matrizes cientificistas e matrizes românticas e pós-românticas) e subgrupos, descrevendo como a Psicologia se organizou como saber a partir disso. Moreira (2009) se ancora no referido autor para circunscrever a Gestalt-terapia, e afirma:

A Gestalt-terapia de Perls, em certos momentos – na compreensão da vida como um fluxo positivo, ou no pragmatismo de Perls ao afirmar que sua proposta parte dele mesmo – se insere na matriz vitalista e naturista; em outros – em especial no que se refere ao conceito de campo organismo-ambiente, ou quando critica o dualismo nas psicologias – parece se inserir na matriz compreensiva, própria do pensamento fenomenológico-existencial, que rompe com o pensamento dualista (p. 10).

Isso mostra uma complexidade ao pensar a própria compreensão da Gestalt-terapia dentro desses modelos. Ribeiro (2012, p. 41, grifo nosso), ao discutir sua proposta em traçar uma base filosófica que sustente a Gestalt-terapia triangulando humanismo, existencialismo e fenomenologia, afirma ainda:

Estamos fazendo algo que, parece, Perls procurou evitar, ou seja, ligar seu pensamento a pensamentos já pensados e escritos. Nesse silêncio de Perls, entretanto, parece estar todo um convite a que cada um, *conservando o centro por ele proposto*, crie, a seu modo, uma visão existencial-filosófica de como vê a Gestalt-terapia.

Também nessa direção, Resnick (2016), como Gestalt-terapeuta que foi aluno de Fritz Perls e Jim Simkin nas origens da Gestalt-terapia, afirma que a esta está firmada sobre três pilares teóricos: a teoria de campo, a fenomenologia e o diálogo (dialogicidade). Em entrevista, conta ainda sobre como houve apropriações indevidas nos Estados Unidos acerca da Gestalt-terapia, como um irresponsável *laissez-faire*, em que tudo estaria autorizado ao Gestalt-terapeuta, enfatizando assim a necessidade de delimitações práticas e conceituais.

Juliano (1992), contando sobre a construção histórica da Gestalt-terapia, discorre sobre três modelos diferentes em seu surgimento. Afirma que havia uma “gestalt da cabeça”, uma “gestalt visceral” e uma “gestalt do coração”. A autora explicita a divergência histórica na Gestalt-terapia “pele vermelha” e “cara pálida”, em que havia o grupo de Fritz Perls com a “Gestalt visceral”, com foco no processo de frustração e promoção de *awareness*, enquanto coexistia a “Gestalt da cabeça”, com o grupo de Laura Perls e Paul Goodman pensando uma Gestalt-terapia mais teórica e sistematizada.

Com a morte de Fritz Perls e apropriações dos escritos e ensinamentos de Laura, para Juliano (1992, p. 12), a primeira geração de Gestalt-terapeutas passa a elaborar o que nomeou “Gestalt do coração”:

Parece adequada a comparação com aquelas situações familiares em que os filhos tentam encontrar um acordo entre as divergências paternas. As expressões significativas deste terceiro modelo são os textos *Gestalt-Terapia Integrada* de Erv e Miriam Polster (1973) e o de Joseph Zinker, *O Processo Criativo em Gestalt-Terapia* (1977), com a colaboração de Sonia Nevis. Nesse estilo, a proposta é integrar a focalização da *awareness* do paciente com a sua maneira de entrar em contato, especialmente na sua interação no grupo.

Ainda sobre essa multiplicidade, ao esboçar uma epistemologia da Gestalt-terapia, Holanda (2005) afirma compreender esse modelo em quatro modalidades: a) Gestalt-analítica; b) Gestalt-pragmática; c) Gestalt-fenomenológica; e d) Gestalt-existencial. Apesar da sua tentativa de compreensão destes submodelos, Holanda (2005, p. 37) enfatiza que “qualquer expressão que procure resumir a diversidade gestáltica será, invariavelmente, um reducionismo, e caminhará na direção contrária de inúmeras das propostas da mesma abordagem”.

Essas subcategorizações, ainda que didáticas, demonstram a importância de se hipotetizar e refletir que existem formas diferentes de compreender, vivenciar e praticar o que é chamado genericamente de “Gestalt-terapia”. Tal afirmação evita a falsa ideia de uma homogeneidade acerca da compreensão do que seja Gestalt-terapia. Antes de ser um problema, isso possibilitou que diversos estilos próprios pudessem ser vividos e expressados no fazer terapêutico de orientação gestalt-terapêutica. Nas palavras de Laura Perls, ao refletir sobre os diversos “estilos” de uma *práxis* gestalt-terapêutica: “Na Gestalt-terapia existem tantos estilos como terapeutas e pacientes” (1992, p. 124, tradução livre).

A amplitude epistemológica da Gestalt-terapia fica ainda mais alargada quando se considera os trabalhos recentes de Belmino (2016, 2017) que visibilizaram em solo brasileiro as leituras de Paul Goodman e sua compreensão da Gestalt-terapia como uma política. Isso significa não apenas estender a prática da Gestalt-terapia para outros campos de atuação, mas, também, para um posicionamento ético quanto a questões amplas da sociedade, de grupos e de estruturas sociais, como o governo e afins, convocando as/os Gestalt-terapeutas a pensarem temáticas sensíveis, como a violência, a desigualdade de gênero, o racismo, a distribuição de renda, entre outros tópicos.

Ainda no que tange à diversidade epistemológica, é necessário circunscrever a ideia de “Gestalt” como uma filosofia de vida, o que é explicado por Stevens (1977, pp. 14-15):

Gestalt-terapia, embora formalmente apresentada como um tipo de psicoterapia, é baseada em princípios que são considerados como uma forma saudável de vida. Em outras palavras, é primeiro uma filosofia, uma forma de ser e com base nisto, há maneiras de aplicar este conhecimento de forma que outras pessoas possam beneficiar-se dele.

Ou seja, para além de um fazer clínico, para além de suas ampliações em outras *práxis*, para além de uma política e reflexões sociais, não é incomum também a compreensão de Gestalt (Gestalt-terapia) como um conjunto de fundamentos e construtos teóricos que orientam posturas de vida, sejam as ideias de viver no aqui-agora, de estar cada vez mais consciente, de buscar um viver fluído sem interrupções neuróticas e afins.

Com isso, apesar da associação comum entre Psicologia e Gestalt-terapia em solo brasileiro, não é de se estranhar que outras áreas de atuação e conhecimento também tenham se apropriado dessa diversidade epistemológica e teórica presentes na Gestalt-terapia. Certamente, a Psicologia é uma das áreas que mais representa o fazer e pensar gestalt-terapêuticos no Brasil e talvez no mundo. Contudo, ao olhar sua complexidade, não seria estranho compreender que outras áreas de atuação também beberam da Gestalt-terapia. Diante destas afirmações, é preciso explorar minimamente as áreas multiprofissionais com referencial apoiado na Gestalt-terapia.

### *1.3 Áreas multiprofissionais com referencial da Gestalt-terapia*

Talvez isso não seja algo comum para a maioria das/dos Gestalt-terapeutas do Brasil. Entretanto, ao observar mais de perto o contexto global alcançado pela Gestalt-terapia, não raro é possível ver profissionais de outras áreas que atuam e/ou atuaram com referencial dessa abordagem, a citar a partir daquelas/es que escreveram e publicaram sobre suas práticas: Médicas/os e Psiquiatras (como Adriana “Nana” Schnake, Cláudio Naranjo e, vale lembrar, um de seus maiores expoentes, Fritz Perls, um médico), Musicoterapeutas (Isabelle Frohne-Hagemann, na Alemanha, e Marisa Manchado Torres, na Espanha), Arteterapeutas (Janie Rhyne), Educadores/Gestaltpedagogas/os ou mesmo Conselheiro Pastoral (Ward A. Knights Jr.). Com estas observações, um alargamento se faz necessário: compreender que a Gestalt-terapia é um corpo teórico que orienta também outras áreas do conhecimento, além da Psicologia.

Este argumento se sustenta ao investigar trabalhos nas áreas acima mencionadas que trazem em sua orientação epistemológica, teórica e prática fundamentos da Gestalt-terapia, como apresentados a seguir.

### *1.3.1 Psiquiatria Gestáltica/Gestalt-terapêutica*

Segundo Miranda-Sá (2007), tanto a Revolução Francesa quanto a Revolução Industrial foram marcantes no processo de transição da assistência às pessoas com transtornos mentais das mãos de diversos membros da sociedade, como religiosos, enfermeiros e afins, para a medicina. Após isso, Philippe Pinel passa a ser um nome importante para a criação de uma Psiquiatria moderna, sendo diversas vezes chamado de “pai da psiquiatria” em textos da área.

Como campo de especialidade/saber da medicina, a Psiquiatria pode ser compreendida “como disciplina científica, que vai dos fatos altamente detalhados da biologia molecular aos conceitos abstratos da mente” (Andreasen & Black, 2009, p. 9). No Brasil, tem como entidade representativa a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), que conta com cerca de 5.500 profissionais associadas/os, tendo sido fundada em 1966, no Rio de Janeiro. A formação em Psiquiatria exige graduação em Medicina e posterior especialização/residência médica na área, com prova de titulação realizada pela ABP.

A Gestalt-terapia, por vezes, é compreendida como sinônimo de uma modalidade de psicoterapia; isso força abrir parênteses a uma questão que parece anacrônica, porém, contemporânea: no Brasil, a Psicoterapia é atividade privativa da/o Psicóloga/o? Holanda (2012, p. 72) faz essa discussão trazendo o Decreto 20.931/32, que regulamentava a profissão da medicina, e a Lei 4.119/62, com a regulamentação da psicologia, discutindo assim sobre o campo das psicoterapias e suas diversas indefinições. Essa problemática fica evidente ainda hoje na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), em que é possível encontrar os registros 2251-33 – Médico psicoterapeuta e 2515-10 – Psicólogo Clínico/Psicoterapeuta (Brasil, c2017). Contudo, o Conselho Federal de Psicologia (CFP), apesar de grande discordância da categoria, explicita:

2) A psicoterapia é atividade privativa de psicólogos? O Conselho Federal de Psicologia regulamenta a atuação do psicólogo na psicoterapia, conforme Resolução CFP-010/2000. Entretanto, de acordo com a legislação brasileira, a psicoterapia não é atividade privativa de psicólogos, podendo ser praticada por outros profissionais, desde que não utilizem o título de psicólogo (Conselho Federal de Psicologia [CFP], n.d., n.p.).

Refletir sobre a psicoterapia como fazer multiprofissional é importante na medida em que o foco desta celeuma muda, invariavelmente, da disputa de classes para restringir quem pode exercê-la, para se dar mais atenção à qualificação técnica-profissional e científica para atuação na área. Isso não significa uma abertura irresponsável da prática psicoterapêutica para quaisquer profissionais que se autodeclararem psicoterapeutas. Antes, um reconhecimento de que há psicoterapeutas fora do campo da Psicologia estimula estudos e políticas sobre a categoria profissional “Psicoterapeuta” norteada por parâmetros éticos. De toda forma, esta temática foge ao objetivo central da pesquisa aqui apresentada, sendo necessárias outras reflexões a esse respeito.

Neste tópico, o objetivo é apresentar brevemente apenas a Gestalt-terapia em relação à Psiquiatria, ou uma *Psiquiatria Gestalt-terapêutica*, partindo da compreensão de que há profissionais da área que utilizam este referencial. Entre os trabalhos produzidos por Psiquiatras, é possível citar:

1) as obras de Cláudio Naranjo, em especial, *Gestalt Therapy: the attitude & practice of an atheoretical experientialism* (1993), na qual apresenta sua compreensão acerca do que seria Gestalt-terapia, dando destaque a temas como a transcendência com um suposto “aspecto transpessoal da Gestalt-terapia”, bem como a meditação e a espiritualidade;

2) os trabalhos de Adriana Schnake, em especial, *Enfermedad, síntoma y carácter* (2007), no qual sua tentativa se volta para um possível diálogo entre a sintomatologia no corpo e compreensões gestalt-terapêuticas, reiterando a compreensão holística das enfermidades na Gestalt-terapia;

3) os trabalhos de Sérgio Buarque, em especial, os verbetes na obra *Gestaltês* (2007), na qual escreve sobre “Neurose” e “Psicose”. O autor contribui para se pensar uma psicopatologia gestalt-terapêutica quando afirma: “Em se falando de critérios diagnósticos, sob o ponto de vista clínico, não há um critério gestáltico próprio. O que a Gestalt-terapia traz de diferente é a discordância quanto à limitação do diagnóstico como uma mera identificação sindrômica” (p. 173); e

4) o trabalho de Raimundo Severo Junior, intitulado *Corpo, dança e subjetivação: composições entre Dança Contemporânea, Educação Somática e Gestalt-terapia*, no qual mescla diversas áreas que visam a promoção da saúde em grupos (Sampaio, 2016).

### 1.3.2 Gestalt-Musicoterapia, Musicoterapia Gestáltica/Gestalt-terapêutica

Bruscia (2014) afirma que é certo que a música já era (e ainda é) utilizada em muitas culturas xamânicas/indígenas juntamente com intervenções focadas na saúde. Contudo, a organização e sistematização da profissão Musicoterapeuta e da área da Musicoterapia só acontecem por volta dos anos 1950 nos EUA (Bruscia, 2014) e em 1973 no Brasil (Chagas & Pedro, 2008). A extensa definição usada pela Federação Mundial de Musicoterapia afirma que:

Musicoterapia é a utilização da música e/ou seus elementos (som, ritmo, melodia e harmonia) por um/a musicoterapeuta qualificada/o, com clientes ou grupo, em um processo para facilitar, e promover a comunicação, relação, aprendizagem, mobilização, expressão, organização e outros objetivos terapêuticos relevantes, no sentido de alcançar necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas. A Musicoterapia objetiva desenvolver potenciais e/ou restabelecer funções do indivíduo para que ela/ele possa alcançar uma melhor integração intra e/ou interpessoal e, conseqüentemente, uma melhor qualidade de vida, pela prevenção, reabilitação ou tratamento (Federação Mundial de Musicoterapia, 1996, p. 4, tradução livre).

Apesar de serem divergentes os caminhos para se tornar Musicoterapeuta ao redor do mundo, no Brasil, a formação em Musicoterapia exige curso de nível superior, seja em pós-graduação *lato sensu* (especialização), seja em cursos de bacharelado em Musicoterapia com duração de 4 anos. A profissão está organizada e se fortalece em diversos países a partir de associações. Como exemplo, é possível mencionar a Federação Mundial de Musicoterapia (WFMT, nos EUA), o Comitê Latinoamericano de Musicoterapia (CLAM), bem como a União Brasileira de Associações de Musicoterapia (UBAM), que congrega as diversas associações estaduais de Musicoterapia em território brasileiro.

Destacam-se os esforços coletivos de diversos Musicoterapeutas no Brasil para o fortalecimento da profissão, como as tentativas de regulamentação (a exemplo do Projeto de Lei 4.827/01 e o Projeto de Lei 25/05), a construção e manutenção do periódico *online* Revista Brasileira de Musicoterapia, a conquista do registro na CBO sob o número 2263-05 (Brasil, c2017), a inclusão de procedimentos musicoterapêuticos na política pública do SUS em 2013 e sua ampliação em 2017, entre outros.

Assim como na Psicologia, a Musicoterapia se apropriou de diversas abordagens para organizar a compreensão e o fazer dos processos musicoterapêuticos. Entre eles, timidamente, aparece a Gestalt-musicoterapia. Quatro trabalhos de Musicoterapeutas podem ser citados aqui:

1) o artigo da musicoterapeuta estadunidense Wheeler (1981), em que parece surgir pela primeira vez o termo “gestalt music therapist”, traduzido livremente como “Gestalt-

musicoterapeuta”. A autora discute a relação da Musicoterapia com correntes psicoterapêuticas e situa entre elas a Gestalt-terapia;

2) a conferência de Frohne (1991, p. 37, grifo nosso), transcrita na obra *Música e Saúde*, na qual a autora afirma que “a gestalt-terapia e a musicoterapia se baseiam na consciência do que está acontecendo aqui e agora, ambas são voltadas para a experimentação dos sentimentos”;

3) o livro espanhol *Musicoterapia gestáltica: proceso sonórico*, de Torres (2009), escrito como trabalho de conclusão exigido pela *European Association of Gestalt Therapy* (EAGT); e

4) em solo nacional, o artigo do musicoterapeuta brasileiro Renato Tocantins Sampaio, “Considerações sobre a Linguagem na Prática Clínica Musicoterapêutica numa Abordagem Gestáltica” (Sampaio, 2007).

Outros achados na busca pela correlação entre Gestalt-terapia e Musicoterapia são: a citação a Perls, Hefferline & Goodman (1951) presente em *Caminhos da Musicoterapia* (Ruud, 1990), obra importante da área; bem como a citação ao trabalho de Joseph Zinker em Bruscia (2014), autor que propõe um compêndio de definições da Musicoterapia. No Brasil, é possível citar o livro *A Estética do Contato* (Peixoto & Silveira, 2012), obra gestáltica brasileira em coautoria entre um Musicoterapeuta e uma Psicóloga, ambos Gestalt-terapeutas; e o livro *Gestalt-terapia & Contatologia: filosofia, arte e clínica dos processos de formação das superfícies contatuais* (Peixoto, 2018), em que, mesmo não discutindo centralmente a Musicoterapia em relação à Gestalt-terapia, há um Musicoterapeuta e Gestalt-terapeuta envolvido em suas produções.

### 1.3.3 Gestaltpedagogia

A Pedagogia possui diversas e complexas definições. Saviani (2008) discute profundamente as abordagens e perspectivas dentro da Pedagogia contemporânea; entre seus escritos, há um destaque em que afirma que “[...] toda pedagogia é teoria da educação, mas nem toda teoria da educação é pedagogia. Na verdade, o conceito de pedagogia reporta-se a uma teoria que se estrutura a partir e em função da prática educativa” (pp. 80-81). Como exploração, nesta categoria, também serão inseridas as relações entre Psicopedagogia e Gestalt-terapia.

A profissão de Psicopedagoga/o está organizada no Brasil por meio da Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp) e suas regionais, tendo sido fundada em 1980. Desde

essa época, houve algumas tentativas de regulamentação, com conquistas como o registro CBO 2394-25 Psicopedagogo. A página virtual da ABPp apresenta as “Diretrizes da formação de psicopedagogos no Brasil”, documento que especifica quais profissionais podem cursá-la, e uma carga horária mínima de 600h a ser cumprida.

Com isso, vislumbra-se o horizonte do que poderia ser uma interface não só diretamente da Pedagogia com a Gestalt-terapia, mas, da Psicopedagogia com a Gestalt-terapia. Em 1981, foi publicada a obra que propõe a interface entre Pedagogia e a Gestalt-terapia intitulada na versão brasileira *Gestaltpedagogia: um caminho para a escola e a educação* (Burow & Scherpp, 1985), traduzida por Luiz Alfredo Lilienthal.

Burow e Scherpp (1985, p. 104) afirmam nesse trabalho que “não se deve perder de vista que a gestaltpedagogia representa uma abordagem no sentido de utilizar as ideias da gestalt-terapia na pedagogia”. Os autores destacam essa informação ao discutir as diferentes abordagens existentes na Gestaltpedagogia, mencionando a “Pedagogia Integrativa” de 1977 de Hillarion Petzold, conhecido por alguns como o fundador da Gestaltpedagogia.

No trabalho de Dusi, Neves e Anthony (2006, p. 158), se esclarece essa aproximação:

A abordagem gestáltica e a psicopedagogia estabelecem, portanto, uma interface teórico-prática, contribuindo para a ampliação das concepções que permeiam os fenômenos aprendizagem e desenvolvimento e para a re-estruturação de campos perceptuais cristalizadores do cotidiano escolar. Ambas representam partes de uma totalidade possível e válida à compreensão do processo de aprendizagem e de intervenção escolar.

Quatro trabalhos genuinamente brasileiros podem ser mencionados nessa temática:

1) a dissertação de mestrado de Lilienthal (1997), intitulada *A Gestaltpedagogia sai às ruas para trabalhar com crianças e educadores de rua*;

2) a dissertação de mestrado de Bönmann (2001), intitulada *O uso da Gestaltpedagogia no desenvolvimento das inteligências múltiplas aplicada no processo de ensino-aprendizagem*;

3) a dissertação de Suassuna (2002), intitulada *A relação professor-aluno a partir da Gestaltpedagogia: a intersubjetividade como elemento significativo para a aprendizagem*; e

4) a monografia de L. D. M. Costa (2008), intitulada *A Gestaltpedagogia e suas possíveis contribuições no contexto do ensino superior*.

Além desses trabalhos, é possível localizar artigos em periódicos diversos correlacionando as áreas; contudo, estes trabalhos costumam ser desenvolvidos por

profissionais com formação em Psicologia, parecendo haver um desenvolvimento mais conhecido do que é “Gestaltpedagogia” dentro da comunidade de Gestalt-terapeutas do Brasil.

#### 1.3.4 Aconselhamento Pastoral Gestáltico/Gestalt-terapêutico

A prática de *counseling*, traduzida livremente como “aconselhamento”, possui diversos desdobramentos. Silva (2010, p. 306) define a diferença dos processos de *coaching*, *mentoring* e *counseling*:

[...] uma das principais singularidades do *counseling*, a sua proximidade com os processos terapêuticos. Ou seja, no *counseling*, o objetivo central é a busca do bem-estar do indivíduo, podendo o processo contemplar qualquer dimensão da sua vida, inclusive de ordem emocional. Além disso, o cliente é único responsável pela definição dos objetivos a serem alcançados no trabalho.

Apesar de não ser comum no Brasil a prática e discussão teórica acerca do *counseling* nos ciclos gestalt-terapêuticos, há expoentes internacionais que trabalharam nessa direção. Como exemplo, a obra de Petruska Clarkson (2013), *Gestalt Counselling in Action*, em sua quarta edição, aborda esta temática.

Entre as diversas modalidades de *counseling*, há o Aconselhamento Pastoral, no qual a/o profissional *counselor* tem “como objetivo maior, em termos simples que pessoas (casais e membros de famílias ou pequenos grupos) vivam sabiamente à luz de Deus [...]. O aconselhamento pastoral é um ofício e uma forma especial do ministério do cuidado pastoral na Igreja” (Schipani, 2004, p. 97). É comum no Brasil a existência de Instituições de Ensino Superior nas áreas de Teologia e Ciências da Religião oferecerem pós-graduações nesta área.

Não é necessária a formação em Psicologia para cursar tais pós-graduações; em algumas instituições, o público é composto por pessoas religiosas como freiras, padres e qualquer profissional interessado com graduação. Em Curitiba (PR), a fim de exemplificação, há um curso de “Aconselhamento Pastoral” que oferece uma disciplina de “Counselling e Gestalt-terapia”, visando sensibilizar profissionais aconselhadoras/es às reflexões e formas de compreender o ser humano à luz da Gestalt-terapia.

Há também nos EUA uma obra inteira dedicada à interface da Gestalt-terapia com o Aconselhamento Pastoral no trabalho de Knights (2002), intitulada *Pastoral Counseling: A Gestalt Approach*, sem tradução para o português até o momento. Na descrição da obra de Knights, é delimitado seu objetivo:

[...] oferecer a pastores e rabinos um conhecimento prático das técnicas básicas e atitudes pioneiras de Fritz Perls [...]. O aconselhamento pastoral explica os objetivos básicos do trabalho da Gestalt, que são alcançar espontaneidade e expressividade e avançar para a autenticidade pessoal (2002, n.p., tradução livre).

### 1.3.5 Arteterapia Gestáltica/Gestalt-terapêutica

A utilização de diversos recursos artísticos como meios expressivos acompanhou o desenvolvimento da humanidade. A arteterapia é definida pela Associação Americana de Arteterapia da seguinte maneira:

Arteterapia é uma profissão de saúde mental na qual os clientes, facilitados pelo arteterapeuta, usam mídias artísticas, o processo criativo e a obra resultante para explorar seus sentimentos, conciliar conflitos emocionais, promover a autoconsciência, gerenciar comportamentos e vícios, desenvolver habilidades sociais, melhorar a orientação da realidade, reduzir a ansiedade e aumentar a autoestima. Um objetivo na arteterapia é melhorar ou restaurar o funcionamento de um cliente e seu senso de bem-estar pessoal. A prática de arteterapia requer o conhecimento da arte visual (desenho, pintura, escultura e outras formas de arte) e do processo criativo, bem como do desenvolvimento humano, psicológico e teorias e técnicas de aconselhamento (*American Art Therapy Association*, c2013, p. 1, tradução livre).

A arteterapia como ciência e profissão, porém, é mais recente e sua história é contada, segundo Sei (2009), de muitas maneiras, ora enfatizando seu surgimento na Europa, em estudos e observações clínicas como as de Freud e Jung, ora nos Estados Unidos, dando destaque à Associação Americana de Arteterapia. Apesar da constante vinculação à Psicologia, a área é híbrida e pode ser praticada por profissionais com formações diversas, como educadoras/es, médicas/os, enfermeiras/os, terapeutas ocupacionais etc.

No Brasil, a profissão está organizada em diversas Associações. Mesmo que ainda não regulamentada, possui o número CBO 2263-10, tendo como órgão máximo a União Brasileira de Associações de Arteterapia (UBAAT), que congregam as diversas associações estaduais do Brasil. No site da UBAAT, ao explicitarem como surgiu a Arteterapia, mencionam a Gestalt-terapia:

Utilizando-se dos princípios da Gestalt-terapia, Janie Rhyne descreve sua experiência e transformações de seus clientes com a aplicação de suas técnicas de fazer arte. Escreve o livro “The Gestalt Art Experience”<sup>6</sup> que relata a possibilidade de promover o contato, com os conflitos e reorganizar as próprias percepções através da arte. [...]

---

<sup>6</sup> No Brasil, foi traduzido como *Arte e Gestalt: padrões que convergem* e publicado em 1993 pelo Grupo Summus.

Outras teorias mais recentes vêm fundamentando a área, tais como a Gestalt de Perls, o Psicodrama de Moreno, as linhas humanista, sistêmica e transpessoal (Arteterapia, n.d.).

Outro dado interessante é que o primeiro curso de especialização em Arteterapia realizado pelo instituto Sedes Sapientiae (São Paulo), em 1990, foi organizado por Selma Ciornai, Gestalt-terapeuta e Arteterapeuta – inclusive sendo ela quem assina a apresentação à obra de Rhyne na versão brasileira. Ciornai (1993/2000, p. 11) discorre:

[...] os fundamentos básicos da abordagem que Janie desenvolveu posteriormente como *Arteterapia gestáltica* já estão firmemente implantados e presentes nesta obra: o respeito e a genuína curiosidade pela singularidade de cada um, a postura fenomenológica e não-interpretativa na leitura dos trabalhos produzidos, a importância de observar e relacionar-se tanto com a linguagem das formas quanto com a linguagem simbólica, e tanto com o processo quanto as reflexões posteriores sobre este processo [...].

Selma Ciornai também organizou três volumes da obra *Percursos em Arteterapia*. No primeiro, subtulado *Arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia e supervisão em Arteterapia* (2004), são traçados paralelos semelhantes tanto na prática da Gestalt-terapia com a Arteterapia gestáltica quanto nas bases epistemológicas que orientam a ambas.

Atualmente, há em uma rede social virtual um grupo brasileiro intitulado “Arteterapia gestáltica” que conta com 527 membros, mostrando um número razoável de pessoas interessadas nessa interface entre Arteterapia e Gestalt-terapia.

### *1.3.6 Breves considerações: Gestalt-terapia multiprofissional*

Assim, reconhecidos, ainda que tímidos, os movimentos dentro da Psiquiatria, da (Psico)Pedagogia, da Musicoterapia, do Aconselhamento (*Counseling*) e da Arteterapia a fim de encontrarem formas para se constituírem como práticas e saberes que também podem ser alicerçadas na Gestalt-terapia, é preciso reconhecer que o campo convoca a uma abertura e ampliação para uma compreensão de uma Gestalt-terapia multiprofissional.

Ainda no que diz respeito a essa Gestalt-terapia multiprofissional, vale mencionar o Estatuto Social da ABG, que afirma, em seu artigo 6º: “A ABG é constituída de associados profissionais, psicólogos, médicos e *profissionais afins* com curso superior que tenham completado formação em Gestalt-terapia e/ou na Abordagem Gestáltica, em consonância com princípios fundamentais da ABG” (Associação Brasileira de Gestalt-terapia & Abordagem

Gestáltica, 2017, p. 2, grifo nosso). Ou seja, politicamente, como entidade representativa que congrega Gestalt-terapeutas do Brasil, esta abertura parece estar minimamente reconhecida.

#### 1.4 O que não é Gestalt-terapia

Talvez haja certa ousadia com este tópico ao afirmar “o que não é Gestalt-terapia”. Entretanto, 1) após traçadas as ideias do que significam os termos *Gestalt-terapia*, *Abordagem Gestáltica*, *Psicologia da Gestalt* e *Psicoterapia Gestaltista*, considerando que se apresentam linguisticamente com raízes semelhantes e geram diversas confusões teóricas e práticas entre Gestalt-terapeutas e estudantes da área; 2) após as discussões acerca da complexidade epistemológica da Gestalt-terapia; e 3) após afirmar os diferentes campos de práticas e saberes que utilizam a Gestalt-terapia como suporte teórico, ainda parece ser necessário estabelecer algumas considerações buscando minimamente afirmar o que *não* seria Gestalt-terapia.

A Gestalt-terapia é uma filosofia com um corpo teórico-prático-artístico que orienta a *práxis* da Psicologia, Psiquiatria, Musicoterapia, Pedagogia, Arteterapia e quaisquer áreas afins dentro dos campos da saúde, educação e arte que se proponham a utilizar de forma coerente os conceitos e teorias que a fundamentam, como a teoria de campo, a fenomenologia, o existencialismo, humanismo, teoria organísmica e o dialogismo.

Mesmo residindo aqui uma dificuldade epistemológica e conceitual em delimitar todo o emaranhado linguístico e teórico que sustenta a Gestalt-terapia, como já discutido nos tópicos anteriores, vale destacar que as práticas que não norteiem seus fundamentos pautados na complexa relação entre tais teorias não serão gestalt-terapêuticas. As tão comuns e indevidas apropriações feitas pelo “Gestalt e \_\_\_\_\_”, ainda hoje presentes, exemplificam isso. Como diz Laura Perls:

Infelizmente o modelo de workshops tem se tornado amplamente aceito como a essência da Gestalt-terapia e aplicado por um número crescente de terapeutas com quem quer que estejam trabalhando. Assim, a Teoria da Gestalt foi sendo reduzida a uma modalidade puramente *técnica* [...]. E assim temos sensibilização e Gestalt, conscientização corporal e Gestalt, Bioenergética e Gestalt, terapias de arte e dança e Gestalt, Meditação Transcendental e Gestalt, e qualquer coisa e Gestalt *ad infinitum*. Todas estas combinações mostram que os conceitos básicos da Gestalt-terapia são ou mal compreendidos ou simplesmente desconhecidos (1977/1992, p. 4, tradução livre).

Assim, qualquer prática coerente com a Gestalt-terapia necessariamente precisará sustentar seu olhar, sua escuta e/ou sua produção nestas teorias, não sendo suficiente a

utilização de técnicas ou conceitos de forma isolada. Como teoria que se constituiu em um movimento de contracultura e de anarquismo, vale dizer que estas palavras não são para criar rigidez com afirmativas como “isto que você faz não é Gestalt-terapia”; antes disso, é um convite à reflexão. O ponto norteador de uma *práxis* gestalt-terapêutica precisa ser o complexo conjunto de teorias e conceitos que estruturam a Gestalt-terapia, mesmo que eventualmente a ênfase se dê em um de seus pilares.

Diante do exposto, é utilizada a compreensão ampla de Gestalt-terapia, multiprofissional e complexa, em toda a escrita deste trabalho. Como posicionamento ético e político, nestes escritos, a palavra *Gestalt-terapia* representa um termo macro que engloba tanto a *Gestalt-terapia clínica (psicoterapêutica)*, quanto as noções de *Abordagem Gestáltica*, bem como a *Gestalt-terapia praticada por profissionais de diversos saberes*. Compreendendo-se, *a priori*, como Gestalt-terapeuta quaisquer profissionais de saúde e educação que possuam formação e prática em Gestalt-terapia e/ou se proponham a atuar eticamente utilizando seus conceitos de forma coerente com a fundamentação da Gestalt-terapia.

Essas discussões são retomadas no Capítulo IV – Formações brasileiras em Gestalt-terapia, Capítulo V – A identidade de Gestalt-terapeutas do Brasil: Análise Quantitativa e Capítulo VI – A identidade de Gestalt-terapeutas do Brasil: Análise Qualitativa.

## CAPÍTULO II – HISTÓRIA DA GESTALT-TERAPIA NO BRASIL: ENCONTROS E CONGRESSOS

Este capítulo tem como objetivo circunscrever historicamente a Gestalt-terapia brasileira, levando em conta que a temática da pesquisa trata da formação e identidade de Gestalt-terapeutas em território nacional. Para seu desenvolvimento, optou-se por apresentar uma linha do tempo de encontros e congressos nacionais, destacando a forma como esses eventos estiveram distribuídos pelas diferentes regiões brasileiras no período de 1987 a 2018, a partir de levantamento documental.

### *2.1 A Gestalt-terapia a partir encontros e congressos brasileiros (1987-2018)*

Discutir a formação e a identidade de Gestalt-terapeutas no Brasil, tema desta pesquisa, exige que sejam pensados alguns caminhos que levaram a organização do grupo que se reconhece genericamente como Gestalt-terapeuta. A chegada da Gestalt-terapia ao Brasil costuma ser datada nos anos 1970. O seu primeiro marco acadêmico é a publicação do artigo “Elementos de psicoterapia gestáltica”<sup>7</sup> (Tellegen, 1972), no periódico Boletim de Psicologia de São Paulo.

Para além disso, houve um crescimento da comunidade gestalt-terapêutica com grupos de encontros, workshops e estudos de textos, com seus praticantes passando a se organizar em encontros e congressos, espaços privilegiados para troca de saberes e práticas. Holanda & Karwowski (2004) narram essa história circunscrevendo o período de 1987 a 2004 quanto aos encontros nacionais. A fim de retomar a história, esses dados serão ampliados nesta seção para o período de 1987 a 2018, tendo como marco os 31 anos do Encontro Nacional de Gestalt-terapia & Congresso Brasileiro da Abordagem Gestáltica.

Para isso, foram selecionados eventos de alcance nacional, regional (estadual e local), bem como duas edições do Congresso Internacional de Gestalt-terapia sediadas no Brasil no período em recorte. Eventos como simpósios, colóquios e semanas acadêmicas de cursos de graduação não compuseram a amostra. Com estes critérios, o Quadro 2 – Encontros e congressos de Gestalt-terapia no Brasil foi construído com 95 (noventa e cinco) eventos, apresentando-se abaixo as linhas de eventos contemplados com seu respectivo quantitativo de edições:

---

<sup>7</sup> Curiosamente, vale um destaque para a nomenclatura usada por Tellegen na sua publicação. A utilização da palavra “gestáltica” é feita apenas no título do artigo. Ao longo do trabalho escrito, porém, aparecem os termos “Terapia Gestáltica” e “Gestalt Terapia” (1972, p. 27).

- Encontro Nacional de Gestalt-terapia & Congresso Brasileiro da Abordagem Gestáltica (1987-2018) [16 edições]
- Encontro Norte-Nordeste de Gestalt-terapia (1990-2017) [7 edições]
- Encontro Nortista da Abordagem Gestáltica (2012-2013) [2 edições]
- Encontro Regional Sul de Gestalt-terapia (1993-1995) [2 edições]
- Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica (1995-2018) [24 edições]
- Encontro Carioca de Gestalt-terapia (2004-2017) [14 edições]
- Encontro Candango de Gestalt-terapia (2004-2006) [2 edições]
- Encontro Catarinense de Gestalt-terapia (2008-2014) [5 edições]
- Encontro Baiano de Gestalt-terapia (2010-2014) [2 edições]
- Encontro Curitibano da Abordagem Gestáltica (2015-2016) [2 edições]
- Congresso de Gestalt-terapia do Estado do Rio de Janeiro (2005-2017) [6 edições]
- Jornada Paulista de Gestalt (1998-2015) [9 edições]
- Congresso Mineiro de Gestalt-terapia (2017) [1 edições]
- Encontro Maranhense de Gestalt-terapia (2018) [1 edições]
- Congresso Internacional de Gestalt-terapia (Edições no Brasil) (2000, 2015) [2 edições]

Por se tratar de dados históricos não sistematizados da Gestalt-terapia brasileira, o conteúdo do quadro foi organizado a partir de fontes diversas. De acordo com a classificação de Gil (2008), o conteúdo desenvolvido neste capítulo pode ser compreendido como uma pesquisa documental com documentos de primeira mão, que ainda não foram analisados, e documentos de segunda mão, que já receberam algum tipo de análise.

O levantamento foi realizado a partir de buscadores *online*, com dados parciais do site do Centro de Documentação da Gestalt-terapia Brasileira<sup>8</sup>, dos trabalhos de Juliano (1992), Holanda & Karwowski (2004) e Esch (2012), utilizando buscas na Plataforma Lattes, bem como do contato direto com Gestalt-terapeutas da rede do pesquisador que estiveram como participantes ou organizadoras/es desses eventos.

O objetivo do quadro não foi esgotar toda a imensidão de eventos realizados no período, mas, obter dados para pensar a difusão da Gestalt-terapia em solo brasileiro por região geográfica, considerando a extensão do território nacional.

---

<sup>8</sup> <https://www.igt.psc.br/ojs2/index.php>, recuperado em 29, julho, 2017.

Quadro 2 – Encontros e congressos de Gestalt-terapia no Brasil

Legenda: tabela de cores orientando a leitura abaixo					
EN/CB = Encontros Nacionais e Congressos Brasileiros			ENNE/S = Encontros Norte-Nordeste e Regional Sul		
EE/L = Encontros Estaduais e Locais			CI = Congressos Internacionais		
Encontros e congressos de Gestalt-terapia no Brasil					
#	Ano	Nome do evento	Cidade – Estado	Tema	Abrangência
1	1987	I Encontro de Gestalt-terapeutas do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Um convite à reflexão	EN/CB
2	1989	II Encontro Nacional de Gestalt-terapia	Caxambu – Minas Gerais	(Não encontrado)	EN/CB
3	1990	I Encontro Norte-Nordeste de Gestalt-terapia	Recife – Pernambuco	(Não encontrado)	ENNE/S
4	1991	III Encontro Nacional de Gestalt-terapia	Brasília – Distrito Federal	(Não encontrado)	EN/CB
5	1992	II Encontro Norte-Nordeste de Gestalt-terapia	Fortaleza – Ceará	(Não encontrado)	ENNE/S
6	1993	IV Encontro Nacional de Gestalt-terapia & I Congresso Brasileiro de Abordagem Gestáltica	Recife – Pernambuco	(Não encontrado)	EN/CB
7	1993	I Encontro Regional Sul de Gestalt Terapia	Bateias de Baixo – Santa Catarina	(Sem tema)	ENNE/S
8	1994	III Encontro Norte-Nordeste de Gestalt-terapia	Fortaleza – Ceará	(Não encontrado)	ENNE/S
9	1995	I Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica	Goiânia – Goiás	(Não encontrado)	EE/L
10	1995	V Encontro Nacional de Gestalt-terapia & II Congresso Nacional <sup>9</sup> da Abordagem Gestáltica	Vitória – Espírito Santo	A Gestalt que fazemos no Brasil de hoje	EN/CB
11	1995	II Encontro Regional Sul de Gestalt Terapia	Curitiba – Paraná	(Sem tema)	ENNE/S
12	1996	II Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica	Goiânia – Goiás	(Não encontrado)	EE/L
13	1996	IV Encontro Norte-Nordeste de Gestalt-terapia	Camaragibe – Paraíba	(Não encontrado)	ENNE/S
14	1997	III Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica	Goiânia – Goiás	(Não encontrado)	EE/L
15	1997	VI Encontro Nacional de Gestalt-terapia & III Congresso Brasileiro da Abordagem Gestáltica	Florianópolis – Santa Catarina	(Não encontrado)	EN/CB
16	1998	IV Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica	Goiânia – Goiás	(Não encontrado)	EE/L
17	1998	I Jornada Paulista de Gestalt	São Paulo	(Não encontrado)	EE/L
18	1999	V Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica	Goiânia – Goiás	Humanizando o diagnóstico	EE/L

<sup>9</sup> Apesar do nome oficialmente ter se assumido como “Congresso Brasileiro da Abordagem Gestáltica”, na edição de 1995, de acordo com os documentos do evento, este foi intitulado “Congresso Nacional da Abordagem Gestáltica”.

19	1999	VII Encontro Nacional de Gestalt-terapia & IV Congresso Brasileiro da Abordagem Gestáltica I Fórum de Formação em Gestalt-terapia	Goiânia – Goiás	(Não encontrado)	EN/CB
20	2000	VI Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica	Goiânia – Goiás	(Não encontrado)	EE/L
21	2000	II Jornada Paulista de Gestalt	São Paulo	Ficar, namorar, casar... e o amor.	EE/L
22	2000	VII Congresso Internacional de Gestalt Terapia	Rio de Janeiro	(Não encontrado)	CI
23	2001	VII Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica	Goiânia – Goiás	(Não encontrado)	EE/L
24	2001	VIII Encontro Nacional de Gestalt-terapia & V Congresso Brasileiro da Abordagem Gestáltica II Fórum de Formação em Gestalt-terapia	Fortaleza – Ceará	Formação, construção e desenvolvimento da Gestalt-terapia	EN/CB
25	2002	VIII Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica	Goiânia – Goiás	Relação Dialógica: a cura pelo encontro	EE/L
26	2002	III Jornada Paulista de Gestalt	São Paulo	Homem/Mulher Masculino/Feminino	EE/L
27	2003	IX Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica	Goiânia – Goiás	A Emergência da Totalidade	EE/L
28	2003	IX Encontro Nacional de Gestalt-terapia & VI Congresso Brasileiro da Abordagem Gestáltica	Gramado – Rio Grande do Sul	A Estética das Relações Humanas no Século XXI	EN/CB
29	2004	X Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica	Goiânia – Goiás	O Aqui-agora gestáltico	EE/L
30	2004	IV Jornada Paulista de Gestalt	São Paulo	Corpo e Corporeidade	EE/L
31	2004	Encontro Carioca de Gestalt-terapia	Rio de Janeiro	(Não encontrado)	EE/L
32	2004	I Encontro Candango de Gestalt-terapia	Brasília – Distrito Federal	(Não encontrado)	EE/L
33	2005	XI Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica	Goiânia – Goiás	Presença e existência	EE/L
34	2005	II Encontro Carioca de Gestalt-terapia	Rio de Janeiro	(Não encontrado)	EE/L
35	2005	I Congresso de Gestalt-terapia do Estado do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Nosso Jeito de Fazer Gestalt	EE/L
36	2005	X Encontro Nacional de Gestalt-terapia & VII Congresso Brasileiro da Abordagem Gestáltica	Uberlândia – Minas Gerais	Subjetivação na Contemporaneidade: Malogro e Transcendência	EN/CB
37	2006	XII Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica	Goiânia – Goiás	Gestalt e Fenomenologia: Diálogos, Desafios e Possibilidades	EE/L
38	2006	III Encontro Carioca de Gestalt-terapia	Rio de Janeiro	(Não encontrado)	EE/L
39	2006	V Jornada Paulista de Gestalt	São Paulo	(Não encontrado)	EE/L
40	2006	II Encontro Candango de Gestalt-terapia	Brasília – Distrito Federal	(Não encontrado)	EE/L
41	2007	XIII Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica	Goiânia – Goiás	Eu-Tu-Nós	EE/L
42	2007	IV Encontro Carioca de Gestalt-Terapia	Rio de Janeiro	(Não encontrado)	EE/L

43	2007	XI Encontro Nacional de Gestalt-terapia & VIII Congresso Nacional da Abordagem Gestáltica	Rio de Janeiro	A Evolução da Gestalt-Terapia Brasileira. 20 anos de Encontros. E agora?	EN/CB
44	2008	XIV Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica	Goiânia – Goiás	Pesquisa-Reflexão-Ação	EE/L
45	2008	V Encontro Carioca de Gestalt-terapia	Rio de Janeiro	Sonhos, espiritualidade e ecologia humana	EE/L
46	2008	VI Jornada Paulista de Gestalt	São Paulo	Relações humanas na contemporaneidade	EE/L
47	2008	II Congresso de Gestalt-terapia do Estado do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	A Gestalt em Ação num Mundo em Transformação	EE/L
48	2008	Encontro Catarinense de Gestalt-terapia	Florianópolis – Santa Catarina	O sentido ético da clínica gestáltica	EE/L
49	2009	XV Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica	Goiânia – Goiás	Holismo, Ecologia e Espiritualidade - Caminhos de uma Gestalt Plena	EE/L
50	2009	VI Encontro Carioca de Gestalt-terapia	Rio de Janeiro	Sexualidade e Outros Temas Contemporâneos em Gestalt-Terapia	EE/L
51	2009	II Encontro Catarinense de Gestalt-terapia	Florianópolis – Santa Catarina	As clínicas gestálticas: neurose, psicose e sofrimento ético-político	EE/L
52	2009	XII Encontro Nacional de Gestalt-terapia & IX Congresso Nacional da Abordagem Gestáltica	Vitória – Espírito Santo	A Gestalt-Terapia, a Contemporaneidade e suas Implicações Sociais	EN/CB
53	2010	XVI Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica	Goiânia – Goiás	Gestalt, Fenomenologia e Saúde Existencial	EE/L
54	2010	VII Encontro Carioca de Gestalt-terapia	Rio de Janeiro	Arte, subjetividade e sociedade	EE/L
55	2010	VII Jornada Paulista de Gestalt	São Paulo	Contextos em que a Gestalt é o texto	EE/L
56	2010	III Congresso de Gestalt-terapia do Estado do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Transformação no Campo em Busca de uma Boa Forma	EE/L
57	2010	III Encontro Catarinense de Gestalt-terapia	Florianópolis – Santa Catarina	Contato em questão: intimidade e virtualidade	EE/L
58	2010	I Encontro Baiano de Gestalt-terapia	Salvador – Bahia	(Não encontrado)	EE/L
59	2011	XVII Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica	Goiânia – Goiás	Abordagem Gestáltica como expressão da relação pessoa-mundo	EE/L
60	2011	VIII Encontro Carioca de Gestalt-terapia	Rio de Janeiro	O conceito de Pessoa e Mundo em Gestalt-Terapia	EE/L
61	2011	XIII Encontro Nacional de Gestalt-terapia & X Congresso Nacional da Abordagem Gestáltica	São Pedro – São Paulo	60 Anos de Gestalt-Terapia: Ser Humano	EN/CB
62	2012	XVIII Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica	Goiânia – Goiás	Crises existenciais contemporâneas e processos de mudança	EE/L
63	2012	IX Encontro Carioca de Gestalt-terapia	Rio de Janeiro	Gestalt-Terapia: A Terapia do Aqui e Agora	EE/L

64	2012	VIII Jornada Paulista de Gestalt	São Paulo	Transformações Contemporâneas	EE/L
65	2012	IV Congresso de Gestalt-terapia do Estado do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Uma abordagem autorreguladora. Caminhos percorridos e a percorrer.	EE/L
66	2012	IV Encontro Catarinense de Gestalt-terapia	Florianópolis – Santa Catarina	O Sentido Político da Gestalt-terapia	EE/L
67	2012	V Encontro Norte-Nordeste de Gestalt-terapia	Fortaleza – Ceará	Por uma Gestalt do Encontro	ENNE/S
68	2012	II Encontro Nortista da Abordagem Gestáltica e Gestalt-terapia <sup>10</sup>	Belém - Pará	Ensino, Pesquisas e Intervenções na Amazônia	ENNE/S
69	2013	XIX Encontro Goiano Da Abordagem Gestáltica	Goiânia – Goiás	A Estética, A Ética e o Sagrado no Encontro Humano	EE/L
70	2013	X Encontro Carioca de Gestalt-terapia	Rio de Janeiro	Questões Contemporâneas na Prática Clínica	EE/L
71	2013	III Encontro Nortista da Abordagem Gestáltica	Belém – Pará	Configurações Humanas na Contemporaneidade	ENNE/S
72	2013	XIV Encontro Nacional de Gestalt-terapia & XI Congresso Brasileiro da Abordagem Gestáltica	Recife – Pernambuco	(Não encontrado)	EN/CB
73	2014	XX Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica	Goiânia - Goiás	O sofrimento psíquico na ótica da Abordagem Gestáltica	EE/L
74	2014	VI Encontro Norte-Nordeste de Gestalt-terapia	Belém – Pará	Ampliando fronteiras	ENNE/S
75	2014	XI Encontro Carioca de Gestalt-terapia	Rio de Janeiro	(Não encontrado)	EE/L
76	2014	V Congresso de Gestalt-Terapia do Estado do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Tramas e dramas do ser humano na contemporaneidade: conexões gestálticas	EE/L
77	2014	V Encontro Catarinense de Gestalt-terapia	Florianópolis – Santa Catarina	Diferença e inclusão	EE/L
78	2014	II Encontro Baiano de Gestalt-terapia	Salvador – Bahia	(Não encontrado)	EE/L
79	2015	IX Jornada Paulista de Gestalt	São Paulo	Navegar é preciso, viver não é preciso	EE/L
80	2015	XXI Encontro Goiano Da Abordagem Gestáltica	Goiânia – Goiás	A Abordagem Gestáltica A Serviço Do Homem Contemporâneo	EE/L
81	2015	XIV Congresso Internacional de Gestalt-terapia	Rio de Janeiro	Gestalt-Terapia: Desafios Das Práticas No Mundo Em Transformação	CI
82	2015	Encontro Curitibano de Gestalt-terapia	Curitiba – Paraná	Práticas gestálticas contemporâneas	EE/L
83	2015	XII Encontro Carioca de Gestalt-terapia	Rio de Janeiro	Experimentos e intervenções fenomenológicas na Gestalt-terapia	EE/L

<sup>10</sup> Não houve um “I Encontro Nortista da Abordagem Gestáltica”; a primeira edição foi intitulada apenas “I Encontro de Gestalt da UFPA” e aconteceu em 2002.

84	2016	II Encontro Curitibano da Abordagem Gestáltica	Curitiba – Paraná	Fluindo na adversidade	EE/L
85	2016	XXII Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica	Goiânia – Goiás	Identidade e crise: a busca do sentido de ser	EE/L
86	2016	XIII Encontro Carioca de Gestalt-terapia	Rio de Janeiro	O terapeuta gestáltico e suas implicações clínicas	EE/L
87	2016	XV Encontro Nacional de Gestalt-terapia & XII Congresso Brasileiro da Abordagem Gestáltica	Fortaleza – Ceará	Gestalt-terapia em Trans-forma-ção? Ecos da contemporaneidade brasileira	EN/CB
88	2017	XXIII Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica	Goiânia – Goiás	Contemporaneidade e Afeto: Crise e Resgate da Dualidade Amorosa	EE/L
89	2017	I Congresso Mineiro de Gestalt-terapia	Belo Horizonte – Minas Gerais	A Prática Clínica na Contemporaneidade	EE/L
90	2017	VII Encontro Norte-Nordeste de Gestalt-terapia	Rio Branco – Acre	Encontros, Experiências e Novos Caminhos	ENNE/S
91	2017	XIV Encontro Carioca de Gestalt-terapia	Rio de Janeiro	A Clínica e seus Desafios do Século XXI	EE/L
92	2017	VI Congresso de Gestalt-terapia do Estado do Rio de Janeiro	Cabo Frio – Rio de Janeiro	Desafios e possibilidades da Gestalt-terapia frente à crise contemporânea	EE/L
93	2018	XXIV Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica	Goiânia – Goiás	O corpo como figura: A corporeidade na Abordagem Gestáltica	EE/L
94	2018	I Encontro Maranhense de Gestalt-terapia	São Luís – Maranhão	O fazer gestáltico: integrando saberes e construindo práticas na contemporaneidade	EE/L
95	2018	XVI Encontro Nacional de Gestalt-terapia & XIII Congresso Brasileiro da Abordagem Gestáltica	Curitiba – Paraná	Gestalt CONSCIÊNCIA, Gestalt sem ensaio	EN/CB

Fonte: o autor, 2019.

O total de 95 eventos se distribuiu por região da seguinte forma: Sudeste com 39 eventos (41,05%), Centro-Oeste com 28 eventos (29,47%), Sul com 12 eventos (12,63%), Nordeste com 12 eventos (12,63%); e Norte com 4 eventos (4,21%).

Os dados apresentados mostram que os encontros de Gestalt-terapia têm maior força/frequência nas regiões Sudeste e Centro-Oeste, especialmente, nos estados do Rio de Janeiro (24 eventos) e Goiás (24 eventos). Além disso, apontam que os eventos de Gestalt-terapia se espalharam pelo território brasileiro ocupando as 5 (cinco) regiões do país, ainda que de forma mais tímida em algumas delas, como no Norte, única região do país que ainda não sediou a linha do Encontro Nacional de Gestalt-terapia & Congresso Brasileiro da Abordagem Gestáltica.

Estes dados são importantes à medida que se reconhece que a formação em Gestalt-terapia não é realizada unicamente em salas de aula, mas, também, nos espaços de troca entre os pares. É também nesses espaços, entre Gestalt-terapeutas, que o processo de identificação com a abordagem se fortalece e integra-se. Enfatizar a importância da participação nesses eventos para a formação de Gestalt-terapeutas é fundamental para construção de uma identidade, difusão de saberes e construção de uma prática científica e socialmente comprometida.

Desde 1987, com o primeiro encontro apresentado acima, até 2018, foram 16 encontros nacionais. Um adendo se faz necessário quanto a esta cronologia: o Encontro Nacional de Gestalt-terapia & Congresso Brasileiro da Abordagem Gestáltica seguia sua realização bianual a partir de anos ímpares (1987, 1989, 1991, 1993 etc.) até a sua 14ª edição (2013), em Recife (PE). Contudo, devido ao fato do Brasil ter acolhido o XIV Congresso Internacional de Gestalt-terapia, em 2015, ano que coincidiria com a XV edição do Encontro Nacional, a comunidade de Gestalt-terapeutas do Brasil decidiu adiar em um ano sua 15ª edição. Portanto, a partir de 2016 os encontros passaram a acontecer nos anos pares (2016 em Fortaleza, na XV edição, e 2018 em Curitiba, na XVI edição).

Outra cronologia interessante diz respeito ao Encontro Norte-Nordeste de Gestalt-terapia, com seu período de “estiagem” (Menezes, 2014, p. 178) de 16 anos. Menezes, uma das organizadoras da sua VI edição em Belém (PA), conta:

Apesar dessa sequência [dos anos do Encontro Norte-Nordeste], observa-se na história da abordagem um período de “estiagem” que durou cerca de 16 anos, nos quais os encontros permaneceram suspensos por razões até o momento desconhecidas. Contudo, houve a retomada desses encontros em Fortaleza (CE) com o V Encontro Norte-Nordeste de Gestalt-terapia, com o tema Por uma Gestalt do Encontro, em outubro de 2014 (2014, p. 178).

Já os eventos como o Encontro Regional Sul de Gestalt Terapia e o Encontro Candango de Gestalt-terapia seguem há 23 e 13 anos, respectivamente, sem novas edições. Isso denota, de certa forma, como eventos podem surgir de iniciativas regionalizadas e desaparecerem sem continuidade, mostrando um fluxo natural dentro da Gestalt-terapia brasileira.

Outra faceta que é possível depreender dos dados diz respeito à gama de temáticas presentes nesses eventos. Os eventos em Gestalt-terapia nesses 32 anos analisados mostram uma área comprometida com as questões do humano, com a contemporaneidade, com relacionamentos, deficiência, desigualdade, questões sociais, questões de identidade, construção teórica e prática, inserção na clínica, entre outros temas diversos, incluindo a formação de Gestalt-terapeutas.

Discretamente, se percebe que, conjuntamente ao Encontro Nacional de Gestalt-terapia, em suas edições de 1999 e 2001, houve o I Fórum de Formação em Gestalt-terapia e o II Fórum de Formação em Gestalt-terapia, momentos importantes em que a comunidade de Gestalt-terapeutas do Brasil passava a se indagar acerca do que seria uma formação mínima suficiente para qualificar profissionais em um fazer gestalt-terapêutico, temática relevante e discutida nesta pesquisa.

Observar a quantidade de diferentes eventos e suas regiões aponta na direção de uma tentativa de promoção da Gestalt-terapia por aquelas/es que a teorizam e a praticam pensando sua difusão por todo o Brasil. A escolha por esta linha do tempo foi intencional para delimitar a história da Gestalt-terapia brasileira, porém, a partir de uma ótica que não olhe apenas para os dados históricos sobre sua chegada ao Brasil, como se apresenta em estudos brasileiros (D. S. Costa, 2008; Frazão, 2013), mas, pensando sua organização científica e política.

Segundo Esch (2012), no I Encontro de Gestalt-terapeutas do Rio de Janeiro (I Encontro Nacional de Gestalt-terapia), participaram 190 pessoas; no II Encontro Nacional de Gestalt-terapia, participaram 476 pessoas; e no III Encontro Nacional de Gestalt-terapia, participaram 586 pessoas. As edições seguintes (entre o IV e XV Encontro Nacional de Gestalt-terapia) não possuem informações registradas no trabalho da autora quanto à quantidade de participantes, não sendo possível avaliar se o crescimento se seguiu nos eventos posteriores.

Somando-se a isso, uma marca histórica no que tange ao Encontro Nacional/Congresso Brasileiro precisa ser destacada. O XVI Encontro Nacional de Gestalt-terapia & XIII Congresso Brasileiro da Abordagem Gestáltica, realizado em 2018 em Curitiba, foi o primeiro evento brasileiro de Gestalt-terapia oficialmente com congressistas

dos 26 estados brasileiros e do Distrito Federal, atingindo 707 participantes, sustentando ainda mais o argumento de que a Gestalt-terapia se difundiu nacionalmente.

Mesmo reconhecendo que a comunidade de Gestalt-terapeutas do Brasil realizou diversos workshops, grupos de encontros, formação de grupos e afins neste mesmo período, estes dados não compuseram a amostra deste capítulo devido à dificuldade em compilar registros e documentos sobre tais eventos. Reconhecer a importância de eventos não acadêmicos na formação em Gestalt-terapia também é de fundamental importância para a temática desta pesquisa, uma vez que existem formações realizadas via workshops e grupos de encontros, como será abordado nos capítulos seguintes.

Com uma melhor clareza acerca da perspectiva gestalt-terapêutica utilizada no trabalho e sobre a construção e desenvolvimento da Gestalt-terapia brasileira, seguir-se-á para o estudo dos caminhos teórico-metodológicos desta tese, a fim de compreender as formações e a identidade de Gestalt-terapeutas do Brasil.

### CAPÍTULO III – CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O capítulo que se segue objetiva descrever os caminhos teóricos e metodológicos que orientaram esta investigação. Por se tratar de uma pesquisa que trabalha tanto com dados quantitativos de análises descritivas, quanto dados qualitativos, o capítulo discute brevemente sobre 1) a pesquisa em Gestalt-terapia; 2) metodologias de pesquisa qualitativa e documental; e 3) questões éticas, além de formas de coleta e análise de dados.

#### *3.1 Breves considerações sobre a pesquisa em Gestalt-terapia*

Considerando toda a complexidade já abordada no Capítulo I acerca da Gestalt-terapia e de sua constituição epistemológica diversa, não seria absurdo afirmar que qualquer pesquisa que se oriente a investigá-la também exigirá um olhar delicado e atento para sua composição pelo pesquisador.

Historicamente, a postura anti-cientificista de Perls (1969/1977) pode ter influenciado toda uma geração inicial de Gestalt-terapeutas a se afastar da pesquisa, quando afirmava que pensar a Gestalt-terapia ou racionalizá-la seria um “cocô de elefante” (p. 69). Mesmo que o contexto anárquico em que se constituiu talvez afaste Gestalt-terapeutas mais ortodoxos dos espaços da ciência, Greenberg (2008/2014, p. 107) afirma: “os gestalt-terapeutas não precisam ser vinculados à ciência, mas precisam esforçar-se para demonstrar como a Gestalt-terapia pode ser apoiada e guiada pela evidência empírica”.

Brownell, Meara e Polák (2008/2014) discutem a necessidade de, cada vez mais, se pensar caminhos metodológicos que validem as práticas gestalt-terapêuticas junto ao campo das ciências. O autor discute ainda a construção do fazer científico e afirma que a Gestalt-terapia pode se beneficiar tanto dos métodos qualitativos quanto dos métodos quantitativos e mistos para obter um aval epistêmico (p. 25). Ainda nessa direção, Holanda (2007) considera:

A Gestalt-terapia é, hoje, uma abordagem “adulta”, “crescida”. Isto se dá num momento em que a reflexão em torno dos seus fundamentos, de seus conceitos principais, de suas formulações se amplia, saindo do terreno meramente técnico e adentrando o âmbito da filosofia e da discussão epistemológica. Atualmente, no Brasil, a Gestalt-Terapia se presentifica nas academias e diante de outras ciências. A modernidade nos impõe uma certeza: não mais podemos nos eximir das íntimas relações e interlocuções com o vasto campo das ciências.

Uma reflexão importante é que as universidades são o campo por excelência da construção de saberes científicos na forma como está organizada a sociedade moderna. E, por constituição, as instituições de ensino superior são organizadas a partir do ensino, pesquisa e extensão. Portanto, também é relevante mencionar a entrada da Gestalt-terapia nos cursos de ensino superior para circunscrever brevemente a pesquisa em Gestalt-terapia.

O trabalho de Faria (2012) reflete historicamente como a Gestalt-terapia é inserida nos conteúdos programáticos das graduações de Psicologia a partir da década de 1980. Isto é importante, considerando que essa inserção permitiu que a Gestalt-terapia pudesse fazer parte de um desenvolvimento científico dentro da Psicologia. Além desse reconhecimento, o autor faz uma crítica ao componente curricular “Gestalt-terapia” estar geralmente restrito ao modelo de clínica tradicional, mas distante de políticas públicas e sociais. Soares (2009) também versa sobre o espaço da Gestalt-terapia na academia, mas com destaque à prática de estágio supervisionado curricular nas universidades em graduações de Psicologia.

Nessa mesma direção, a título de ilustração, para enfatizar os avanços na pesquisa em Gestalt-terapia, vale mencionar a metodologia de pesquisa de acordo com o Ciclo da Experiência, desenvolvida no Programa de Mestrado da Academia Gestalt da Escandinávia. Esse trabalho foi apresentado por Scheinberg, Johansson, Stevens e Conway-Hicks (2008/2014) referenciando o trabalho de Scheinberg, publicado em 1998, no qual a autora pensa um processo de pesquisa baseado no ciclo da experiência da Gestalt-terapia em três ciclos. De forma bastante resumida: no primeiro ciclo, é pensada uma forma para “Desenvolver o tema da pesquisa” (p. 361); no segundo, para “Delinear e coletar os dados” (p. 362); e, no terceiro, para “Analisar e apresentar os resultados” (p. 363).

Todos esses trabalhos aliados às reflexões epistemológicas do Capítulo I mostram uma preocupação com a construção da pesquisa e organização científica da Gestalt-terapia. Além disso, construir conhecimento, refletindo sobre dados e seus desdobramentos no campo das práticas gestalt-terapêuticas, é uma das formas de fazer político que tanto visibiliza a área da Gestalt-terapia quanto a desenvolve como teoria e prática. Parece, então, imperativo que cada vez mais Gestalt-terapeutas se debrucem na pesquisa em Gestalt-terapia se objetivam que a área se desenvolva frente a outros campos do saber.

No que tange à pesquisa desenvolvida neste trabalho, serão apresentadas na seção a seguir as metodologias utilizadas.

### 3.2 Delineando a pesquisa qualitativa e a pesquisa documental

Dentro de uma perspectiva clássica de pesquisa, a partir de uma ótica positivista de construção de saber, um possível primeiro obstáculo poderia ser pensando na pesquisa aqui proposta ao se considerar que o pesquisador é, ao mesmo tempo, investigador e parte da comunidade de Gestalt-terapeutas do Brasil. Entretanto, antes de ser um empecilho, o fato convoca a uma reflexão filosófica acerca de quais caminhos teórico-metodológicos constituem a produção de saber no campo das humanidades, no qual se insere a Gestalt-terapia, nos quais objeto e sujeito não estão distanciados como nas ciências naturais.

Minayo (2002, p. 17, grifos da autora) esclarece:

Entendemos por pesquisa a atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. Ou seja, *nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática.*

Tendo a Fenomenologia como um de seus alicerces filosóficos, é possível então pensar uma metodologia de pesquisa coerente com a Gestalt-terapia que se oriente para a investigação do fenômeno de forma não apriorística. Holanda (2006, p. 364) esclarece sobre a pesquisa qualitativa afirmando que:

Consideramos o fato que, ao analisarmos, questionarmos, isolarmos, buscarmos a compreensão deste ou daquele fenômeno humano, estamos – na verdade – em busca de um modelo minimamente organizado que sirva como referência à compreensão do mesmo fenômeno (ou de fenômeno similar), num segundo momento. Assim, estamos, de fato, em busca de criarmos uma “codificação” – mínima, que seja – para o fato humano.

Creswell (2010) pontua a importância de pesquisadoras/es de estudos qualitativos descreverem claramente suas estratégias de investigação e afirma que “a pesquisa qualitativa é uma pesquisa interpretativa, com o investigador tipicamente envolvido em uma experiência sustentada e intensiva com os participantes” (p. 211). Para construção das categorias e leitura dos dados qualitativos, foi utilizada a proposta de análise de conteúdo de Bardin (1977), classicamente subdividida nas etapas de pré-análise, exploração do material e inferência e interpretação dos resultados (p. 95).

Vale mencionar ainda que Bardin (1977, p. 98) afirma que uma análise pode ser desenvolvida sem a construção prévia de hipóteses. Assim a análise de conteúdo aproxima-se

de uma compreensão fenomenológica, especificamente concebendo a ideia de olhar o fenômeno evitando preconceções sobre este, postura adotada pelo pesquisador neste trabalho investigativo.

Quanto à pesquisa documental, Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009, p. 2) afirmam:

O uso de documentos em pesquisa deve ser apreciado e valorizado. A riqueza de informações que deles podemos extrair e resgatar justifica o seu uso em várias áreas das Ciências Humanas e Sociais porque possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural.

Tendo como objetos de estudo *a formação e a identidade de Gestalt-terapeutas brasileiras/os*, esta pesquisa doutoral se enquadra como de abordagem qualitativa, dividida em duas fases distintas. Na primeira, com o levantamento acerca da estrutura e das grades curriculares dos institutos de Gestalt-terapia, é possível circunscrever seu método como de investigação exploratória e documental; ao passo que, na segunda fase, com a coleta *online* de dados com Gestalt-terapeutas, trata-se de um estudo descritivo e exploratório.

### 3.3 Fases da pesquisa

A fim de abarcar metodologicamente os dois objetos delineados neste estudo, formação e identidade de Gestalt-terapeutas do Brasil, as seções a seguir estão apresentadas separadamente, da seguinte maneira:

Fase 1) Formações brasileiras em Gestalt-terapia;

Fase 2) A identidade de Gestalt-terapeutas do Brasil.

#### 3.3.1 Formações brasileiras em Gestalt-terapia (2012-2018): pesquisa documental

Na Fase 1, foram levantados dados acerca dos institutos de formação em Gestalt-terapia do Brasil e centros formadores. Como critérios de inclusão na amostra, definiu-se:

1. oferta de cursos de Formação em Gestalt-terapia, Especialização em Gestalt-terapia e/ou curso de Aprimoramento em Gestalt-terapia; e
2. institutos e centros formadores que ofertaram esses cursos dentro do período de 2012 a 2018.

Os critérios de exclusão foram:

1. institutos e centros formadores que ofertavam apenas cursos de introdução à Gestalt-terapia e/ou apenas cursos de curta duração (por exemplo: Gestalt-terapia com

crianças; Gestalt-terapia em Recursos Humanos, Suicídio e Gestalt-terapia etc.), não direcionados para uma formação ampla de Gestalt-terapeutas; e

2. institutos e centros formadores que ofertaram cursos de Formação em Gestalt-terapia, Especialização em Gestalt-terapia e/ou curso de Aprimoramento em Gestalt-terapia com a última oferta anterior a 2012.

Os dados foram levantados em sítios virtuais com auxílio de buscadores, bem como via contato direto com a rede de Gestalt-terapeutas conhecida pelo pesquisador. Utilizando os critérios mencionados anteriormente, foram encontrados 47 institutos/centros formadores de Gestalt-terapeutas. Os institutos/centros formadores se distribuíram geograficamente da seguinte maneira: 18 na região Sudeste (38%), 11 na região Sul (23%), 9 na região Nordeste (19%), 5 na região Norte (10%) e 4 na região Centro-Oeste (8,5%).

Após o levantamento, buscou-se acesso às suas matrizes curriculares e estrutura geral, a fim de conhecê-los quanto às suas cargas horárias, modalidade de curso, público-alvo, capacitação técnica do corpo docente e modalidades das disciplinas (teóricas, práticas e vivenciais). Os materiais foram obtidos tanto nos próprios sítios virtuais dos institutos, quanto a partir de contatos por e-mail com suas/seus coordenadoras/es.

Os resultados e discussões desta etapa se encontram no Capítulo IV – Formações brasileiras em Gestalt-terapia.

### *3.3.2 A identidade de Gestalt-terapeutas do Brasil: pesquisa online*

A Fase 2 do estudo, constituída como pesquisa descritiva e exploratória, utilizou um formulário *online* para investigar junto a Gestalt-terapeutas do Brasil como compreendiam sua formação e como compreendiam a identidade do que é ser Gestalt-terapeuta. A escolha pelo meio virtual se deu tanto por considerar questões ecológicas, poupando o gasto de papéis, quanto pela praticidade na tabulação dos dados, além de poder alcançar participantes de todas as regiões brasileiras sem qualquer tipo de custo. Ainda assim, se reconhece com isso que as/os Gestalt-terapeutas que não utilizam esses espaços virtuais não fariam parte da amostra.

Para execução desta fase, por se tratar de seres humanos e considerando a Resolução nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, o trabalho foi devidamente submetido à Plataforma Brasil, tendo sido aprovado com o CAAE 68981517.3.0000.5540 sob o título “Gestalt-terapeutas do Brasil: formação e identidade”. Para iniciar a participação no estudo respondendo ao formulário, era obrigatória a anuência por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE, Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

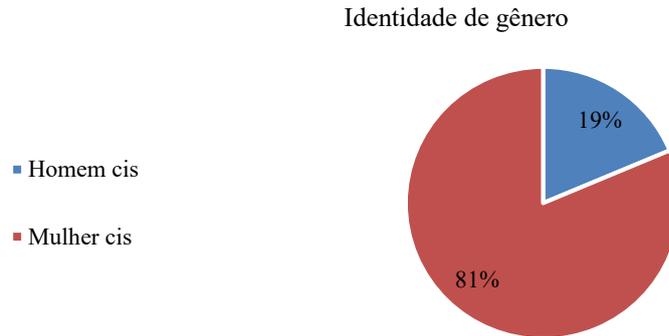
(*online*)). O formulário *online* possuía duas áreas distintas, uma com dados sociodemográficos (Apêndice B – Formulário *online* “O que é ser Gestalt-terapeuta?” – Parte I) e outra com a pergunta “Como você se tornou Gestalt-terapeuta?”, que levava as/os participantes para uma última área (Apêndice C – Formulário *online* “O que é ser Gestalt-terapeuta?” – Parte II).

Não há um quantitativo preciso de Gestalt-terapeutas existentes no Brasil, portanto, a amostra da Fase 2 foi delimitada pela quantidade de participantes que optou por responder ao formulário. Como critério de inclusão, foi adotado apenas o fator de que a/o respondente se autoidentificasse como Gestalt-terapeuta, havendo, logo na parte superior do formulário, a informação: “Público-alvo: Gestalt-terapeutas brasileiras/os”. Por conseguinte, o único critério de exclusão da amostra dizia respeito à autoidentificação como não sendo Gestalt-terapeuta.

O convite para participação na pesquisa foi feito em meio virtual (Apêndice D – Convite para Gestalt-terapeutas – Pesquisa *online* (Fase 2)). Foram 3 (três) os espaços virtuais em que o material foi compartilhado amplamente: 1) o grupo de e-mails do Google GTBR (Gestalt-terapeutas do Brasil), tradicionalmente um espaço de diálogo na Gestalt-terapia brasileira desde 2007; 2) a rede social Facebook, em diversos grupos de Gestalt-terapia e na *fanpage* Literatura Gestáltica; e 3) via mensagens enviadas para endereços de e-mail da lista dos pesquisadores (orientando e orientador).

A mensagem convidava Gestalt-terapeutas, sem restringir à formação ou a qualquer tipo de comprovação, que respondessem ao formulário. Ao clicar no endereço para a coleta de dados, primeiramente, respondiam ao TCLE e, em seguida, era disponibilizado o questionário. Com isso, houve 329 respostas ao formulário; após tratamento dos dados, foram retiradas respostas em duplicata, restando 289 respostas válidas para análise, sendo esta a amostra que constituiu esta fase da pesquisa. As/os respondentes se distribuíram por gênero, idade e geograficamente conforme se apresenta a seguir.

Gráfico 1 – Identidade de gênero

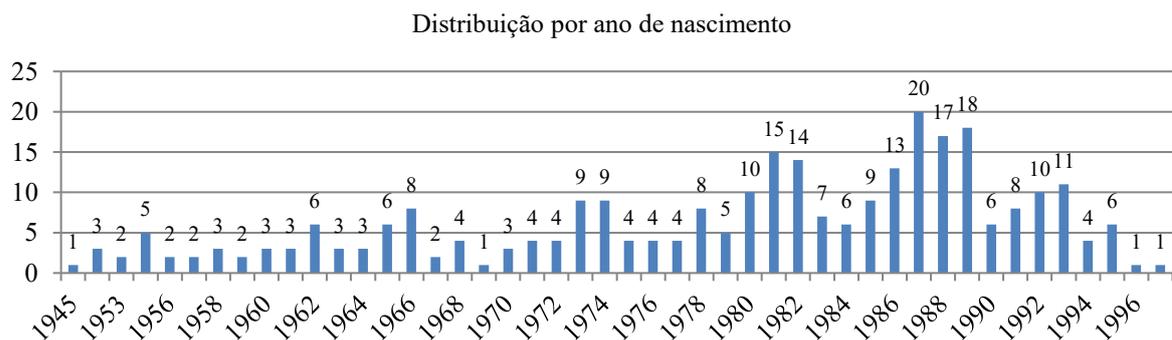


Fonte: o autor, 2019.

Das 289 respostas, 81% (235 respostas) foram de mulheres cisgênero e 19% (54 respostas), de homens cisgênero. O formulário permitia ainda que as/os participantes se identificassem como mulheres trans, homens trans e travestis, porém, não houve respostas para essas categorias identitárias de gênero.

Quanto à idade, houve maior concentração de respondentes nascidas/os entre os anos de 1980 e 1989, na faixa etária entre 30 e 40 anos no momento da coleta de dados. Os extremos da distribuição por ano de nascimento foram 1945 (73 anos no momento da coleta) e 1997 (21 anos no momento da coleta), ambas as respondentes mulheres cis.

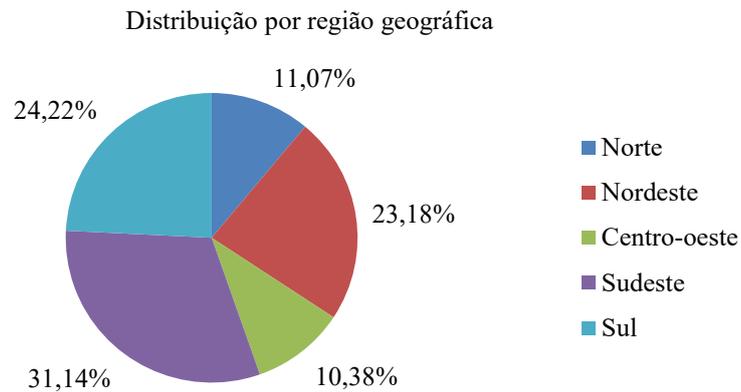
Gráfico 2 – Distribuição por ano de nascimento



Fonte: o autor, 2019.

No que diz respeito à distribuição por regiões geográficas no Brasil, as/os respondentes são, em sua maioria, da região Sudeste (90 respostas), seguida pela região Sul (70 respostas), então pela região Nordeste (67 respostas), depois, região Norte (32 respostas), finalizando com a região Centro-Oeste (30 respostas), como demonstrado no gráfico a seguir.

Gráfico 3 – Distribuição por região geográfica



Fonte: o autor, 2019.

O formulário permitia ainda que as/os respondentes preenchessem quais eram suas áreas de formação em nível de graduação. Os cursos de graduação presentes nas respostas foram: Psicologia (280 respostas), Letras (2 respostas), História (2 respostas), Naturologia (1 resposta), Pedagogia (1 resposta), Medicina/Psiquiatria (1 resposta), Musicoterapia (1 resposta), Filosofia (1 resposta), Economia (1 resposta), Administração de Empresas (1 resposta). Entre as/os respondentes não-psicólogas/os, houve duas/dois respondentes que informaram possuir duas graduações, preenchendo ambas no formulário.

Os resultados e discussões da Fase 2 da pesquisa se encontram no Capítulo V – A identidade de Gestalt-terapeutas do Brasil: Análise Quantitativa e no Capítulo VI – A identidade de Gestalt-terapeutas do Brasil: Análise Qualitativa.

## CAPÍTULO IV – FORMAÇÕES BRASILEIRAS EM GESTALT-TERAPIA<sup>11</sup>

Este capítulo objetiva analisar os dados referentes à Fase 1 da pesquisa: investigação sobre as formações em Gestalt-terapia no Brasil. Assim, apresenta os resultados e discussões acerca dos currículos quanto às suas cargas horárias, estrutura curricular, público-alvo a que se destinam, forma de ingresso, qualificação do corpo docente e conteúdos das disciplinas ofertadas, bem como sobre a distribuição geográfica dos cursos. Com isso, são traçadas reflexões críticas sobre a formação de Gestalt-terapeutas em território brasileiro no período de 2012 a 2018.

### *4.1 Resultados da Fase 1*

Após o levantamento junto aos sites virtuais, em buscadores e na investigação junto à rede de contatos dos pesquisadores, foram encontrados 47 (quarenta e sete) institutos/centros formadores de Gestalt-terapeutas no Brasil com oferta de cursos compreendendo o período de 2012 a 2018. As instituições e centros formadores ofertaram os seus cursos em três modalidades: curso livre de formação em Gestalt-terapia, pós-graduação *lato sensu*/especialização em Gestalt-terapia e aprimoramento em Gestalt-terapia.

Dentre os cursos levantados, 39 destes (82,97%) se concentravam nas capitais dos estados, ao passo que apenas 7 (14,89%) estavam distribuídos no interior, e 1 (2,14%) era ofertado pela mesma instituição tanto na capital quanto no interior. As cidades do interior foram: Juazeiro do Norte (CE), Feira de Santana (BA), Campinas (SP), Maringá (PR), Joinville (SC) e Caxias do Sul (RS).

O Quadro 3 – Levantamento de Institutos/Centros Formadores de Gestalt-terapeutas no Brasil – 2012-2018 apresenta a distribuição das/dos 47 instituições/centros formadores por região, informando o estado e a cidade de oferta, seguidos do nome da instituição, a carga horária informada, o ano em que foi ofertada sua última turma seguido da modalidade em que o curso foi desenvolvido.

---

<sup>11</sup> Uma parte deste capítulo está publicada em Nascimento e Ribeiro (2017) como requisito do PPG-PsiCC para conclusão do doutorado.

Quadro 3 – Levantamento de Institutos/Centros Formadores de Gestalt-terapeutas no Brasil – 2012-2018

Reg.	UF	Cidade	Instituto	CH	Última Turma	Modalidade
N	AC	Rio Branco	Grupo de Estudos e Experimentos em Gestalt-terapia	350	2018	Curso livre
	PA	Belém	Centro de Capacitação em Gestalt-terapia	655	2016	Especialização
	PA	Belém	Aprimoramento em Gestalt-terapia (Ethos Psicotestes)	200	2018	Aprimoramento
	RO	Porto Velho	Instituto Vida Plena de Desenvolvimento Humano	744	2018	Curso livre
	RR	Boa Vista	Instituto de Gestalt-terapia de Roraima	314	2018	Curso livre
NE	BA	Salvador	Instituto de Gestalt-terapia da Bahia	740	2018	Especialização
	BA	Salvador e Feira de Santana	Comunidade Gestáltica da Bahia	360	2018	Curso livre
	CE	Fortaleza	Instituto de Gestalt do Ceará	560	2018	Especialização
	CE	Fortaleza	Centro Gestáltico de Fortaleza	484	2018	Cursos livres
	CE	Juazeiro do Norte	Diálogos – Psic. Clín. e Centro de Desenv. de Pessoas	512	2018	Curso livre
	RN	Natal	Gestalten – Grupo de Gestalt-terapia de Natal	300	2018	Curso livre
	PB	João Pessoa	Escola Exp. de Psic. e Psicoterapia Fenon. Exist. – Gestalt e Abord. Rogeriana	248	2012	Curso livre
	PE	Recife	Construir – Núcleo de Psicologia	360	2017	Especialização
CO	AL	Maceió	Liercio Pinheiro Formação em Gestalt-terapia	200	2014	Curso livre
	DF	Brasília	Instituto de Gestalt-terapia de Brasília	366	2018	Curso livre
	GO	Goiânia	Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia	480	2018	Especialização
	MS	Campo Grande	Instituto Granzotto de Psicologia	360	2018	Curso livre
SE	MS	Campo Grande	Instituto de Gestalt-terapia de Mato Grosso do Sul	360	2017	Curso livre
	RJ	Rio de Janeiro	Celso Lisboa Centro Universitário	360	2018	Especialização
	RJ	Rio de Janeiro	IGT – Instituto de Gestalt-Terapia e Atendimento Familiar	532	2018	Curso livre
	RJ	Rio de Janeiro	Instituto Carioca de Gestalt-terapia	360	2017	Curso livre
	RJ	Rio de Janeiro	CgT – Centro de Gestalt-Terapia	800	2018	Curso livre
	RJ	Rio de Janeiro	Contato – Núcleo de Estudos e Aplicação da Gestalt-terapia	750	2018	Curso livre
RJ	Rio de Janeiro	Dialógico – Núcleo de Gestalt-Terapia	400	2017	Capacitação	

	RJ	Rio de Janeiro	Escola Gestalt Viva Cláudio Naranjo	500	2018	Especialização
	RJ	Rio de Janeiro	Escola Gestalt Viva Cláudio Naranjo	540	2018	Especialização
	RJ	Rio de Janeiro	Instituto de Psicologia Gestalt em Figura	560	2018	Curso livre
	RJ	Rio de Janeiro	Núcleo Sol – Psicologia, Psicoterapia e Gestalt-terapia	360	2017	Curso livre
	RJ	Rio de Janeiro	SaberPsi – Núcleo de Estudo, Pesquisa e Divulgação de Psicologia e de Gestalt-terapia	672	2017	Curso livre
	ES	Vitória	Vidah – Vitória Instituto de Desenvolvimento e Atendimento Humano	360	2013	Curso livre
	SP	Campinas	SatoriGT – Centro de Estudos e Pesquisas em Gestalt-Terapia de Campinas	480	2018	Curso livre
	SP	São Paulo	Instituto Sedes Sapientiae – Departamento de Gestalt-Terapia	368	2016	Especialização
	SP	São Paulo	Universidade Cruzeiro do Sul	360	2017	Especialização
	SP	São Paulo	IGSP – Instituto de Gestalt de São Paulo	306	2018	Especialização
	M G	Belo Horizonte	Universidade Federal de Minas Gerais	360	2018	Especialização
	M G	Belo Horizonte	Instituto Gestalt de Vanguarda Cláudio Naranjo	550	2018	Curso livre
S	PR	Curitiba	Instituto Figura-Fundo	312	2018	Curso livre
	PR	Curitiba	Instituto de Gestalt de Curitiba	150	2018	Curso livre
	PR	Curitiba	Instituto Paranaense de Gestalt-terapia - Claudete Carboni	366	2013	Curso livre
	PR	Maringá	Instituto Maringaense de Gestalt-terapia	440	2017	Curso livre
	PR	Maringá	Escola Paranaense de Gestalt-terapia	520	2017	Curso livre
	SC	Joinville	CEGEST-SC – Centro de Estudos em Gestalt-terapia	384	2017	Curso livre
	SC	Joinville	Fronteiras Gestálticas	325	2018	Curso livre
	SC	Florianópolis	Comunidade Gestáltica	600	2018	Curso livre
	SC	Florianópolis	Instituto Granzotto de Psicologia	592	2018	Curso livre
	RS	Porto Alegre	Gestalt-Centro	168	2013	Curso livre
RS	Caxias do Sul	Encuentro – Centro de Estudos Gestálticos	570	2018	Curso livre	

Fonte: o autor, 2019.

#### 4.1.1 Cargas horárias

Quanto às *cargas horárias e duração*, as formações apresentam uma diferença significativa, variando em sua carga horária total entre 150h – no Instituto de Gestalt de Curitiba (PR) – até 800h – no Centro de Gestalt-terapia Sandra Salomão (RJ). As durações dos cursos encontrados foram de um a três anos nos formatos semanal, quinzenal e mensal de oferta. Nenhum dos cursos avaliados possuía carga horária inferior a 12 meses para sua conclusão. Um destaque importante diz respeito à oferta de um curso integralmente em modalidade de ensino à distância (EaD), ofertado pelo Instituto Carioca de Gestalt-terapia (RJ), o qual inaugurou sua primeira turma em 2018.

A média nacional dos 47 institutos foi de 368 horas. Os extratos por grupos de CH podem ser distribuídos em 4 grupos:

Grupo 1: (150 a 248 horas) [10,63% dos cursos]

Grupo 2: (300 a 484 horas) [53,19% dos cursos]

Grupo 3: (500 a 672 horas) [27,65% dos cursos]

Grupo 4: (740 a 800 horas) [8,51% dos cursos]

#### 4.1.2 Estrutura curricular

No que tange à *estrutura curricular*, as formações são compostas por eixo teórico, eixo de atuação (estágio clínico supervisionado, supervisão) e eixo vivencial com a participação de suas/seus discentes em workshops de imersão gestáltica/residência. As cargas horárias destinadas a essa atividade são distintas, havendo instituições que ofertam seus cursos integralmente no eixo teórico, sem supervisão clínica, nem participação vivencial.

Outro componente curricular encontrado foi o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), exigido como pré-requisito para obtenção do certificado de conclusão de curso por algumas instituições. Mesmo em cursos livres, que não possuem estrutura regulamentada por órgãos como o Ministério da Educação (MEC), foi localizado este componente curricular. O curso de aprimoramento, porém, não exigia TCC.

#### 4.1.3 Público-alvo

O *público-alvo* dos cursos identificados no levantamento se volta a capacitar profissionais e estudantes das áreas da Psicologia, com algumas ofertas para a área da

Medicina/Psiquiatria e raríssimas exceções para profissionais de outras áreas, como Musicoterapia, Arteterapia, Serviço Social, Pedagogia e afins.

Os cursos da Escola Gestalt Viva Cláudio Naranjo (MG e SP), Encuentro – Centro de Estudos Gestálticos (RS), Gestalt-Centro (RS), Instituto Gestalt de Vanguarda (MG), Instituto de Gestalt de São Paulo (SP) e Instituto de Gestalt de Curitiba (PR) foram os únicos que apresentaram explicitamente abertura para formação de Gestalt-terapeutas fora das áreas da Psicologia ou Medicina/Psiquiatria, mencionando “profissionais de saúde e áreas afins”.

#### 4.1.4 Ingresso

Quanto ao *ingresso*, algumas instituições estabeleciam como pré-requisito que as/os futuros Gestalt-terapeutas fossem aprovadas/dos: 1) por seleção/entrevista acerca das suas motivações para realizar o curso; e/ou 2) tivessem cursado algum tipo de formação básica em Gestalt-terapia; e/ou 3) realizassem prova escrita sobre fundamentos da Gestalt-terapia; e/ou 4) apresentassem seu histórico escolar; e/ou 5) apresentassem Currículo Lattes ou Vitae. Um exemplo disso foi o Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia (GO), que utilizava os cinco critérios mencionados em seu processo seletivo. Outras instituições exigiam apenas que as/os discentes possuísem diploma de graduação ou certidão de conclusão de curso.

Ainda sobre o ingresso, vale o destaque para a exigência de parte dos institutos para que suas/seus alunas/os estivessem devidamente registradas/dos em conselho profissionais de class. O curso de aprimoramento ofertado pela Ethos Psicotestes<sup>12</sup> (PA), único curso na categoria de aprimoramento na lista de instituições levantadas, exigia em sua inscrição que as/os futuras/os Gestalt-terapeutas possuísem carteira profissional de Psicóloga/o ou estivessem nos dois últimos semestres para conclusão do curso de Psicologia.

#### 4.1.5 Corpo docente

Quanto ao *corpo docente* e sua qualificação técnica, as instituições apresentaram bastantes divergências. Foram encontrados cursos com corpo docente diversificado e titulado com doutorado, mestrado e especialização – como, por exemplo, na Comunidade

---

<sup>12</sup> Em suas primeiras turmas, o Aprimoramento em Gestalt-terapia era ofertado no Instituto de Ensino e Pesquisa em Saúde (IEPS), no Pará, tendo migrado posteriormente para a Ethos Psicotestes.

Gestáltica (SC), Instituto Sedes Sapientiae (SP), Instituto de Gestalt-terapia de Roraima (RR) e Instituto de Gestalt-terapia de Brasília (DF) –, ao passo que alguns centros possuíam uma única docente conduzindo todo o curso, tendo estas exclusivamente a titulação de especialista – como o Instituto de Gestalt de Curitiba (PR) e o Instituto Carioca de Gestalt-terapia (RJ).

#### 4.1.6 *Conteúdo da grade curricular*

No que tange ao *conteúdo da grade curricular*, as disciplinas/módulos iniciais focam-se em “Fundamentação teórica”, “História/Epistemologia da Gestalt-terapia” ou ainda sobre as “Teorias de Fundo” (comumente a Teoria Organísmica, Psicologia da Gestalt e Teoria de Campo). Imediatamente após estes, aparecem com bastante frequência as “Bases Filosóficas” (como Existencialismo, Fenomenologia e Humanismo). Intercalam-se a esses conteúdos módulos teóricos com áreas específicas de atuação: “Gestalt-terapia com crianças e adolescentes”, “Gestalt-terapia com casais e famílias”, “Entrevista inicial em Gestalt-terapia”, “Recursos expressivos em Gestalt-terapias”, “Psicodiagnóstico em Gestalt-terapia”, “Gestalt-terapia e grupos”, “Psicopatologia gestáltica”, entre diversos conteúdos com aplicação prática.

Ainda sobre a grade curricular, foram encontrados módulos de workshops/vivenciais, também chamados de “imersão gestáltica”, em que as/os participantes emergem em modelos experienciais de ensino da teoria da Gestalt-terapia a partir do trabalho gestalt-terapêutico em grupo, com recursos em Arteterapia, entre outros, geralmente em finais de semanas, com foco no desenvolvimento do estudante. Também há componentes curriculares como os módulos de supervisão clínica, que possuem direcionamento de uma capacitação técnica em princípios da Gestalt-terapia.

A composição curricular dos cursos da Escola Experimental de Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico Existencial (PB) e da Liercio Pinheiro Formação em Gestalt-terapia (AL) foi sensivelmente diferente dos outros currículos. Isso porque ambas possuíam integração no ensino da Gestalt-terapia alicerçado ao ensino da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) de Carl Rogers.

#### 4.1.7 *Organização das instituições/centros formadores*

Quanto à *organização das instituições/centros formadores*, do total encontrado, apenas 1 instituição possuía o caráter de iniciativa pública, a Universidade Federal de Minas Gerais (MG), frente a 46 da iniciativa privada – todas as outras. As estruturas administrativas

de coordenação acadêmica/pedagógica também variavam bastante, com cursos de direção única, como no Construir – Núcleo de Psicologia (PE), e institutos com diretoria, como o Instituto Figura-Fundo (PR), com 3 sócias-diretoras.

Algumas das instituições, além de ofertarem formação e cursos para Gestalt-terapeutas, estavam inscritas como clínicas constituídas como pessoa jurídica junto ao Conselho Regional de Psicologia (PJ-CRP) das suas devidas regiões. A exemplo disso, é possível mencionar o Instituto de Psicologia Gestalt em Figura (RJ) e o centro Comunidade Gestáltica (SC).

#### *4.2 Discussão dos dados da Fase 1*

Após a apresentação dos dados obtidos no levantamento de institutos/centros formadores em Gestalt-terapia, será apresentada a seguir a discussão quanto a cada um desses aspectos.

##### *4.2.1 As modalidades de cursos*

O primeiro aspecto dos resultados encontrados na busca de instituições diz respeito às diferentes *modalidades de cursos* de Gestalt-terapia que existem no Brasil. Entre elas: cursos livres de formação, especializações (*lato sensu*), cursos *online*, cursos de curta duração, aprimoramentos e cursos introdutórios. Isso convoca à consideração de algumas questões históricas desse processo.

Entre fins dos anos 1990 e parte dos anos 2000, houve intensa discussão da Psicologia brasileira para que fossem delimitadas suas áreas de especialidades. O resultado dessas discussões, em nível nacional e realizadas por diversos conselhos regionais, gerou a Resolução CFP nº 013/2007, que “institui a Consolidação das Resoluções relativas ao Título Profissional de Especialista em Psicologia e dispõe sobre normas e procedimentos para seu registro” (CFP, 2007, p. 1).

Após esse fato, houve um movimento de diversos institutos gestalt-terapêuticos para validar seus cursos de Gestalt-terapia como especializações (pós-graduação *lato sensu*). Isso trazia credibilidade, além de certificação para as/os profissionais que realizavam o curso nessas instituições. As exigências da Associação Brasileira de Ensino da Psicologia (ABEP) e do CFP eram extensas, porém, alguns institutos conseguiram atendê-las. A antiga lista de cursos credenciados ficava disponível no site do Conselho Federal de Psicologia.

Em 2014, no entanto, foi protocolada a Ação Civil Pública nº 5994-36.2013.4.01.3800, em trâmite na 20ª Vara Federal da Seção Judiciária de Minas Gerais, a partir da qual o CFP ficou impossibilitado de reconhecer cursos de Institutos Autônomos (como a maioria dos cursos de Gestalt-terapia no Brasil) como especializações, passando essa função a ser realizada *exclusivamente* por Instituições de Ensino Superior (universidades e faculdades, sejam IES públicas ou IES privadas), como é possível verificar no site do CFP (2014, n.p.).

A nota oficial do Conselho afirma: “Em atendimento à decisão judicial, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) informa que estão suspensos os novos credenciamentos e reconhecimentos de cursos de especialização em Psicologia” (CFP, 2014, n.p.), comunicando ainda que havia sido constituído um grupo de trabalho para verificar outras possibilidades legais contra a decisão.

Alguns institutos buscaram, então, validar seus cursos a partir de chancelas com diversas IES pelo país, embora a legislação do MEC acerca dos cursos de pós-graduação instituísse que:

Os cursos de especialização somente podem ser oferecidos por instituições de ensino superior já credenciadas que poderão oferecer cursos de especialização na área em que possui competência, experiência e capacidade instalada. A instituição credenciada deve ser diretamente responsável pelo curso (projeto pedagógico, corpo docente, metodologia etc.), *não podendo se limitar a “chancelar” ou “validar” os certificados emitidos por terceiros nem delegar essa atribuição a outra entidade (escritórios, cursinhos, organizações diversas)*. Não existe possibilidade de “terceirização” da sua responsabilidade e competência acadêmica [...] (Brasil, c2018, n.p., grifo nosso).

Entre os cursos encontrados, pelo menos quatro deles, no momento da coleta, seguiam essa direção: Instituto de Gestalt-terapia e Atendimento Familiar (RJ), Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia (GO), Instituto de Gestalt-terapia do Ceará (CE) e Instituto de Gestalt-terapia da Bahia (BA). Em suas páginas, informavam explicitamente haver uma chancela com instituições de ensino superior, ou, de forma sutil, uma “parceria” com estas. Uma reflexão se faz necessária quanto a isto. Mesmo que haja um processo burocrático que possa ser lido como de “irregularidade”, é seguro afirmar que as coordenações destes e de outros institutos formadores buscavam qualificar as/os Gestalt-terapeutas que formavam e, talvez por isso, tenham caminhado por essa rota, entendendo que uma certificação de especialista teria mais valor em concursos, seleções e socialmente, de maneira geral.

Neste cenário, alguns dos institutos e centros de Gestalt-terapia brasileiros passaram a ofertar os seus cursos como *cursos livres de Formação em Gestalt-terapia*, com o mesmo corpo docente, buscando sustentar a mesma qualidade técnica e praticamente o mesmo contorno curricular, porém, sem ao final oferecer um certificado de especialista. Novamente, se faz mister refletir sobre como a comunidade gestalt-terapêutica brasileira se organizou e vem se organizando para seguir promovendo suas formações em ambas as modalidades.

Outras nomenclaturas e modalidades também podem ser encontradas, como Formação Plena em Gestalt-terapia, supondo uma oposição aos cursos introdutórios de Formação Básica em Gestalt-terapia, ou ainda Capacitação em Gestalt-terapia e Aprimoramento em Gestalt-terapia; bem como formações mais específicas, como Formação em Gestalt-terapia com crianças e adolescentes ou cursos de Formação Avançada em Gestalt-terapia e Pós-Formação em Gestalt-terapia, estes dois últimos com caráter de aprofundamento para Gestalt-terapeutas já experientes.

Apesar da multiplicidade de nomenclaturas e questões legais, entre os 47 cursos levantados, apenas 13 apresentavam sua proposta de formação como uma “especialização”, frente a 32 cursos livres de formação e 2 como aprimoramento/capacitação. A região Sul, por exemplo, apresentou 100% dos seus cursos na modalidade de formação livre/plena em Gestalt-terapia. Cursos que tradicionalmente haviam sido especializações, como do Instituto Granzotto de Psicologia (SC) nos anos anteriores, no momento da coleta, já possuíam uma reestruturação para a modalidade de curso livre. Parece ser este um dos caminhos para manutenção da autonomia dos institutos de formação em Gestalt-terapia em solo brasileiro, sem enrijecimento advindo de questões legais e institucionais.

#### 4.2.2 A distribuição geográfica

Pensar a distribuição dos cursos geograficamente também convoca ao mesmo fluxo de contextualização histórica e política. A *distribuição geográfica* das instituições e núcleos formadores de Gestalt-terapeutas possui uma porcentagem semelhante à frequência de eventos de Gestalt-terapia apresentados no Capítulo II – História da Gestalt-terapia no Brasil: encontros e congressos. Historicamente, o Sudeste e o Sul brasileiros são as regiões com maior concentração de instituições e eventos na área; no Sudeste, especialmente, tendo ali vivido parte dos “primeiros atores” (D. S. Costa, 2008) que inauguraram a Gestalt-terapia brasileira nos anos 1970.

Quanto à região Sul, todos os três estados (PR, SC e RS) possuem formações em Gestalt-terapia em suas capitais (Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre), bem como em cidades de maior porte em seus interiores (Maringá e Londrina; Joinville; e Caxias do Sul). Assim, apresentam uma distribuição mais harmonizada e descentralizada das capitais, o que provavelmente se dá por a Gestalt-terapia estar nesta região, de acordo com Esch (2012), desde a década de 1980.

A região Centro-Oeste também trouxe uma peculiaridade nos resultados encontrados. Apesar de um quantitativo que parece reduzido (apenas 4 instituições), pensando a sua extensão territorial, tanto o Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia (GO) quanto o Instituto de Gestalt-terapia de Brasília (DF), possuem um tempo relativamente longo e gozam de tradição nacionalmente, o primeiro fundado em 1989 e o segundo em 1996. Ambos os institutos possuem uma estrutura sólida e robusta com oferta de cursos, de atendimento clínico, construção de pesquisas, organização de eventos e afins, talvez justificando a ausência de outros institutos nessas regiões no momento da coleta.

A região Nordeste também parece apresentar uma Gestalt-terapia distribuída e consistente quanto a seus institutos e centros formadores. Apenas três estados não aparecem na amostra: Maranhão (MA), Piauí (PI) e Sergipe (SE). É importante esclarecer que, tanto no Maranhão, com o Instituto Maranhense de Gestalt-terapia, quanto no Piauí, com o Instituto Gestalt do Piauí, há grupos discutindo a Gestalt-terapia, contudo, por não terem ofertado cursos de formação no período levantado (2012-2018), ambos foram retirados da amostra.

A existência de 5 instituições na região Norte também merece discussão. Apesar de, territorialmente, a região ser a de maior extensão no Brasil, a Psicologia ainda é recente por lá. Segundo Lisboa e Barbosa (2009), em seu levantamento acerca da distribuição de cursos de graduação em Psicologia no território brasileiro, a região Norte do país apresentava apenas 6,82% do total de cursos da área. Entre outros eventos históricos da Gestalt-terapia nortista, Menezes (2014) menciona que já havia estudos em Gestalt-terapia no Pará entre os anos de 1987 a 1990, com o chamado “Grupo Açai”, e também no extinto Instituto Amazônico da Abordagem Gestáltica, fatos que apontam para raízes profundas da abordagem na região, mesmo que de forma tímida se comparada ao resto do país.

#### *4.2.3 Cargas horárias, duração e estrutura curricular*

Ao analisar os resultados quanto às cargas horárias das formações, foi possível perceber a divergência entre elas. Dividindo-as em três extratos, é perceptível esta

disparidade: 4 cursos possuíam entre 150h e 260h; 19 cursos, entre 300h e 480h; e 14 cursos entre 500h e 800h, havendo uma concentração de cursos em torno de 360h, carga hora mínima prevista para especializações pelo MEC.

Houve dificuldade na obtenção de informação quanto a algumas cargas horárias, uma vez que os institutos informavam apenas a duração dos cursos em meses: 18 meses, 24 meses, 30 meses (2 institutos) e 36 meses, sem explicitar claramente quantas horas por mês/módulo/aula ofertavam.

Esta é uma questão bastante sensível e difícil de equacionar ao pensar um processo de ensino-aprendizagem/formação de Gestalt-terapeutas. Haveria uma carga horária mínima adequada para isso? A Associação Brasileira de Gestalt-terapia e da Abordagem Gestáltica enfrentou este dilema ao decidir os critérios para associar seus membros. No site da ABG<sup>13</sup>, os critérios foram delimitados de duas maneiras distintas: para profissionais não-psicólogos e não-médicos, cursos com pelo menos 250h são exigidos para associação; já para profissionais da psicologia, a carga horária mínima é de 360h, o que parece caminhar na direção de um alinhamento às diretrizes do MEC.

Além disso, a ABG aceita outras combinações para associar os membros, como participação em eventos, supervisão clínica, trabalho pessoal em workshops e vivências. Isso mostra uma flexibilidade para pensar esta problemática. O fato é que não existe uma carga horária mínima para formação de Gestalt-terapeutas, considerando que ser Gestalt-terapeuta não é algo institucionalizado, mas, de reconhecimento social dentro de um determinado grupo, por vezes, de autointitulação.

Outra questão imediata às cargas horárias diz respeito ao mercado e questões financeiras. Cursos excessivamente longos, como um curso de 800h, talvez não dialoguem com o que jovens profissionais buscam em suas formações nos tempos atuais, em que há uma sensação compartilhada de urgência e emergência quanto à capacitação profissional. Certamente que a Gestalt-terapia possui seu caráter questionador da ordem estabelecida e não precisa se dobrar à lógica do capital, mas, não pode ignorá-la e precisa reconhecer que isso afastaria neófitas/os da área.

Na mesma direção, um curso com carga horária excessivamente compacta, como 150h, talvez não permita que futuras/os Gestalt-terapeutas possam experimentar a teoria, praticá-la de forma supervisionada e a sedimentar ao ponto de poderem fluir com seu corpo teórico de forma criativa. Brownell *et al.* (2008/2014) mencionam que existe um amplo

---

<sup>13</sup> <http://www.gestalt.com.br/>, recuperado em 22, março, 2019.

arcabouço na base teórica da Gestalt-terapia, o qual permite que seus praticantes sigam caminhos muito diversos no seu fazer. Uma carga horária reduzida talvez não viabilize apropriações teóricas, de maneira geral.

De toda forma, é essencial que cada profissional compreenda que o processo formativo exige investimento de tempo e dedicação para além da carga horária destes cursos. Como toda formação ética, é necessário pensar uma formação em Gestalt-terapia que seja continuada, com atualizações, capacitações, minicursos, participação em eventos e afins.

#### *4.2.4 Público-alvo e forma de ingresso*

A Gestalt-terapia brasileira se construiu circunscrita à Psicologia, e, mais especificamente, à prática psicoterapêutica individual no modelo privado. Esta não é uma novidade para Gestalt-terapeutas ou mesmo para instituições/centros formadores. Basicamente, os 47 institutos levantados possuem o seu foco na formação de Gestalt-terapeutas para a atuação na prática privada de consultório para atendimento individual. Delimitar isso é importante para pensar o público-alvo a quem estes cursos são, em sua quase totalidade, destinados: psicólogos/os e estudantes de Psicologia.

Apenas 5 instituições seguiram um movimento mais próximo de ideias vanguardistas e anarquistas, como as existentes até os dias atuais no New York Institute of Gestalt Therapy<sup>14</sup>, onde a formação é descentralizada e cada Gestalt-terapeuta formador/a estabelece os próprios critérios para quem pode fazer a formação na área. A Escola Gestalt Viva Cláudio Naranjo e o Instituto Gestalt de Vanguarda, instituições abertas a profissionais de outras áreas, derivam de grupos internacionais, onde a Gestalt-terapia não parece tão vinculada à psicologia como no Brasil. Isso talvez explique, em parte, sua abertura para não-psicólogos.

Nas outras 42 instituições, a formação atende unicamente a profissionais da psicologia, com algumas exceções a profissionais da psiquiatria. Como já discutido anteriormente, isso é resultado de um processo histórico e também de posicionamentos

---

<sup>14</sup> “The NYIGT holds to the principle that good teaching/learning emerges from a field of mutual interest. From the beginning of the Institute, qualified members have offered courses coming from their interests, involvements and passions. Likewise, students have had to form their own ‘programs’ out of their individual needs and concerns. Each student organizes his or her own ‘program’ based on need, interest and excitement, often ‘apprenticing’ with one member for some time. [...] The courses listed here are given autonomously by each of the individual instructors, all of whom are Full Members of our Institute. They establish their own entrance requirements and fees. This uncentralized structure requires self-generated learning [...]” (Offerings, c2019, n.p.).

políticos e de mercado: a compreensão da psicoterapia como “pertencente” à Psicologia, e a compreensão da Gestalt-terapia como uma prática psicoterapêutica.

Em território nacional, a ABG, ao reconhecer “profissionais que atuam com a abordagem gestáltica” e ao autorizar que se associem, rompeu parcialmente com isso, mas, ainda separando dois grupos distintos: 1) Gestalt-terapeutas, que, para a instituição, seriam apenas psicólogas/os e psiquiatras, e 2) Profissionais da Abordagem Gestáltica, abrangendo outras profissões que atuem com esta teoria.

#### 4.2.5 *Corpo docente*

A qualificação das/dos docentes dos institutos/centros formadores investigados aponta para um compromisso acadêmico com a formação de Gestalt-terapeutas no Brasil de maneira geral. Mesmo em institutos em que a formação é dada por apenas uma pessoa, em um modelo mais individualizado, a/o docente possuía bastante experiência teórica e clínica, com Gestalt-terapeutas, com 10, 20, até 30 anos de *práxis* gestalt-terapêutica.

Na grande parte das instituições investigadas, existem profissionais vinculadas/os à formação em Gestalt-terapia com titulações acadêmicas como doutorado e mestrado, e, em alguns casos, especialização. Isso vai ao encontro da pesquisa de Holanda (2009), que já apontava anos atrás para uma maior qualificação de Gestalt-terapeutas brasileiras/os no que diz respeito à titulação acadêmica.

Este ponto merece atenção, mesmo não tendo sido objetivo do levantamento investigar cursos de pós-graduação *stricto sensu*, mestrados e doutorados. Ao analisar o corpo docente dos 47 institutos levantados, foi possível perceber um movimento na direção de uma capacitação profissional por parte das/dos Gestalt-terapeutas. Um exemplo disso é o Instituto Figura-Fundo (PR), que, no momento da coleta de dados, possuía 14 docentes, sendo 2 especialistas e 12 com titulação de mestrado e/ou doutorado.

É importante destacar que alguns dos institutos investigados não apresentavam explicitamente em suas páginas virtuais o seu corpo docente, apenas mencionando que “grandes personalidades da Gestalt-terapia brasileira” eram responsáveis pelos seus módulos, o que fez com que, em momentos de leitura para análise, fossem ignorados quanto a esse quesito, mas, considerados nos outros aspectos.

Ainda sobre a qualificação do corpo docente, vale destaque que o Brasil não possui nenhum Programa de Pós-Graduação em Gestalt-terapia (*stricto sensu*), como há em outros

países (Brownell & Melnick, 2008/2014, p. 335), não sendo possível receber a titulação específica de “Mestre/Doutor em Gestalt-terapia”, como na Universidad Gestalt, no México.

Mesmo diante dessa realidade, algumas universidades brasileiras possuem docentes Gestalt-terapeutas vinculadas/os aos seus programas de pós-graduação, o que viabiliza a orientação acadêmica com temáticas gestalt-terapêuticas. Alguns exemplos são: a Universidade de Brasília (UnB), a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a Universidade Federal do Pará (UFPA), a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Universidade Federal do Paraná (UFPR), estando as/os Gestalt-terapeutas destas instituições concentradas/dos nas áreas da Psicologia, da Filosofia ou da Educação.

#### *4.2.6 Conteúdo da grade curricular*

Outro aspecto bastante distinto nas 47 formações levantadas é o conteúdo programático presente em suas grades curriculares. Como já mencionado, os institutos/centros formadores de Gestalt-terapia no Brasil não estão sujeitos a uma “diretriz curricular nacional”, como acontece com os cursos de graduação, que são autorizados pelo MEC. Com isso, e considerando a complexidade da teoria da Gestalt-terapia, os currículos de cada instituto podem ser muito parecidos ou extremamente singulares em sua composição.

Em um panorama geral, é possível afirmar que os componentes curriculares nos módulos/disciplinas/aulas se orientam na direção de ensinar teorias de base, como compreende Ribeiro (2012), como a Psicologia da Gestalt, Teoria de Campo, Teoria Organísmica, Teoria Holística e as bases filosóficas da Gestalt-terapia, com Humanismo, Existencialismo e Fenomenologia; e ainda dentro de um eixo teórico, as disciplinas específicas sobre o fazer clínico, como experimentos em Gestalt-terapia, psicodiagnóstico, psicofarmacologia, psicopatologia, teoria da neurose, entre outros.

A grande questão sobre esse aspecto é o tempo destinado a cada um desses conteúdos. Há instituições em que as três bases filosóficas mencionadas são dadas de forma conjunta em um único módulo teórico, ao passo que, em outras, há componentes curriculares que as separam de forma a promover aprofundamentos filosóficos com módulos inteiros sobre elas.

Outra divergência é a marginalização do conteúdo psicanalítico nas formações em Gestalt-terapia. Na maior parte dos currículos investigados, não há disciplinas que apresentem uma introdução à psicanálise ou disciplinas nessa direção, ficando este conteúdo apenas restrito aos aspectos históricos da Gestalt-terapia. O Instituto Granzotto de Psicologia (SC), por exemplo, possuía uma disciplina chamada “Releitura gestáltica da Psicanálise”; o Instituto

Paranaense de Gestalt-terapia Claudete Carboni (PR), também, com a disciplina “Psicanálise, Reich e Gestalt-terapia”. Além da temática da psicanálise, outro conteúdo que pareceu bastante marginalizado diz respeito às filosofias orientais, como Zen-budismo e Taoísmo.

Dentro do escopo de currículos analisados, há ainda as disciplinas/módulos de conteúdos genuinamente da construção teórica da Gestalt-terapia. Entre eles, é possível citar módulos sobre “Contato” e “Ciclo do Contato”, “Ajustamentos neuróticos”, “Ajustamentos psicóticos”, “Ajustamentos aflitivos”, “Ajustamentos criativos”, “Teoria da Awareness”, “Teoria de Self”, “Saúde e doença na Gestalt-terapia”, “Conceito de aqui-agora”, entre outros. O Instituto Paranaense de Gestalt-terapia Claudete Carboni (PR) apresentava ainda duas disciplinas de “Metabolismo Mental I” e “Metabolismo Mental II”, aportando-se às discussões presentes em Perls (1942/2002), conteúdos também incomuns em outros cursos de formação em Gestalt-terapia.

A variação de currículos é tamanha que alguns componentes curriculares são exclusivos e, de alguma forma, até bastante incomuns na comunidade gestalt-terapêutica brasileira. Por exemplo, no Celso Lisboa Centro Universitário (RJ), havia uma disciplina “Gestalt-terapia e técnica clown: técnicas de palhaço na psicoterapia”, bem como “O Olhar Gestáltico para a Psico-oncologia: intervenções, experimentos e práticas fenomenológicas aplicados à Gestalt-terapia”, ambas extremamente singulares e dissonantes de outros currículos.

Nos aspectos da intervenção clínica, muitas disciplinas foram encontradas, como “Abordagem Gestáltica de Curta Duração”, “Como trabalhar sonhos em Gestalt-terapia”, “Gestalt-terapia de grupo”, “Gestalt-terapia com crianças”, “Gestalt-terapia e Psicologia Comunitária”, “Gestalt-terapia e Ecopsicoterapia”, “Terapia de casais e famílias em Gestalt-terapia”, “Olhar gestáltico para os transtornos alimentares”, “Trabalho corporal na clínica gestáltica”, “Abusos contemporâneos”, e uma infinidade de outras disciplinas específicas para campos e práticas de atuação.

Quanto a questões sociais e um olhar voltado para capacitar as/os Gestalt-terapeutas em políticas públicas, a Escola Experimental de Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico Existencial (PB) apresentou componentes curriculares bastante específicos, a exemplo: “Antropologia psicológica e o Sistema Único de Assistência Social” e “Antropologia psicológica e o Sistema Único de Saúde e trabalho no CAPS”; além da tentativa de delinear aspectos culturais com disciplinas como “Antropologia psicológica de aspectos psicossociais da formação cultural do Nordeste”. Outros institutos apresentavam ainda disciplinas como

“Gestalt-terapia e atenção à saúde”, “Processo saúde-doença e o desafio da clínica ampliada” e “Perspectiva social e a ética na prática clínica”.

Apesar dessa diversidade, não foram encontradas disciplinas que saíssem do escopo da clínica, algo a ser refletido e amadurecido pelos centros formadores. Caso uma/um Gestalt-terapeuta deseje atuar, por exemplo, em instituições de ensino, em instituições jurídicas, com esporte, em organizações/instituições/empresas, na assistência social ou em outros campos que possuem um caráter menos clínico e mais comunitário, socioeducacional ou administrativo, terão de construir formas de atuação a partir dos conhecimentos adquiridos nas formações de caráter clínico ou optar por outros arcabouços teóricos. Isso enfraquece a ampliação da área para outros fazeres, mesmo aqueles de atuação da Psicologia.

Apesar de ser comum na formação em Psicologia uma sectarização em relação às abordagens teórico-práticas, o aparecimento de currículos que mesclavam conhecimentos da Gestalt-terapia com a Abordagem Centrada na Pessoa coaduna com o fato histórico de ambas as abordagens, alinhadas ao movimento humanista, terem chegado ao Brasil no mesmo período. Nas palavras de Moreira (2010, p. 40):

É importante lembrar que a história da psicologia humanista no Brasil tem um caráter peculiar, na medida em que a formação de psicoterapeutas brasileiros que beberam das duas fontes – do pensamento de Frederick Perls e do de Carl Rogers – não é algo raro. Em muitos casos este fato tem a ver com a marcante influência de Maureen Miller O'Hara, Gestalt-terapeuta e colaboradora de Rogers em La Jolla, que nos anos setenta e oitenta realizou, no Brasil, workshops e treinamentos formando uma importante geração de gestalt-terapeutas brasileiros que foram influenciados diretamente também pelo pensamento de Carl Rogers.

Outras temáticas que parecem relevantes ao contexto cultural contemporâneo dizem respeito às questões culturais e estruturais, como questões de gênero, questões de sexualidade e LGBTs, raça e racismo, questões de classe, pobreza e desigualdade social, direitos reprodutivos das mulheres, aborto, entre outros. São conteúdos importantes para afinar a escuta e a prática de uma abordagem que se constituiu na contracultura e no anarquismo questionando as estruturas sociais, mas, ainda raros na formação de Gestalt-terapeutas.

#### *4.2.7 Quanto à natureza econômica das instituições*

Os resultados quanto à natureza econômica das instituições e centros são claros: 1 instituição de caráter público, 46 instituições privadas. Sem intenção de cair em um falso

moralismo de hipervalorização do que é público em detrimento do que é privado, este é um dado significativo que merece discussão. A Gestalt-terapia no Brasil, no que tange às formações, está incorporada nas práticas privadas e ainda tímida nas práticas do setor público. Isso vai em direção ao já mencionado fato das formações serem majoritariamente voltadas para o público do atendimento individual privado.

A conjuntura sócio-política do Brasil também contribui para este cenário. Os editais de fomento para construção e manutenção de centros formadores em Gestalt-terapia no setor público parecem algo difícil de vislumbrar em um horizonte de futuro próximo. Também, a criação de cursos de especialização em outras IES públicas exige um trabalho hercúleo e muitas articulações políticas de quem estiver conduzindo tal processo, tanto que há apenas a Universidade Federal de Minas Gerais (MG) figurando como espaço de formação no setor público no levantamento feito.

Apesar de o espaço privado ser mais presente no levantamento, há que se destacar que praticamente todos os centros/instituições que ofereciam supervisão clínica incentivavam seu corpo discente a uma prática de clínica social para sua capacitação. Isto é pertinente na medida em que se entende uma formação que, mesmo focada para um atendimento individual, também é social e coletiva, impactando diversos setores de forma direta e indireta, como o que acontece na prática psicoterapêutica, na qual é impossível de se ter mensurado o seu alcance real.

Outra vantagem em relação aos institutos e centros estarem localizados no setor econômico privado diz respeito à liberdade para suas constituições e execuções, permitindo que sejam incluídos projetos sociais e afins dentro dos seus projetos político-pedagógicos, como clínicas comunitárias, atendimentos gratuitos, atendimentos em modalidade de plantão psicológico, encaminhamento para outras instituições, a constituição de convênios etc.

Um aspecto sensivelmente negativo é a dificuldade de acesso. Considerando o valor de 2019 para o salário mínimo brasileiro (R\$ 998,00), é possível traçar um parâmetro de como o investimento em uma formação em Gestalt-terapia em território nacional ainda é privilégio para um público restrito: há cursos com mensalidades em torno de R\$ 450,00 a R\$ 770,00, inviáveis para grande parte da população, especialmente, para profissionais mais jovens iniciando no mercado de trabalho. Uma prática interessante nesse sentido são as bolsas de estudo ou trabalhos de monitoria ofertados por alguns centros e instituições, fato que flexibiliza os valores negociados e facilita o acesso para quem não pode arcar com os custos integralmente.

Ainda sobre aspectos financeiros, é necessário dizer que os cursos de pós-graduação em nível de especialização (*lato sensu*) nas Instituições de Ensino Superior que sejam públicas e gratuitas possuem um custo que não é financiado pelas universidades. Portanto, mesmo o curso da Universidade Federal de Minas Gerais (MG) apresentado neste levantamento possuía um custo de matrícula (R\$ 100,00) e um custo total de R\$ 8.250,00, de acordo com informações do seu edital. Isso significa que 100% dos 47 cursos levantados requeriam gastos individuais para serem cursados, não havendo nenhuma instituição que os ofertasse na modalidade gratuita.

#### *4.3 Considerações acerca da Fase 1 do estudo*

A Fase 1 deste estudo não se propôs a ser fechada e conclusiva; antes disso, é um estudo aberto que, certamente, em poucos anos irar requerer da comunidade gestalt-terapêutica brasileira ampliação, revisão e/ou mesmo refutação. Considerando todo o campo estudado e sua riqueza em detalhes e situações específicas, fica claro que muitas limitações se impuseram nesse processo.

Nesse sentido, a fim de compreender como estavam organizadas as formações em Gestalt-terapia pelo Brasil, a ideia central era realizar um levantamento nacional das cinco regiões brasileiras acerca de todas as instituições que houvessem ofertado curso de formação em Gestalt-terapia entre os anos de 2012 a 2018. Inicialmente a pesquisa se restringia ao período de 2012 a 2016, mas, como houve tempo hábil, o período foi estendido até a data da qualificação da pesquisa, não sendo possível garantir, porém, que a totalidade das instituições existentes no país tenha sido contemplada.

Apesar do esforço em mapear as cinco regiões brasileiras, é inegável que alguns institutos podem não ter sido encontrados por diversas questões técnicas. Por exemplo, dados desatualizados em sítios virtuais, ou ainda a ausência de mídias sociais/sites/páginas e afins, ou por não participarem do movimento nacional da Gestalt-terapia nos eventos/congressos, por iniciativas isoladas etc. Reconhecer isso não enfraquece a discussão apresentada aqui ou os dados apresentados.

Considerando ainda que cada instituto possui autonomia para se constituir e oferecer formações da forma que suas/seus coordenadoras/es julgarem mais apropriada, sem regulamentação/supervisão de qualquer órgão ou instituição “superior”, isso é de alguma forma esperado: não existe homogeneidade nesse processo e cada espaço de formação é singular.

O quadro apresentado na seção de resultados deste capítulo também não está completo. Alguns dados como a CH do Gestalt-Centro (RS) foram intuídos de forma imprecisa, considerando que o site da instituição apenas informava a quantidade de horas por semana e a duração em meses dos cursos. Essas *gestalten* abertas, mais que problemas técnicos, convocam a reflexões futuras e revisitações. A opção por manter os dados no quadro caminhou nesta direção, em vez de adotar a prática comum nos espaços acadêmicos de apenas exclusão de dados, o que por vezes pode empobrecer um trabalho de pesquisa.

Outro viés a ser considerado é a implicação do pesquisador com o tema. Inevitavelmente, como parte do grupo de Gestalt-terapeutas do Brasil, isto pode se colocar como lentes que ora guiam o olhar em uma direção específica, e ora impedem de ver dados que estavam ali e mereciam maior atenção. Ser pesquisador de uma área com a qual se está profundamente implicado é algo árduo e desafiador.

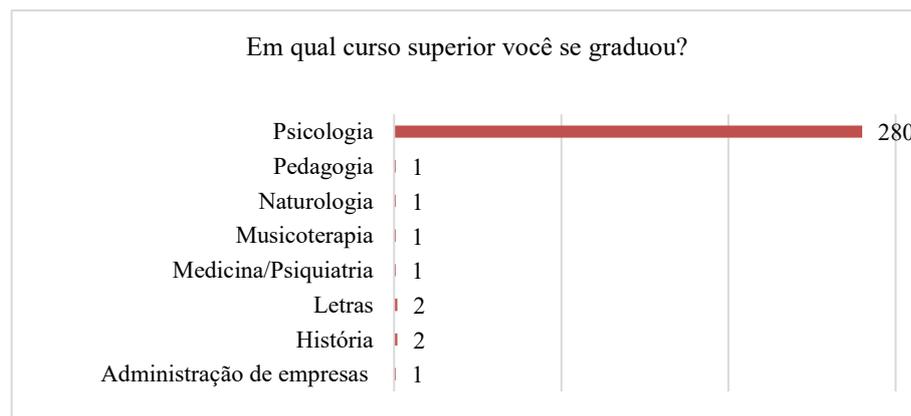
## CAPÍTULO V – A IDENTIDADE DE GESTALT-TERAPEUTAS DO BRASIL: ANÁLISE QUANTITATIVA

Este capítulo objetiva analisar os dados quantitativos referentes à Fase 2 da pesquisa: investigação sobre a identidade de Gestalt-terapeutas do Brasil. São apresentados os resultados e discussões a partir de uma coleta de dados *online* com 289 Gestalt-terapeutas de todas as regiões brasileiras, investigando suas graduações (área, ano de conclusão e tipo de instituição), seu percurso para se tornar Gestalt-terapeuta (vivência/workshop, especialização, supervisão, autodidatismo ou formação) e seu envolvimento em eventos acadêmicos (frequência). Para construção deste capítulo, foram utilizadas estatísticas descritivas e análise exploratória dos dados.

### 5.1 Resultados da Fase 2

Quantos aos cursos de Ensino Superior realizados pelas/os respondentes da pesquisa, houve uma concentração massiva na graduação em Psicologia (280 respostas), frente às graduações em Pedagogia (1), Naturologia (1), Musicoterapia (1), Medicina/Psiquiatria (1), Letras (2), História (2) e Administração de Empresas (1). Estes dados são apresentados visualmente no Gráfico 4.

Gráfico 4 – Distribuição por área de graduação das/os Gestalt-terapeutas respondentes<sup>15</sup>

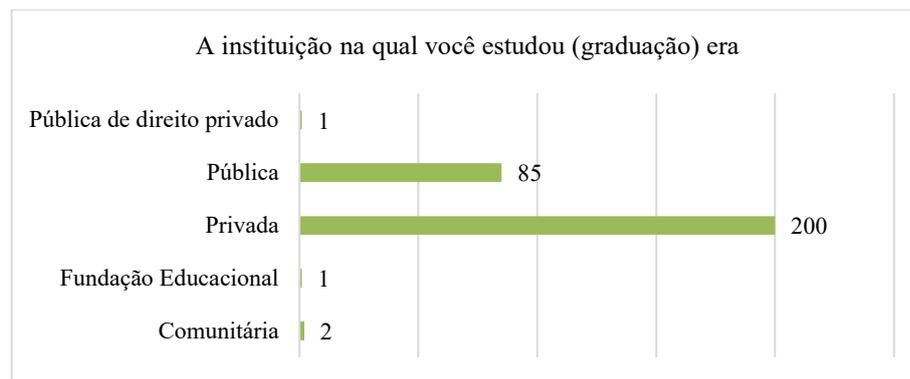


Fonte: o autor, 2019.

<sup>15</sup> A/o respondente com graduação em Filosofia também possuía graduação em Musicoterapia, neste gráfico é considerada apenas sua primeira graduação (Musicoterapia) a fim de evitar duplicidade de resposta na análise.

As/os respondentes informaram, também, sobre o setor ao qual pertenciam suas Instituições de Ensino Superior, as classificando em *Pública de direito privado* (1 resposta), *Pública* (85 respostas), *Privada* (200 respostas), *Fundação Educacional* (1 resposta) e *Comunitária* (2 respostas), o que se representa no Gráfico 5.

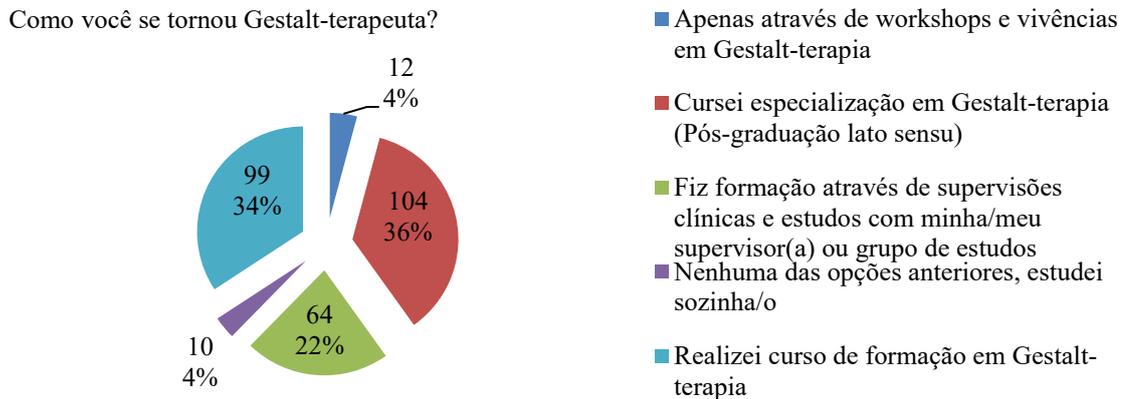
Gráfico 5 – Distribuição por tipo de instituição em que as/os Gestalt-terapeutas respondentes cursaram graduação



Fonte: o autor, 2019.

O formulário *online* possuía uma pergunta central que levava a seções diferentes. A pergunta “Como você se tornou Gestalt-terapeuta?” teve respostas distribuídas da seguinte forma: 4% (12 respostas) para a opção *Apenas através de workshops e vivências em Gestalt-terapia*, 36% (104 respostas) para *Cursei especialização em Gestalt-terapia (Pós-graduação lato sensu)*, 22% (64 respostas) para *Fiz formação através de supervisões clínicas e estudos com minha/meu supervisor(a) ou grupo de estudos*; 34% (99 respostas) para *Realizei curso de formação em Gestalt-terapia*, e 4% (10 respostas) para *Nenhuma das opções anteriores, estudei sozinha/o*. Essas respostas são representadas no gráfico abaixo.

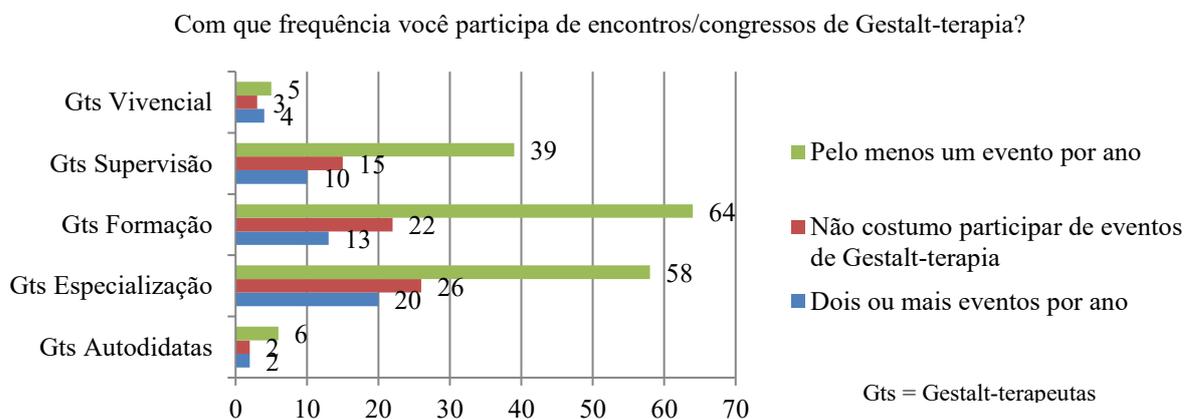
Gráfico 6 – Resposta como as/os participantes tornaram-se Gestalt-terapeutas



Fonte: o autor, 2019.

Investigando sobre a frequência das/dos respondentes em encontros/congressos de Gestalt-terapia, o formulário teve como distribuição, por categoria de formação (Vivencial, Supervisão, Cursos de formação, Cursos de especialização e Autodidatismo), os resultados apresentados no Gráfico 7.

Gráfico 7 – Frequência de participação das/dos Gestalt-terapeutas respondentes em eventos de Gestalt-terapia



Fonte: o autor, 2019.

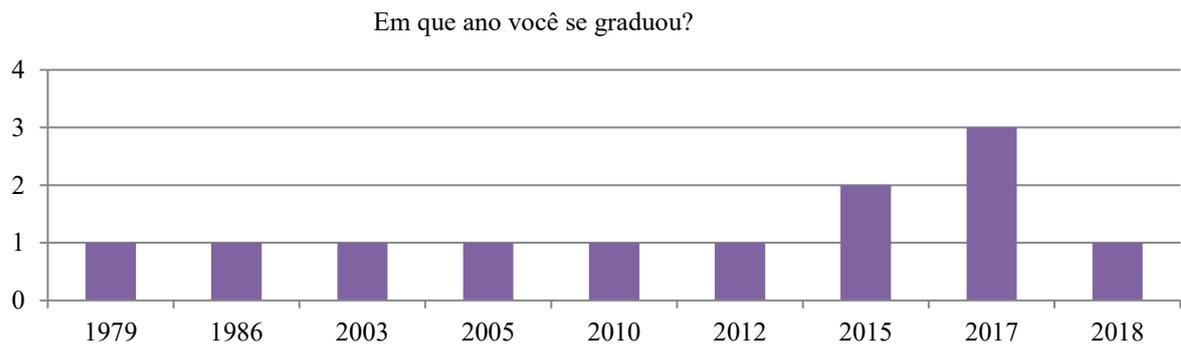
A fim de manter maior clareza, os resultados da Fase 2 – Dados Quantitativos, estão apresentados a seguir, subdivididos pelas categorias de Gestalt-terapeutas respondentes: *Vivencial* (Gestalt-terapeutas que se formaram a partir de workshops/vivências), *Especialização* (Gestalt-terapeutas que se formaram a partir de cursos de pós-graduação *lato sensu*), *Supervisão* (Gestalt-terapeutas que se formaram a partir de supervisão clínica e

estudos), *Autodidatas* (Gestalt-terapeutas que se formaram sem orientação externa) e *Formação* (Gestalt-terapeutas que se formaram a partir de  *cursos livre de formação*).

### 5.1.1 Gestalt-terapeutas formadas/dos por workshops/vivências

Esta subseção é composta pelas respostas das/dos Gestalt-terapeutas que se formaram a partir de workshops/vivências, não necessariamente estando vinculadas/dos a cursos de formação estruturados, mas participando de espaços em que o saber da Gestalt-terapia era difundido de forma majoritariamente vivencial e experiencial. As/os respondentes nesta categoria (12 no total) se graduaram entre os anos de 1979 e 2018 (Gráfico 8), com maior concentração no ano de 2017 (3 respostas).

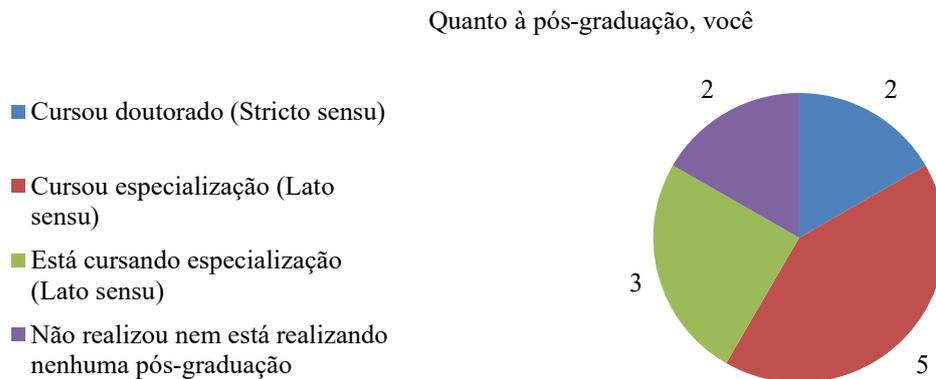
Gráfico 8 – Distribuição por ano de graduação Categoria Vivencial/Workshop



Fonte: o autor, 2019.

Quanto à formação acadêmica destas/es Gestalt-terapeutas (Gráfico 9), houve respostas para cursos de especialização concluídos (5 respondentes), curso de especialização em andamento (3 respondentes), doutorado completo (2 respondentes) e 2 respondentes informaram não terem pós-graduação.

Gráfico 9 – Titulação de Gestalt-terapeutas respondentes – Categoria Vivencial/Workshop



Fonte: o autor, 2019.

### 5.1.2 Gestalt-terapeutas especialistas (pós-graduação)

Esta subseção é composta pelas respostas das/dos Gestalt-terapeutas que se formaram a partir de cursos de especialização (pós-graduação *lato sensu*), com conhecimento da Gestalt-terapia estruturado a partir de módulos e organizado de acordo com as diretrizes do MEC e da ABEP. As/os respondentes nesta categoria (104 no total) se graduaram entre os anos de 1979 e 2017, com maior concentração no ano de 2011 (13 respostas), seguido do ano 2013 (10 respostas) e dos anos 2010, 2014 e 2015 (8 respostas cada), como se apresenta no Gráfico 10.

Gráfico 10 – Distribuição por ano de graduação – Categoria Especialização

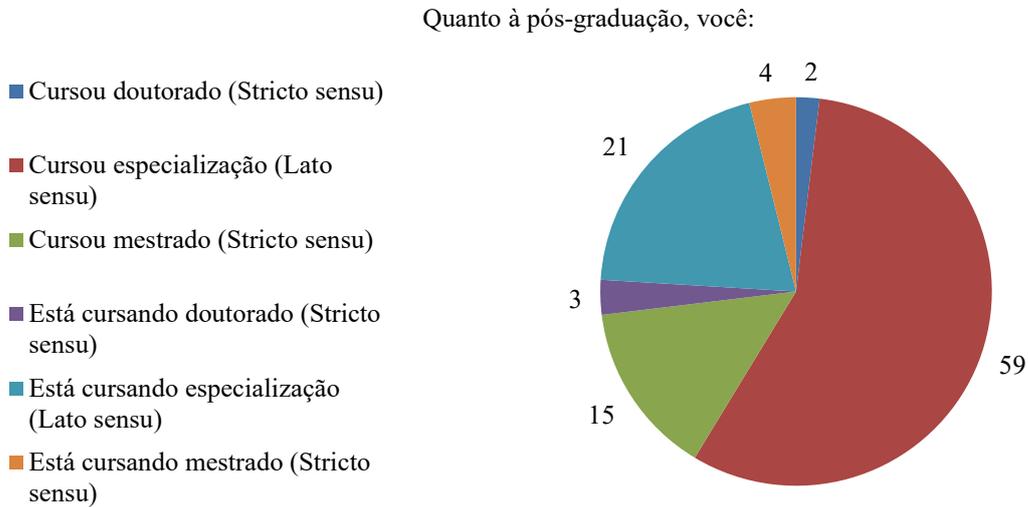


Fonte: o autor, 2019.

Quanto à titulação e formação em nível de pós-graduação, as/os Gestalt-terapeutas formadas/os a partir de cursos de especialização se distribuíram com 59 respostas para especialização completa, 21 respostas para especialização em andamento, 15 respostas para o curso de mestrado completo, 4 respostas para o curso de mestrado em andamento, 3 respostas

para o curso de doutorado em andamento e 2 respostas para o curso de doutorado completo, conforme se apresenta no Gráfico 11.

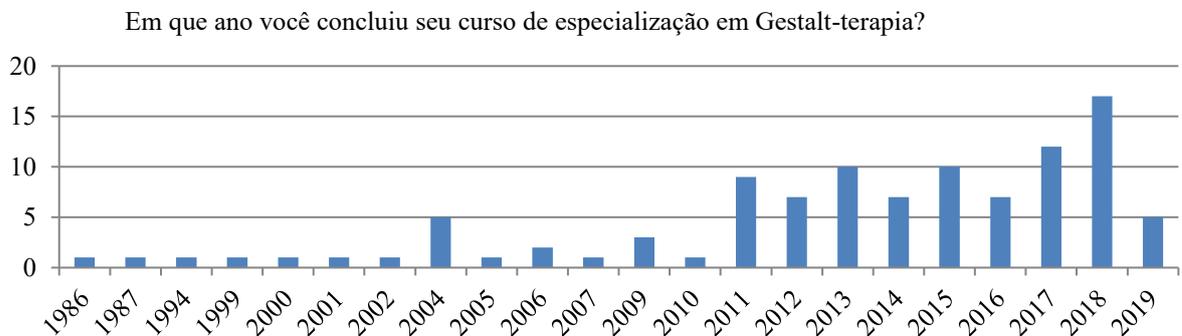
Gráfico 11 – Titulação de Gestalt-terapeutas respondentes – Categoria Especialização



Fonte: o autor, 2019.

Quando questionadas/os sobre o período em que concluíram seus cursos de Especialização em Gestalt-terapia, as/os respondentes informaram anos entre 1986 e 2019, com concentração no período de 2018 (17 respostas), seguido de 2017 (12 respostas). As respostas estão organizadas no Gráfico 12, abaixo.

Gráfico 12 – Distribuição por ano de conclusão de curso em Gestalt-terapia – Categoria Especialização



Fonte: o autor, 2019.

### 5.1.3 Gestalt-terapeutas formadas/dos por supervisão clínica e grupo de estudos

Esta subseção é composta pelas respostas das/dos Gestalt-terapeutas que se formaram a partir de supervisão clínica e/ou participação em grupos de estudos em Gestalt-terapia, não possuindo um modelo de sala de aula para o ensino, mas, clínico supervisionado em atendimentos gestalt-terapêuticos e estudos coletivos. As/os Gestalt-terapeutas desta categoria (64 no total) graduaram-se no período de 1985 a 2019, com concentração expressiva no ano de 2017 (19 respostas), conforme se apresenta no Gráfico 13.

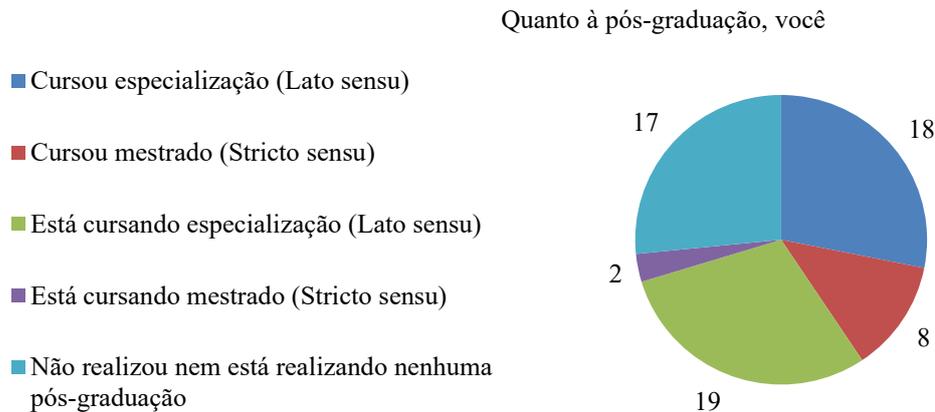
Gráfico 13 – Distribuição por ano de graduação – Categoria Supervisão



Fonte: o autor, 2019.

No que tange à qualificação em níveis de titulação, 19 respondentes informaram estar cursando especialização (pós-graduação *lato sensu*), 18 respondentes informaram possuir especialização completa, 17 não fizeram pós-graduação, 8 possuíam mestrado completo e 2 estavam cursando mestrado no momento da coleta. Os dados relativos a essa questão podem ser visualizados no Gráfico 14.

Gráfico 14 – Titulação de Gestalt-terapeutas respondentes – Categoria Supervisão



Fonte: o autor, 2019.

#### 5.1.4 Gestalt-terapeutas autodidatas

Esta subseção é composta pelas respostas das/dos Gestalt-terapeutas que se formaram de maneira autodidata, sem necessariamente terem passado por supervisão clínica e/ou cursos de formação ou especialização, classificando-se como Gestalt-terapeutas autodidatas. As/os Gestalt-terapeutas autodidatas (10 respondentes no total) se graduaram no período de 1973 a 2017, como expresso no Gráfico 15.

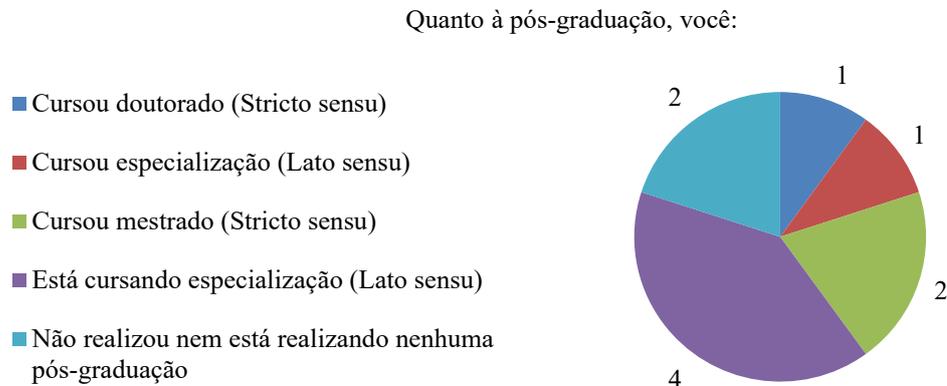
Gráfico 15 – Distribuição por ano de graduação – Categoria Autodidata



Fonte: o autor, 2019.

Quanto à qualificação em nível de pós-graduação (Gráfico 16), as/os Gestalt-terapeutas autodidatas se distribuíram com 4 respondentes cursando especialização no momento da coleta, 2 respondentes sem curso de pós-graduação, 2 respondentes com mestrado completo, 1 respondente com especialização e 1 respondente com doutorado completo.

Gráfico 16 – Titulação de Gestalt-terapeutas respondentes – Categoria Autodidata



Fonte: o autor, 2019.

### 5.1.5 Gestalt-terapeutas formadas/dos em curso livre (formação)

Esta subseção é composta pelas respostas das/dos Gestalt-terapeutas que se formaram a partir de cursos livres de formação, não necessariamente organizados conforme as diretrizes de órgãos como o MEC, mas, seguindo o modelo de sala de aula, com módulos e, eventualmente, supervisão clínica. As/os Gestalt-terapeutas formadas/os a partir de cursos livres (99 no total) graduaram-se no período de 1970 a 2017 (Gráfico 17).

Gráfico 17 – Distribuição por ano de graduação – Categoria Formação

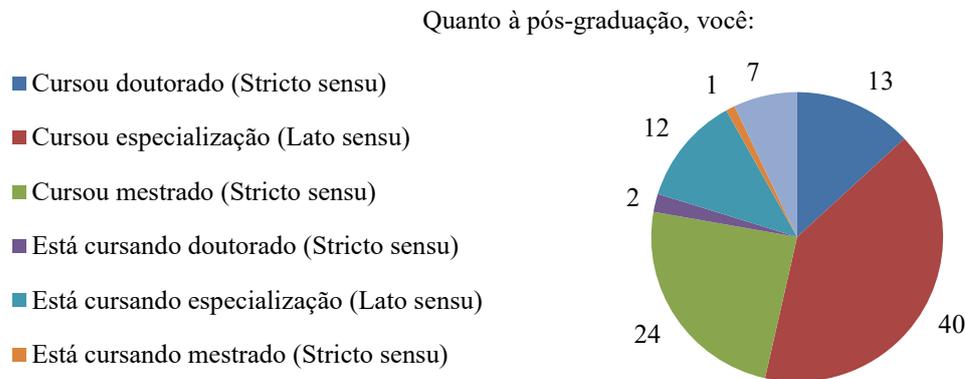


Fonte: o autor, 2019.

As/os Gestalt-terapeutas formadas/os a partir de cursos livres (formação) distribuíram-se com 40 respondentes tendo cursado especialização (pós-graduação *lato sensu*), 24 respondentes com mestrado completo, 13 respondentes com doutorado completo,

12 respondentes cursando especialização, 7 respondentes sem pós-graduação, 2 respondentes cursando doutorado e 1 respondente cursando mestrado (Gráfico 18).

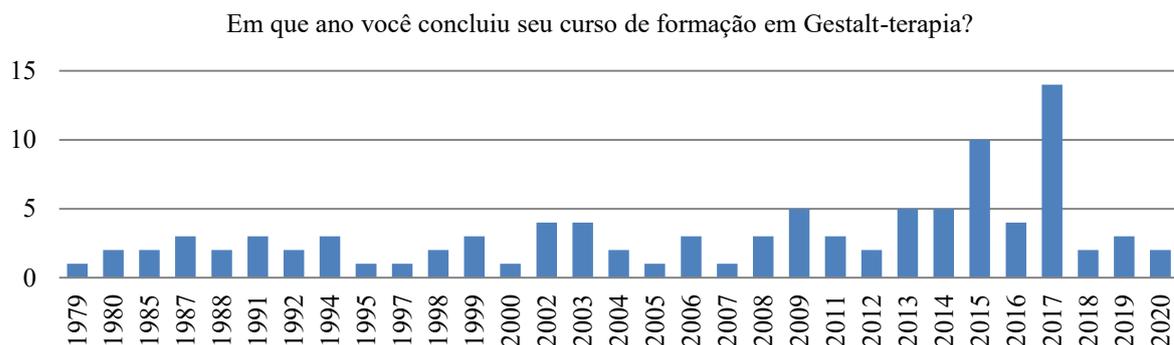
Gráfico 18 – Titulação de Gestalt-terapeutas respondentes – Categoria Formação



Fonte: o autor, 2019.

No que diz respeito ao período em que concluíram seus cursos livres de formação em Gestalt-terapia, as/os respondentes se distribuíram entre 1979 e 2020 (informando, neste caso, anos posteriores em que se formariam, considerando a coleta ter sido realizada em 2018). Houve concentração no ano de 2017 com 14 respostas, como mostra o Gráfico 19.

Gráfico 19 – Distribuição por ano de conclusão de curso em Gestalt-terapia – Categoria Formação



Fonte: o autor, 2019.

## 5.2 Discussão dos dados da Fase 2 – Análise Quantitativa

Para exploração dos dados quantitativos, a discussão foi organizada a partir de seis categorias temáticas: cursos de graduação, tipo de instituição de graduação (pública e

privada), quanto ao período em que as/os Gestalt-terapeutas se graduaram (ano de graduação), quanto à frequência em eventos e congressos de Gestalt-terapia, quanto à titulação das/dos respondentes e quanto às cinco categorias de Gestalt-terapeutas respondentes.

### 5.2.1 Cursos de graduação

A formação das/dos Gestalt-terapeutas respondentes é claramente alicerçada na Psicologia. Este dado em si não é surpreendente, considerando o que já foi discutido neste texto sobre a Gestalt-terapia brasileira estar fortemente organizada dentro das formações em Psicologia e também ao fato de ter chegado ao Brasil a partir da ciência psicológica. Para além das 280 respostas de Psicólogas/os ao formulário, é necessário um olhar atento às respostas que fugiram à maioria, ou seja, que ficaram fora de uma curva, permanecendo à margem.

Para responder ao formulário, as/os participantes precisavam unicamente se identificar como Gestalt-terapeutas, intencionalmente não havendo restrição prévia para Psicólogas/os. Assim, uma vez que as/os respondentes se identificassem como Gestalt-terapeutas, poderiam participar da amostra. Esta postura permitiu revelar um tema sensível e escamoteado dentro do cenário brasileiro na comunidade gestalt-terapêutica: existem Gestalt-terapeutas não-psicólogas/os.

Dentro deste critério de autodenominação/autoidentificação, foi possível encontrar, então: 1 Gestalt-terapeuta Pedagoga/o, 1 Gestalt-terapeuta Naturóloga/o, 1 Gestalt-terapeuta Musicoterapeuta, 1 Gestalt-terapeuta Psiquiatra, 2 Gestalt-terapeutas Historiadoras/es, 1 Gestalt-terapeuta Administrador/a de Empresas e 2 Gestalt-terapeutas Graduas/os em Letras.

Frente às 280 respostas de Psicólogas/os, talvez as 9 respostas pareçam ter menos força, mas, é importante refletir o que tais dados significam: outras profissões podem, assim como já o tem feito de forma bastante tímida, utilizar o arcabouço teórico-prático-artístico da Gestalt-terapia em suas *práxis*. Outras/os profissionais, além das/dos Psicólogas/os, podem ser – como já o são – Gestalt-terapeutas.

### *5.2.2 Tipo de instituição de graduação*

Uma parcela de 69% das/dos respondentes, maioria expressiva da amostra, são egressas/os de Instituição de Ensino Superior de caráter privado. Este é um dado também bastante significativo. Em outras palavras: as/os Gestalt-terapeutas egressas/os de Instituições de Ensino Superior públicas aparecem de forma menos expressiva. Os dados presentes nesse trabalho não são capazes de justificar este fenômeno, contudo, é possível fazer algumas conjecturas.

As universidades e faculdades públicas são conhecidas por terem processos mais burocráticos na construção de seus projetos políticos pedagógicos, refletindo bastante da realidade encontrada no serviço público brasileiro, de maneira geral. Isto pode gerar currículos mais engessados a outros saberes da Psicologia, como teorias Psicanalíticas ou de base Analítico-Comportamental e Cognitivo-Comportamental, conhecidas tradicionalmente por terem mais espaços/força nas grades curriculares brasileiras.

Outro fator importante, também como conjectura não passível de verificação com os dados aqui levantados, diz respeito ao caráter formativo das IES públicas, na formação de pesquisadoras/es, frente às IES privadas, na formação empreendedora. Como os cursos de Gestalt-terapia são majoritariamente, ou, quase que em sua totalidade, focados para uma atuação psicoterapêutica, no modelo de clínica individual e privada, isto talvez dialogue melhor com profissionais que estão em busca de colocação imediata no mercado de trabalho.

Ainda refletindo sobre possibilidades nessa direção, vale dizer que docentes de IES públicas costumam atuar em regime de dedicação exclusiva, estando impossibilitadas/os, por lei, de exercerem funções com vínculos empregatícios remunerados em outros espaços salvo algumas exceções. Este fato não ocorre em IES privadas, não sendo incomum encontrar docentes Gestalt-terapeutas nestas IES que possuem Centros/Institutos formadores, o que tenderia a fortalecer a Gestalt-terapia nas instituições de caráter privado.

### *5.2.3 Categorias de Gestalt-terapeutas*

É possível tecer alguns comentários no que tange às categorias de Gestalt-terapeutas apresentadas nos resultados deste capítulo. O primeiro deles diz respeito ao fato dos caminhos formativos em Gestalt-terapia serem distintos. Há Gestalt-terapeutas que entendem que sua formação como tal se deu centralmente no processo de supervisão, enquanto há aquelas/es que atribuem aos cursos de especialização e cursos livres a sua formação, bem como as/os que

se formaram a partir de workshops e vivências, e, ainda, Gestalt-terapeutas que entendem que os caminhos autodidatas as/os guiaram.

Quando o formulário foi organizado em tais categorias e subdivisões, a existência de Gestalt-terapeutas com formações diversas era apenas uma hipótese, baseada na experiência do pesquisador como membro da comunidade de Gestalt-terapeutas do Brasil. As respostas nas cinco categorias presentes no formulário confirmaram com bastante segurança: existem caminhos diversos para se tornar Gestalt-terapeuta no Brasil. Isto pode conter um fator positivo no que parece coerente com os princípios de um aporte teórico-filosófico que se propunha a ser questionador de ordens instituídas, qualidade clássica da Gestalt-terapia, ao mesmo tempo em que aponta para o problema de não haver delimitação, ou uma “formação mínima”, que garanta uma formação ética e cuidadosa para qualificar/formar Gestalt-terapeutas.

#### *5.2.4 Frequência em eventos/congressos de Gestalt-terapia*

Quanto à frequência em eventos/congressos de Gestalt-terapia, parece haver uma preocupação entre as/os respondentes em estarem nesses espaços, que também são formativos e constitutivos da identidade como Gestalt-terapeuta. Do total de respondentes, 172 (59%) disseram participar de, pelo menos, um evento de Gestalt-terapia por ano, ao passo que 49 respondentes (16%) informaram que participam de mais de um evento de Gestalt-terapia no mesmo período de tempo.

Algo para refletir diz respeito a um quarto da amostra, 25% de seu total (68 respondentes), informarem que não participam de eventos na área da Gestalt-terapia. Muitos são os motivos que podem afastar Gestalt-terapeutas de participarem de eventos da área, não sendo possível os identificar a partir dos dados aqui tratados. Assim, vale tentar refletir sobre este fenômeno.

Alguns fatores que afastam Gestalt-terapeutas dos espaços de trocas de saberes em congressos e eventos podem ser de ordem econômica, como custos de inscrição, traslado, hospedagem e alimentação, por vezes inacessíveis, caso haja o desejo de participar de eventos em grandes centros que exijam deslocamento. Outra questão a ser considerada diz da vontade da/do Gestalt-terapeuta de estar em áreas de saberes conexos, de interface, como grandes áreas da Saúde Mental, Políticas Públicas e tantas outras, ao invés de participar de eventos específicos de Gestalt-terapia.

### 5.2.5 Titulação das/dos Gestalt-terapeutas

Os dados levantados quanto à titulação mostram um cuidado das/dos Gestalt-terapeutas com sua formação acadêmica, no geral. Da amostra total, apenas 11% (31 respondentes) afirmaram não possuir nenhuma pós-graduação, seja em nível *stricto sensu* ou *lato sensu*, ao passo que 17% (49 respondentes) possuíam mestrado e 6% (18 respondentes) possuíam doutorado. Os outros 66% da amostra também estavam na pós-graduação, fosse cursando especialização/mestrado/doutorado ou com uma especialização concluída.

Como já dito, esses dados apontam na direção do que Holanda & Karwowski (2004) e Holanda (2009) afirmavam, há mais de uma década da escrita deste trabalho, de que havia um movimento das/dos Gestalt-terapeutas do Brasil em produzirem trabalhos acadêmicos nas pós-graduações *stricto sensu*. Isso fortalece a Gestalt-terapia dentro dos espaços de poder presentes nas academias/universidades.

Outro dado curioso sobre a titulação diz respeito à categoria de Gestalt-terapeutas respondentes. As/os Gestalt-terapeutas que optaram por cursos livres de formação em Gestalt-terapia e que possuem mestrado e doutorado são expressivamente mais numerosas/os do que nas outras categorias. Há 13 Gestalt-terapeutas (cursos livres/formação) doutoras/res e 24 são mestras/es entre as/os respondentes, ao passo que, entre Gestalt-terapeutas (especialização), houve apenas 2 doutoras/es e 15 mestras/es.

Isso talvez se dê por esses cursos livres de formação possuírem estruturas mais flexíveis, por não serem organizados por IES ou órgãos federais, mantendo certo rigor acadêmico, porém, ainda com flexibilidade. Ou, ainda, por mais que não ofereçam uma certificação válida para concursos públicos, como a especialização, isso não criaria um problema para quem já possui titulação de mestre/a e doutor/a, consideradas superiores à especialização nesse tipo de certame.

### 5.2.6 Quanto ao período/tempo de graduação

Em todas as categorias de Gestalt-terapeutas respondentes, foi possível perceber que há uma concentração nos anos de graduação entre 2010 e 2018. Isso talvez tenha acontecido devido ao meio em que o formulário foi desenvolvido – *online* –, além de ter sido majoritariamente divulgado em redes sociais virtuais. Assim, inevitavelmente, usuários de internet com baixa frequência, ou ausentes de redes sociais e grupos de e-mail dificilmente poderiam tomar conhecimento do instrumento de coleta de dados.

Apesar da concentração na década mencionada, todas as categorias apresentaram profissionais Gestalt-terapeutas que poderiam ser considerados “sênior” da área, com suas graduações datadas entre os anos de 1970 e anos de 1980. Mesmo reconhecendo que possam ter realizado seu processo formativo em Gestalt-terapia posteriormente, este é um dado importante por ratificar que há uma distribuição etária e de experiência bastante larga entre Gestalt-terapeutas do Brasil.

### *5.3 Considerações acerca da Fase 2 do estudo – Análise Quantitativa*

Pensar que há caminhos formativos diferentes para Gestalt-terapeutas abre outra questão, como a dúvida se todos estes caminhos congregam o mesmo referencial teórico, as mesmas diretrizes de atuação, ou se haveria sistemas coexistentes de “Gestalt-terapias” focados em pontos distintos de sua organização teórico-prática.

Uma dificuldade estatística diz respeito à generalização dos dados levantados aqui: quantas/os Gestalt-terapeutas existem no Brasil? Sem esta informação, não é possível dizer se a amostra de 289 respondentes é significativa matematicamente para uma generalização. Assim, é importante enfatizar que os dados apresentados neste capítulo não se propuseram a construir explicações sobre a Gestalt-terapia brasileira; antes disso, tais dados jogam luz sobre a comunidade de Gestalt-terapeutas em território brasileiro como um primeiro olhar para investigar este grupo no país. Há ainda que se reconhecer que um formulário *online* cria limitações de acesso, conforme discutido.

Ainda assim, vale destacar que a participação de profissionais Gestalt-terapeutas de todas as cinco regiões do território nacional enfatiza o quanto a abordagem da Gestalt-terapia se espalhou no país. Assim como a difusão de eventos, apresentada no Capítulo II, e a distribuição de institutos e centros de formação, apresentada no Capítulo IV, isso aponta na direção de um crescimento significativo da Gestalt-terapia no Brasil.

## CAPÍTULO VI – A IDENTIDADE DE GESTALT-TERAPEUTAS DO BRASIL: ANÁLISE QUALITATIVA

Este capítulo tem como objetivo analisar os dados qualitativos referentes à Fase 2 da pesquisa: investigação sobre a identidade de Gestalt-terapeutas do Brasil. São apresentados a seguir os resultados e discussões a partir de uma coleta de dados *online* com 289 Gestalt-terapeutas de todas as regiões brasileiras, investigando como as/os respondentes compreendiam o que é ser Gestalt-terapeuta.

### 6.1 Resultados e discussões da Fase 2 – Análise Qualitativa

Os dados aqui apresentados seriam inicialmente separados por categorias formativas de Gestalt-terapeutas respondentes (Vivência/workshop, Especialização, Supervisão, Autodidatismo ou Formação), como no capítulo anterior. Contudo, após a categorização, feita a partir do referencial de Bardin (1977) com a análise de conteúdo, foi possível perceber que as respostas à pergunta “Para você, o que é ser Gestalt-terapeuta?” se estruturavam em três eixos centrais.

Mesmo que as respostas não tenham sido analisadas de forma isolada pelas categorias de respondentes, como mencionado anteriormente, vale explicitar que foram organizadas e lidas da maneira como se apresenta no Quadro 4.

Quadro 4 – Categoria dos respondentes

<b>Categoria da/do respondente</b>	<b>Identificação das/dos respondentes</b>
Formação em Gestalt-terapia	Gt1 a Gt99
Autodidatas	Gt100 a Gt109
Supervisão	Gt110 a Gt173
Vivência/Workshop	Gt174 a Gt185
Especialização	Gt186 a Gt289

Fonte: o autor, 2019.

Os três eixos identificados foram:

1) *Gestalt-terapeuta como modo de ser/estar no mundo:*

Respostas que contemplavam a ideia de que ser Gestalt-terapeuta é, antes de uma teoria ou uma orientação teórico-clínica para uma atuação profissional, uma forma de ser/estar no mundo, dizendo sobre como a/o respondente se posiciona como sujeito e compreende sua existência;

2) *Gestalt-terapeuta como atuação profissional/clínica:*

Respostas que circunscreviam a noção de ser Gestalt-terapeuta de forma claramente vinculada à atuação profissional/clínica como profissionais que aportam seu fazer na teoria da Gestalt-terapia;

3) *Gestalt-terapeuta como forma de se relacionar:*

Respostas que compreendiam que ser Gestalt-terapeuta é uma forma de se relacionar com a sociedade. Apesar de se aproximar da categoria 1 (*Gestalt-terapeuta como modo de ser/estar no mundo*), nesta categoria, especificamente, as/os respondentes enfatizavam a relação com outras pessoas e, de forma sensível, enfatizavam menos a relação consigo mesmas/os.

Assim, este capítulo foi organizado em três categorias centrais, com excertos<sup>16</sup> de respostas que ilustrassem cada um desses eixos, sendo, a partir disso, tecidas reflexões e discussões que se apresentam a seguir.

*6.1.1 Gestalt-terapeuta como modo de ser/estar no mundo*

Na primeira categoria, foi possível perceber a compreensão das/dos respondentes em torno de uma identidade gestalt-terapêutica relacionada com a forma de ler o mundo e o seu entorno, enfatizando o aspecto pessoal para ser Gestalt-terapeuta. Isso é ilustrado pelas seguintes respostas:

*É uma forma de ser e de compreender o ser humano, utilizando a ciência sem método tabelado, mas sim respeitando a subjetividade humana (Gt101).*

*É você ter uma identificação com a abordagem não só para realizar um trabalho psicoterápico, mas entender a Gestalt como uma forma de vida (Gt107).*

*Uma forma única de me relacionar com o mundo, nasci Gestalt-terapeuta (Gt110).*

*É além de uma abordagem que embasa meu fazer profissional, uma filosofia de vida. A teoria da Gestalt Terapia é a que mais se aproximou de tudo o que sempre fez sentido na minha vida! (Gt129).*

---

<sup>16</sup> Algumas respostas que possuíam uma linguagem abreviada (por exemplo, “vc” para “você”) foram rescritas. Pequenos erros de ortografia também foram corrigidos para apresentar as falas das categorias. No Anexo A – Respostas à pergunta “Para você, o que é ser Gestalt-terapeuta?” (Fase 2), é possível encontrar todas as 289 respostas para a pergunta “Para você o que é ser Gestalt-terapeuta?” exatamente como foram preenchidas no formulário, sem alterações ortográficas.

*Descobrir minha verdade, e acreditar no que faz sentido para o homem (Gt177).*

*Para mim, isso é mais do que uma prática profissional, mas um valor que converge com minha ideologia, como me entende como pessoa e como compreendo o mundo (Gt180).*

*É quem eu sou. É ser no mundo (Gt216).*

*É uma filosofia/prática que não levo apenas para o consultório, mas também para a minha vida (Gt223).*

*Gestalt-terapia é visão de mundo, é mais do que um treinamento ou método pra fazer algo. O Gestalt-terapeuta é um cientista que estuda o que se presentifica e busca fazer isso no cotidiano, não apenas no ambiente de trabalho que, para nós, não é separado do resto da vida, apenas diferente. Ser Gestalt-terapeuta tem a ver com um profundo questionamento de si mesmo e do si mesmo, é aceitar uma configuração que se apresenta, sem abrir mão das inúmeras possibilidades de enxergar o mesmo fenômeno, e entender que aceitar não significa conformar-se, e sim buscar conhecer (Gt242).*

*É a melhor escolha que fiz em minha vida! Gestalt-terapia, para mim, transcende, e muito, a esfera teórica e prática clínica. Costumo dizer que Gestalt-terapia é uma filosofia de vida. Sinto que fui escolhida pela Gestalt. E não consegui (e nem desejo) sair da proposta de ser Gestalt-terapeuta (Gt282).*

As dez respostas acima apontam para a compreensão de que ser Gestalt-terapeuta está intrinsecamente ligado a uma filosofia pessoal, a um modo de viver, uma forma de ser e também de estar no mundo para as/os respondentes. Esta categoria não é surpreendente para qualquer Gestalt-terapeuta que tenha tido contato com a literatura da área.

A noção de que a Gestalt-terapia também é uma filosofia de vida e, portanto, ser Gestalt-terapeuta relacionar-se-ia a tal posicionamento, é encontrada em diversos teóricos. Por exemplo, em Ribeiro (2012, p. 183): “É muito por este espírito oriental que podemos definir a Gestalt-terapia como uma arte e uma filosofia de vida”; e em Yontef (1988, p. 66): “A Gestalt-terapia [...] também atraiu substancialmente grande número de clínicos que encontraram na Gestalt-terapia não somente uma poderosa psicoterapia, mas também uma filosofia de vida viável”.

Contudo, Ginger e Ginger (1995), ao discutirem as noções de zen-budismo na Gestalt-terapia, de onde adviria a noção de “filosofia de vida” da abordagem, já questionavam e informavam que esta concepção não era um consenso da área. Indagavam: “quanto a saber se o zen é também um método ‘terapêutico’, e se a Gestalt é também uma ‘filosofia de vida’... o debate continua em aberto e, afinal, envolve definição dos termos!” (p. 92).

Esta categoria também se relaciona ao fato histórico do conhecido desejo de Fritz Perls em construir em Esalen um espaço para se viver em comunidades gestalt-terapêuticas com os kibutzim (Perls, 1969/1973, p. 243). Esse fato também parecia apontar para uma compreensão da Gestalt-terapia como filosofia de vida, presente na identidade de diversas/os Gestalt-terapeutas, como demonstrado nos excertos acima.

### *6.1.2 Gestalt-terapeuta como atuação profissional/clínica*

A segunda categoria foi organizada a partir de respostas em que as/os respondentes enfatizaram o ser Gestalt-terapeuta como algo relacionado, especificamente, à atuação profissional, atuação esta com uma ênfase na prática clínica, como é possível verificar nos excertos abaixo:

*É acolher amorosamente o paciente através da humanidade do terapeuta buscando a humanidade do paciente. Ser ético. Respeitar a visão de homem e os pressupostos teóricos da Gestalt-terapia (Gt100).*

*É atuar com base na teoria/pesquisa/prática (filosofia, epistemologia, visão de homem, técnica, corpo teórico) da abordagem. Ter uma boa compreensão dos conhecimentos científicos e éticos da psicologia. É atuar com base nesses referenciais, independente dos campos de atuação (esporte, clínica, pesquisa, docência) (Gt105).*

*Ser Gestalt-terapeuta pra mim é explorar novas possibilidades na clínica através dos conceitos e técnicas. É poder trabalhar os conceitos no dia a dia de forma menos engessada (Gt106).*

*Eita! Pergunta difícil. Acho que é compreender os fenômenos como co-criações que emergem do campo organismo/ambiente. É também ter uma postura fenomenológica, descritiva antes de interpretativa. É trabalhar com a possibilidade de abertura à criação e à espontaneidade (Gt111).*

*É acompanhar o cliente no seu processo singular de ser e estar no mundo com os outros por meio de uma relação terapêutica que favoreça o desdobramento das suas possibilidades existenciais (Gt148).*

*Trabalhar no aqui-e-agora, ser autêntico enquanto psicoterapeuta e estar ali com o cliente. Liberdade para trabalhar e utilizar experimentos sempre que estes forem a serviço da awareness dos envolvidos no processo (Gt165).*

*É ser um facilitador que ajuda o seu cliente, a curto prazo, a entender e assumir a sua responsabilidade no processo de compreensão e solução de seus conflitos (Gt185).*

*É estar presente diante do paciente, desprovida de julgamentos, aberta ao encontro dialógico com escuta receptiva, respeito e atenção suficientes para que haja uma relação de ajuda humana e ética. É ter a liberdade para intuir e criar a partir da fala dele (fato, fenômeno), uma vivência, usar um poema ou uma técnica que favoreça o crescimento do paciente através da ressignificação da sua questão (Gt186).*

*Seguir os conteúdos da Abordagem Gestáltica, ter uma visão de homem com suas potencialidades e responsabilidade por suas escolhas, viver no aqui e agora, ter sempre consciência de seus processos internos, ser quem se é, fazer ajustamentos criativos, enfim vivenciar os preceitos básicos da Gestalt-terapia de forma íntegra e saudável (Gt261).*

*É ser Humanista, Fenomenológico e Existencial (Gt286).*

As respostas encontradas nesta categoria se relacionam fortemente a uma compreensão de que ser Gestalt-terapeuta está mais próximo de uma atuação, de uma prática, organizada em pressupostos filosóficos e científicos da Gestalt-terapia. É possível pensar que estas/es Gestalt-terapeutas parecem estar mais próximas/os das ideias propostas por Laura Perls (1992) e sua constante preocupação em organizar de forma concisa os conhecimentos envolvidos em uma prática gestalt-terapêutica, a fim de transmiti-los para formar profissionais capacitadas/os.

Explorando as respostas das/dos respondentes, por exemplo, na resposta da/o Gt105, é possível visualizar uma ênfase na estrutura teórica e filosófica da Gestalt-terapia, apontando para a possibilidade de sua utilização em outros espaços para além da clínica, ponto muito importante considerando que parece haver menos profissionais em tais espaços. Para a/o Gt106, há uma leitura de que o sistema teórico gestalt-terapêutico lhe permite fluidez na atuação, de “forma menos engessada”, fato que também dialoga com o constante apelo da Gestalt-terapia para a criatividade da/do Gestalt-terapeuta (Zinker, 2007).

Apenas como detalhe, mas que também é importante ao se discutir a construção da identidade da/do Gestalt-terapeuta brasileira/o: vale destacar como as respostas utilizam as terminologias de “paciente” (Gt100) e de “cliente” (Gt165, Gt168, Gt185) de forma indistinta, parecendo apenas informarem que são o público com quem estas/es Gestalt-terapeutas atuam. Essa é uma discussão antiga e também não equacionada dentro da Psicologia e, neste caso, por conseguinte, na Gestalt-terapia. Assim, há Gestalt-terapeutas que utilizam tanto a palavra “paciente” quanto “cliente”, sendo importante ainda lembrar que a literatura de Müller-Granzotto & Müller-Granzotto (2007) traz a ideia de “consulente” na Gestalt-terapia brasileira.

### 6.1.3 Gestalt-terapeuta como forma de se relacionar

A terceira categoria se organizou a partir das respostas em que as/os respondentes se compreendiam Gestalt-terapeutas pela forma como se relacionavam com a sociedade, com outras pessoas, de maneira geral, não necessariamente dentro de uma compreensão de atuação/prática profissional (categoria 2), nem unicamente como forma de se perceber no mundo (categoria 1). Os excertos abaixo expressam essas respostas:

*Ter uma certa atitude fundamentada em conceitos rigorosos, sem perder a abertura para um contato profundo (Gt102).*

*É uma arte que envolve olhar para o outro já conhecido ao mesmo tempo em que se surpreende com ele a cada instante (Gt108).*

*É estar em relação o tempo todo (Gt140).*

*É transcender na alma do outro (Gt178).*

*É trilhar um caminho útil, coerente e humano para viver bem e ajudar pessoas a se reencontrarem (Gt181).*

*É valorizar o ser humano, com suas particularidades, potencialidades e limitações, o qual é dotado de força para mudar a sua trajetória (Gt182).*

*Alguém que se disponibiliza ao outro e acredita na mudança. Que precisa compreender a fluidez da vida (Gt199).*

*É aprender a olhar os eventos ao redor com outros olhos, mais compreensíveis e sempre acreditando no potencial humano e na importância das relações (Gt201).*

A partir destes excertos, porém, não é possível identificar na fala das/dos respondentes se “o outro” com quem se relacionam (por exemplo, Gt108, Gt178, Gt199) se refere a um paciente/cliente/consulente, ou, se estão se referindo a um outro com quem se relaciona em quaisquer contextos, seja de atuação profissional ou não.

Isso é interessante na medida em que, nesta categoria, parece haver uma combinação não-explicita entre as categorias 1 e 2 mencionadas anteriormente. Se “o outro” com que se relaciona é alguém fora do contexto profissional, ser Gestalt-terapeuta estaria ligado à identidade já mencionada de uma forma de ser/estar no mundo; se este “outro” se referir a um paciente/cliente/consulente, ser Gestalt-terapeuta estaria ligado à identidade de atuação profissional.

As respostas presentes no terceiro eixo, portanto, não identificam especificamente uma noção de ser Gestalt-terapeuta distinta das anteriores, mas, talvez apresente uma perspectiva diferente no que diz respeito à ideia de que ser Gestalt-terapeuta é uma identidade que só existe em “relação”, seja consigo, seja com aspectos da fundamentação teórica da Gestalt-terapia, seja na relação estabelecida com outras pessoas em espaços profissionais ou não profissionais.

#### *6.1.4 Outras compreensões sobre ser Gestalt-terapeuta*

A pesquisa qualitativa possui uma organização metodológica que permite uma exploração mais detalhada do seu conteúdo quando a/o pesquisador(a) analisa os dados coletados. Considerando respostas que não foram contempladas nas três categorias encontradas, mas, que também são necessárias e importantes para a discussão deste capítulo no que diz respeito à identidade da/do Gestalt-terapeuta brasileira/o, foi incluída esta subseção.

Além das três categorias mencionadas anteriormente, outras compreensões identitárias sobre o que é ser Gestalt-terapeuta foram localizadas nas respostas. Por exemplo:

*Eu não fiz o trabalho de conclusão, portanto, não tenho o certificado, mas atendo até hoje (perto de 30 anos) com base nas teorias da Gestalt, humanismo, existencialismo e toda a teoria e prática que compuseram os meus 4 anos de especialização (Gt240).*

*Ter concluído a formação (Gt272).*

Em ambas as respostas, as/os respondentes Gt240 e Gt272 apontam sobre a compreensão de que ser Gestalt-terapeuta está relacionado ao fato de concluírem uma formação específica na área da Gestalt-terapia. Especificamente, na resposta da/o Gt240, isso é mais sensível por a/o respondente informar que não possui certificação na área, “mas”, atende como Gestalt-terapeuta. Sua fala parece expressar certo receio por não possuir um documento formal, apesar de, ao mesmo tempo, compreender-se como Gestalt-terapeuta, uma vez que respondeu ao formulário que possuía apenas esse critério de inclusão: a autoidentificação.

É importante discutir esse tema. Não necessariamente, pelo que se pode ver até aqui, ser Gestalt-terapeuta estará relacionado à conclusão de um curso de formação ou especialização na área. Contudo, não é possível banalizar a formação em Gestalt-terapia ou desconsiderá-la como elemento formativo importante. As formações em Gestalt-terapia, como

já se apresentou no Capítulo IV, são bastante distintas e se constituem, na atualidade, como espaços privilegiados dos processos formativos de Gestalt-terapeutas, permitindo o contato com a teoria e com a prática da abordagem.

Quanto às terminologias, o excerto abaixo trouxe algo curioso:

*Um bom analista gestáltico é um profissional que estuda, faz supervisão e, sobretudo, deixa-se analisar. Abre mão das teorias no momento da escuta, mas estuda seus pacientes com rigor. Discute com outros profissionais e se abre a outros saberes (Gt230).*

A partir desta fala, é possível retomar as reflexões do Capítulo I deste trabalho, sobre diferentes conceituações e flexões da língua acerca da Gestalt-terapia no Brasil. A/o respondente utiliza o termo “analista gestáltico” e “analisar”, para o processo de ser paciente/cliente/consulente de um/a Gestalt-terapeuta. Esta terminologia, “analista gestáltico”, pode parecer irrefletida ou não, mas claramente é distinta do que é usual na área como “Gestalt-terapeuta”.

Por ser uma resposta pontual e curta, sem ser possível acessar a/o respondente, não há como inferir se foi intencional ou não o uso de tal terminologia. Ainda assim, é cabível dizer que novamente aponta para o fato da Gestalt-terapia possuir uma diversidade de identidades que se apresenta tanto entre suas/seus praticantes, quanto nas formas linguísticas quando se tenta dar contorno à área.

No que diz respeito à relação direta e, talvez também automatizada ou mesmo irrefletida da Gestalt-terapia com a Psicologia:

*Trabalhar como psicoterapeuta usando referencial da gestalt-terapia (Gt147).*

*É um psicólogo que busca sempre novos conhecimentos acerca da teoria e de novas técnicas. O Gestalt-terapeuta tem uma visão diferenciada do ser humano, uma visão ampla que faz comunicação com a clínica psicossomática, no sentido de não divisão do sujeito em corpo e mente (Gt163).*

Estas respostas correlacionam de uma forma linear Psicologia e Gestalt-terapia, e especificamente no caso da identidade, Gestalt-terapeuta como Psicólogo/Psicoterapeuta. Fato comum neste estudo, uma vez que a amostra se constituiu quase que integralmente por profissionais da Psicologia. De toda forma, uma vez mais, vale ser destacado que existem profissionais de outras áreas, que não a Psicologia, que também são Gestalt-terapeutas.

Quanto a outras características:

*Mais que uma terapeuta, uma facilitadora de vida! (Gt125).*

*Amor (Gt144).*

*Não sei responder (Gt146).*

Por mais que possa parecer um julgamento moralista, parece ser fundamental refletir sobre estas respostas. Na fala da/o Gt125, há que se considerar, a partir de parâmetros éticos, ou de uma ética na Gestalt-terapia (Nascimento & Vale, 2013), se o que se faz como Gestalt-terapeuta é “facilitar a vida” de pacientes/clientes/consultentes. Obviamente que a resposta é descontextualizada, mas soa de forma apriorística, como bastante desresponsabilizante. Seria função da/do Gestalt-terapeuta “facilitar” vidas?

A resposta da/o Gt144 apresenta uma visão romântica/apaixonada, que há que se dizer que também é importante por significar que há energia e afeto na escolha por ser Gestalt-terapeuta. Todavia, frente à pergunta feita neste estudo, tal resposta, como diversas outras, pareceu rasa e superficial, bem como a resposta da/o Gt146, claramente expressando a dificuldade sobre o que significa para ela/ele ser Gestalt-terapeuta.

## *6.2 Considerações acerca da Fase 2 do estudo – Análise qualitativa*

Apesar de sensivelmente diferentes e, por vezes, a um olhar inicial, distintas demais, as categorias 1 (*ser Gestalt-terapeuta como modo de ser/estar no mundo*) e 2 (*ser Gestalt-terapeuta como atuação profissional/clínica*) guardam algo em comum: a relação existente entre praticar Gestalt-terapia e viver Gestalt-terapia como elementos co-constituintes, e, neste caso, como elementos identitários do que é ser Gestalt-terapeuta no Brasil. A categoria 3 (*ser Gestalt-terapeuta como forma de se relacionar*), como já mencionado, parece se entrelaçar entre as duas primeiras, sendo bastante coerente frente às respostas apresentadas, apenas tendo sido separada por não “caber” em nenhuma das outras duas de forma explícita.

Há que se considerar que muitas das respostas foram curtas, objetivas e diretas. Não é possível saber se as/os respondentes utilizaram computadores ou *smartphones* para responder ao formulário. Assim, é possível hipotetizar que, caso tenham utilizado *smartphones*, isso possa ter contribuído para a extensão das respostas, sendo de se esperar que o tempo disponibilizado para responder algo nestes dispositivos convoca à pressa, à agilidade, às respostas curtas, tão presentes nas mídias sociais e nos meios virtuais atualmente.

De toda forma, não é possível passar despercebido o fato de que as respostas sobre a identidade do que é ser Gestalt-terapeuta pareçam para além de curtas, objetivas e diretas, um tanto quanto rasas e, por vezes, superficiais. Estaria isso ligado a uma identidade pouco estabelecida ou ainda em fase de consolidação? Estaria isso ligado a um desinteresse no tema ou ainda a uma irreflexão sobre o que significa ser Gestalt-terapeuta para as/os respondentes? Estas são perguntas que este estudo não consegue responder, porém são importantes como reflexão.

Por fim, a fala “*É a melhor escolha que fiz em minha vida!*” (Gt282) expressa um caráter muito estimulante e vibrante sobre o que significa ser Gestalt-terapeuta para a/o respondente. Esta resposta parece transcender a escolha teórica e ter constituído o sentido central da vida da/do respondente, o que parece muito genuíno e coerente com a ideia de Fritz Perls de uma abordagem que fosse viva e cheia de sentido para suas/seus praticantes.

*CODA: CONCLUSÃO, CONSIDERAÇÕES E ALINHAVOS FINAIS*

Coda, na teoria musical, é a seção que encerra uma música, sendo desdobramentos musicais deste fim. Na coda, é possível retomar ideias que já apareceram em outros compassos da música e, com isso, concluí-la. Metaforicamente, é o que se apresenta nesta seção como conclusão, considerações e alinhavos finais.

Inicialmente, o meu interesse nessa temática surgiu tanto por eu ter estado vinculado à coordenação de um instituto (2014-2018), em que me questionava acerca da nossa base curricular, quanto pela curiosidade sobre se estaríamos todas/os ensinando a “mesma” Gestalt-terapia ou se já estaríamos desenvolvendo outros modelos individualizados.

Ainda sobre minha experiência individual, parece importante informar que tive contato com Gestalt-terapias muito diversas no meu percurso acadêmico. Graduei-me no norte do país, tendo contato com uma Gestalt-terapia paraense; mudei-me para o sul, para seguir meus estudos, tendo tido contato com uma Gestalt-terapia paranaense; e mudei-me em seguida para o centro-oeste, para a pesquisa do doutorado, tendo contato com uma Gestalt-terapia candanga. Essas experiências me sensibilizaram para perceber convergências e divergências, especialmente na formação e na identidade de Gestalt-terapeutas, tema desta pesquisa.

Ao delinear metodologicamente o estudo, portanto, como Gestalt-terapeuta, como ex-coordenador de um instituto de Gestalt-terapia, como cofundador da Associação Brasileira de Gestalt-terapia & Abordagem Gestáltica e como organizador de alguns eventos da Gestalt-terapia brasileira, por vezes, não havia uma separação estrita entre objeto pesquisado e sujeito observador, separação esta que é característica própria ao positivismo clássico. Assumo com isso as implicações em toda a escrita deste material.

Além dessa postura ter marcado um posicionamento, isso também convidou a um cuidado ético atento a fim de manter o rigor acadêmico e a capacidade de avaliar os dados obtidos. Perls, Goodman e Hefferline (1951/1997) afirmaram que “um grande pesquisador não se esquiva das dolorosas provas contraditórias à sua teoria, mas as explora completamente para ampliá-la e aprofundá-la” (p. 62). Penso que isso não é possível sem clareza de onde se fala e para quem se fala.

Retornando aos escritos da tese, os capítulos deste estudo nos permitem fazer, objetivamente, algumas conclusões: *a formação em Gestalt-terapia é diversa e heterogênea no Brasil*. Minha sensação montando o Capítulo IV, acerca das formações, era de um quebra-cabeça em que, a cada peça que eu tentava encaixar, outras três peças emergiam dali. *A priori*,

meu sentimento foi de confusão e desordem, considerando como cada instituto ou centro formador possuía diretrizes individuais para se organizar e gerenciar como se daria sua formação. Mas, com a finalização do trabalho e um olhar menos enviesado pós-análise, eu pude perceber que a riqueza e a potência da Gestalt-terapia brasileira talvez consistam exatamente em sua versatilidade e flexibilidade no que tange ao seu ensino e difusão.

Inicialmente, quando dei os primeiros passos desta pesquisa, refletia se haveria uma necessidade de se criar um “currículo comum” para as formações brasileiras em Gestalt-terapia, com uma fantasia de “organizar a Gestalt-terapia”, algo que pudesse fortalecer a área e garantir que, em quaisquer institutos/centros formadores, houvesse um fio condutor que estruturasse os saberes gestalt-terapêuticos. Concluo agora que não: que tal atitude e postura seriam completamente antigestálticas, incoerentes com os princípios fundamentais da abordagem. O que parece ser importante é um maior diálogo entre centros e institutos formadores a fim de que sejam discutidas as especificidades de cada região, qual o público-alvo das formações, cargas horárias, modalidades de ensino e afins, bem como que suas/seus coordenadoras/coordenadores compreendam o ensino de algo tão complexo como a Gestalt-terapia.

Quanto aos conteúdos ensinados na formação e às questões econômicas, é importante – ainda que áspero e dolorido – assumirmos que a formação em Gestalt-terapia no Brasil ainda é elitista e distanciada da realidade social vivenciada no país. As discussões teóricas parecem ainda voltadas para uma prática individualizada, em consultório privado, para as classes média e alta, se afastando de questões como as temáticas de gênero, raça, classe e sexualidades. Isso é coerente com um cenário nacional em que temos apenas um livro intitulado “Gestalt e Gênero”, especificamente sobre esta temática; nenhum sobre racismo e questões raciais e alguns poucos estudos sobre sexualidades. As formações brasileiras em Gestalt-terapia parecem ainda não estarem *aware* sobre como o sofrimento psíquico está ligado às questões da estrutura econômica da sociedade, hiperresponsabilizando o sujeito e, por vezes, mesmo que não sempre, o desalojando de um cenário maior e social.

Há um caminho para isso? Como já mencionado, as produções de Belmino (2016, 2017) em território brasileiro possibilitaram uma proximidade com a perspectiva de uma Gestalt-terapia como política. Isso significa falar da Gestalt-terapia ampliando para além das intervenções clínicas. Penso que esse tipo de leitura pode convocar Gestalt-terapeutas para a reflexão sobre suas práticas como parte de uma sociedade que se estrutura por poderes e saberes. Assim, possibilita-se com tranquilidade que temáticas como gênero, classe, raça e sexualidades possam se entrecruzar com o corpo teórico da Gestalt-terapia.

Quanto à necessidade do diálogo entre institutos, vale destacar que, historicamente, algo nessa direção parece ter sido pensado, mas, abandonado, como já mencionado no Capítulo II. Os documentos da primeira tentativa de estruturação da Associação Brasileira de Gestalt-terapia<sup>17</sup> mencionam o “I Fórum de Formação em Gestalt-terapia” (1999, em Fortaleza, CE) e “II Fórum de Formação em Gestalt-terapia” (2001, em Gramado, RS), espaço pré-congresso nacional que se ocupou de pensar a formação em Gestalt-terapia realizada pelos seus diversos centros à época. Certamente, é uma proposta que talvez possa ser retomada com a fundação oficial da Associação Brasileira de Gestalt-terapia e da Abordagem Gestáltica a fim de se refletir sobre a formação em nível nacional.

Ainda sobre as formações, no que tange à diversidade de cargas horárias e estruturas curriculares, é possível concluir que, no Brasil:

- 1) é possível formar-se Gestalt-terapeuta sem prática clínica, para quem busca teoria;
- 2) é possível formar-se Gestalt-terapeuta com enfoque na prática psicoterapêutica e na vivência, e menor enfoque teórico, para quem busca instrumentalização técnica; e
- 3) é possível formar-se Gestalt-terapeuta de forma balanceada entre teoria e supervisão, ou teoria e vivência, para quem ainda dá seus primeiros passos na área, já se inserindo no mercado de trabalho.

Há que se considerar aqui outro ponto sensível à formação, o qual diz respeito ao processo de autodidatismo na Gestalt-terapia, que pode ser constatado nas respostas ao formulário *online*, analisadas e discutidas nos capítulos V e VI. Convidando-nos a mais uma conclusão somada às três anteriores sobre este tópico, acrescento que:

- 4) é possível tornar-se Gestalt-terapeuta a partir de um profundo processo de estudos teóricos, desenvolvimento e autoconhecimento, especialmente em lugares em que grupos de Gestalt-terapia estão menos estruturados.

Ainda assim, reconhecer isso não pode significar um descaso com a formação qualificada em Gestalt-terapia, ou um “desleixo” com o reconhecimento irresponsável de que qualquer utilização de princípios isolados da Gestalt-terapia tornaria alguém Gestalt-terapeuta. Mesmo que se pretenda manter a Gestalt-terapia de forma menos institucionalizada, servindo tanto ao propósito de uma intervenção clínica/profissional quanto para o autoconhecimento e desenvolvimento pessoal, há que se atentar para posturas abertas demais, que se desocupam de refletir que uma prática desqualificada pode sim trazer danos e riscos à saúde de quem busca um/a Gestalt-terapeuta como cuidador/a.

---

<sup>17</sup> Agradecimentos especiais ao Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda por ter me cedido esse material.

Como proposta teórico-política desta tese, discorri, no Capítulo I, acerca das reflexões linguísticas e epistemológicas, na compreensão de que Gestalt-terapeutas são quaisquer profissionais de saúde e educação que possuam formação e prática em Gestalt-terapia e/ou se proponham a atuar eticamente utilizando seus conceitos de forma coerente com a fundamentação da Gestalt-terapia, assim reconhecendo como Gestalt-terapeutas não apenas Psicólogas/os, mas, também, Psiquiatras, Arteterapeutas, Pedagogas/os, Musicoterapeutas, Naturólogas/os, Assistentes Sociais, dentre outras profissões, desde que atendam a esse critério.

É possível sustentar esta posição se olharmos historicamente para a composição do que foi chamado “Grupo dos 7”, como membros fundadoras/es da abordagem, abaixo.

Quadro 5 – Formação acadêmica do Grupo de Fundadora/es da Gestalt-terapia

<b>Membro do Grupo dos 7</b>	<b>Nasc./Morte</b>	<b>Área de atuação</b>	<b>Titulação/Instituição</b>
Lore (Laura) Perls	1905-1990	Psicóloga	Doutora pela Universidade de Frankfurt
Friederich (Frederick/Fritz) Salomon Perls	1893-1970	Médico Psiquiatra / Neurologista	Graduado pela Universidade Humboldt
Paul Goodman	1911-1972	Crítico literário, poeta, escritor	Doutor pela Universidade de Chicago
Isadore Fromm	1919-1994	Filósofo fenomenológico	Universidade de Butler e Universidade da Califórnia
James (Jim) Solomon Simkin	1919-1984	Psicólogo	Doutor pela Universidade de Michigan
Sylvester (Buck) Eastman	-	Médico Psiquiatra / Neurologista	-
Elliott Seymour Shapiro	1911-2003	Educador e Psicólogo	Doutor em Psicologia Clínica

Fonte: elaborado pelo autor a partir de informações colhidas em buscadores *online*, 2019.

Vale dizer que, em textos internacionais (Stoehr, 1994, Yontef, 1998), aparecem outros nomes não mencionados em obras brasileiras, como Alisson Montague, Leo Chalfin/Chalfen, Paul Oliver, Lottie Weisdenfeld/Weisz, Richard Kitzler, Iris Sanguilano e Kenneth A. Fischer. Isso é importante na medida em que pensamos como as ideias da Gestalt-terapia foram construídas a partir de um coletivo, tanto na sua prática quanto na sua composição teórica, não apenas referentes à Psicologia.

Essa discussão convida ao segundo objeto estudado nesta pesquisa: a identidade de Gestalt-terapeutas brasileiras/os. Neste campo, foi possível concluir que *há um tipo de “borrão” na identidade da/do Gestalt-terapeuta*, sendo difícil, por vezes, encontrar pontos

comuns que conectem a todas/os embaixo da mesma grande categoria “Gestalt-terapeuta”, em momentos sendo uma identidade profissional e em outros uma postura social. Essa complexidade dialoga com o que existe no bojo da epistemologia gestalt-terapêutica, também discutida no Capítulo I, epistemologia essa que é elástica, ampla, às vezes frouxa em determinados aspectos, mas que, ao mesmo tempo, viabiliza fluidez para quem atua alicerçado em seus princípios.

Há que se fazer um alinhado dos dados aqui apresentados com a conjuntura política atual da Gestalt-terapia no Brasil. A Associação Brasileira de Gestalt-terapia e da Abordagem Gestáltica reconhece, em seu estatuto, a associação de profissionais psicólogos, médicos e de outras áreas. Contudo, ao compreender dois grupos de membros associadas/os, “Gestalt-terapeutas” e “Profissionais da Abordagem Gestáltica”, parece impelir ainda mais este “borrão identitário” mencionado anteriormente, criando uma nova categoria *suis generis*: “profissionais da abordagem gestáltica”, confusa até mesmo para as/os Gestalt-terapeutas.

A forma de ingresso nos cursos dos institutos investigados exigia, em sua maioria esmagadora, que as/os profissionais estivessem vinculadas/os institucional e profissionalmente à Psicologia, o que isola a Gestalt-terapia de outras profissões, fechando o seu campo. Como mencionado no Capítulo I, existem diversas outras áreas que beberam da Gestalt-terapia e encontraram sua própria forma de praticá-la. Se há uma inflexibilidade para adesão de outras profissões, enfraquecemos a área, especialmente quando a comparamos com outros corpos teóricos mais abertos para públicos *não-psi*, como as Psicanálises, a Análise do Comportamento e o Psicodrama, por exemplo.

Ainda sobre o borrão identitário, parece razoável pensar que as diversas formas linguísticas, na maioria das vezes bastante irrefletidas, parecem apontar também para utilizações de conceitos de formas indistintas e divergentes. Se Gestalt-terapeuta, Gestaltista, Psicólogo da Gestalt, Analista Gestáltico, Terapeuta Gestalt, entre outros termos, não são a mesma coisa. Inevitavelmente, há um processo de identidade borrada que também se evidencia na escrita e na autoidentificação da comunidade brasileira vinculada à Gestalt-terapia. Tanto para o “bem”, no que tange à pluralidade da Gestalt-terapia, quanto para o “mal”, quando enfraquece a área frente a outros saberes.

Como alinhavo final, quero ainda considerar que, apesar do Capítulo II enfatizar eventos em Gestalt-terapia com caráter mais acadêmico, como congressos e encontros nacionais, há a necessidade de uma formação que, ao mesmo tempo, seja tanto teórico-prática quanto vivencial e experiencial. Assim, ressalta-se que, para uma pesquisa historiográfica da

Gestalt-terapia brasileira, esta seria uma temática rica de investigação acerca de workshops, grupos de encontro e grupos de estudo no território nacional.

Penso que outras questões que podem suscitar estudos posteriores são: a construção de um censo nacional de Gestalt-terapeutas, via instituições e centros formadores, ou, ainda, dentro da própria comunidade de Gestalt-terapeutas do Brasil, a fim de obter dados mais consistentes sobre o quantitativo de profissionais na área; investigações sobre práticas gestalt-terapêuticas realizadas por profissionais de diferentes formações, a fim de as comparar e observar a riqueza da Gestalt-terapia; e, ainda, um estudo comparativo de como estão estruturados os currículos brasileiros de Gestalt-terapia em relação a outros currículos da América Latina ou de grandes instituições, como a *European Association of Gestalt Therapy* (EAGT).

Por fim, como afirmou Boris (2002) no prefácio à edição brasileira de *Ego, Fome e Agressão*, “o conhecimento científico não é único e acabado, e é um idealismo inútil pretender que qualquer filosofia, psicologia, ciência ou produção humana dê conta de toda uma realidade” (p. 27). Este trabalho, seguindo tais palavras, não encerra o assunto da formação e da identidade de Gestalt-terapeutas do Brasil, portanto, não é definitivo. Antes disso, é um primeiro olhar nessa direção.

Espero que, com esta pesquisa, haja provocações e reflexões dentro do cenário da Gestalt-terapia brasileira, com votos de que a abordagem cresça, se expanda e se fortaleça, como acredito que merece por todo seu potencial transformador. A Gestalt-terapia transformou minha vida, e espero que siga potente e forte, transformando a vida de outras pessoas.

## REFERÊNCIAS

- Alvim, M. B. (2000). *Ensaio para um modelo psicológico de análise organizacional na perspectiva da abordagem gestáltica* (Dissertação de mestrado). Universidade de Brasília, Brasília, DF.
- Alvim, M. B., & Ribeiro, J. P. (2005). A cultura como o self da organização: Uma abordagem gestáltica. *Psicologia (Florianópolis)*, 5, 197-226.
- American Art Therapy Association. (c2013). *What is Art Therapy*. Alexandria, Virginia: Author.  
Recuperado em 14, novembro, 2016, de <http://www.arttherapy.org/upload/whatisarttherapy.pdf>
- Andreasen, N., & Black, D. (2009). *Introdução à psiquiatria*. Porto Alegre: Artmed.
- Arteterapia. (n.d.). In União Brasileira de Associações de Arteterapia, *UBAAT*. Recuperado em 14, novembro, 2016, de [http://www.portalcapixabao.com/sites/?c=6061&p=4087&s=ubaat\\_uniao\\_brasileira\\_de\\_associacoes\\_de\\_arteterapia](http://www.portalcapixabao.com/sites/?c=6061&p=4087&s=ubaat_uniao_brasileira_de_associacoes_de_arteterapia)
- Associação Brasileira de Gestalt-terapia & Abordagem Gestáltica. (2017). *Estatuto Social*. Rio de Janeiro. Recuperado de [www.gestalt.com.br](http://www.gestalt.com.br)
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70.
- Bar-Yoseph, T. L., Philippon, P., O'Neil, B., & Brownell, P. (2014). Formação de terapeutas. In P. Brownell (Org.), *Manual de teoria, pesquisa e prática em Gestalt-terapia* (pp. 131-151). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 2008)
- Belmino, M. C. B. (2016). Paul Goodman e o problema da natureza humana a partir de uma leitura “gestáltica”: Desdobramentos para o campo da política e da educação anarquista. *IGT na rede*, 13, 234.
- Belmino, M. C. B. (2017). *A Ontologia Gestáltica de Paul Goodman e seus desdobramentos clínicos, políticos e educacionais: Gestalt-terapia, anarquia e desescolarização* (Vol. 1, 1a ed.). Rio de Janeiro: Via Vérita.
- Bönmann, R. (2001). *O uso da gestaltpedagogia no desenvolvimento das inteligências múltiplas aplicada no processo de ensino-aprendizagem* (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina). Recuperado de <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/81471>
- Boris, G. D. J. (2002). Sobre Fritz Perls e Ego, fome e agressão. In F. Perls, *Ego, Fome e Agressão* (G. D. J. Boris, trad., pp. 19-28). São Paulo: Summus. (Tradução de: Ego, hunger and aggression: a revision of Freud's theory and method)

- Brasil. (c2017). *Classificação Brasileira de Ocupações*. [Brasília, DF]: Ministério do Trabalho. Recuperado em 28, fevereiro, 2019, de <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/home.jsf>
- Brasil. (c2018). *Lato-Sensu: saiba mais*. In Ministério da Educação. Brasília, DF. Recuperado em 22, março, 2019, de <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/180-estudantes-108009469/pos-graduacao-500454045/387-lato-sensu-saiba-mais>
- Brownell, P., & Melnick, J. (2014). Comunidades de pesquisa em gestalt-terapia. In P. Brownell (Org.), *Manual de teoria, pesquisa e prática em Gestalt-terapia* (pp. 335-350). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 2008)
- Brownell, P., Meara, A., & Polák, A. (2014). Introdução e objetivo deste manual. In P. Brownell (Org.), *Manual de teoria, pesquisa e prática em Gestalt-terapia* (pp. 15-42). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 2008)
- Bruscia, K. E. (2014). *Defining Music Therapy* (3rd ed.). Dallas, Texas: Barcelona Publishers.
- Buarque, S. (2007). Neurose. In G. D’Acri, P. (T.) Lima & S. Orgler (Orgs.), *Dicionário de Gestalt-terapia: “Gestaltês”* (pp. 172-174). São Paulo: Summus.
- Buarque, S. (2007). Psicose. In G. D’Acri, P. (T.) Lima & S. Orgler (Orgs.), *Dicionário de Gestalt-terapia: “Gestaltês”* (pp. 191-194). São Paulo: Summus.
- Burow, O., & Scherpp, K. (1985). *Gestaltpedagogia: um caminho para a escola e a educação*. São Paulo: Summus.
- Campos, V. F. A. (1988). *Psicoterapia Gestaltista: Conceituações* (3a ed.). Rio de Janeiro: Autor.
- Castelo Branco, P., & Carpes, C. (2017). Produção Gestáltica nas bases de dados SciELO e PEPsic: Revisão Sistemática. *IGT na Rede*, 14, 72-86. Recuperado em 06, setembro, 2018, de <https://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=564>
- Chagas, M., & Pedro, R. (2008). *Musicoterapia: Desafios entre a modernidade e a contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Manau e Bapera.
- Ciornai, S. (2000). Apresentação à edição brasileira. In J. Rhyne, *Arte e Gestalt: Padrões que convergem* (2a ed., pp. 9-12). São Paulo: Summus. (Originalmente publicado em 1993)
- Ciornai, S. (Org.). (2004). *Percursos em arteterapia 1: Arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia*. São Paulo: Summus.
- Clarkson, P. (2013). *Gestalt counselling in action* (4th ed.). Thousand Oaks, California: SAGE.

- Conselho Federal de Psicologia. (2007). *Resolução CFP nº. 013/2007*. Institui a Consolidação das Resoluções relativas ao Título Profissional de Especialista em Psicologia e dispõe sobre normas e procedimentos para seu registro. Brasília, DF. Recuperado de [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2007/09/resolucao2007\\_13.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2007/09/resolucao2007_13.pdf)
- Conselho Federal de Psicologia. (2014). Credenciamento de cursos de especialista em Psicologia. In *CFP – Conselho Federal de Psicologia* (Notícias). Brasília, DF. Recuperado em 22, março, 2019, de <http://site.cfp.org.br/credenciamento-e-recredenciamento-de-cursos-de-especialista-em-psicologia-estao-suspensos/>
- Conselho Federal de Psicologia. (n.d.). A psicoterapia é atividade privativa de psicólogos? In *CFP – Conselho Federal de Psicologia* (Fale conosco). Brasília, DF. Recuperado de <https://site.cfp.org.br/contato/psicoterapia/>
- Costa, D. S. (2008). *História da Gestalt-terapia no Brasil contada por seus atores: Um estudo historiográfico no eixo São Paulo-Brasília* (Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Goiás). Recuperado de <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/1992>
- Costa, L. D. M. (2008). *A Gestaltpedagogia e suas possíveis contribuições no contexto do ensino superior* (Monografia de especialização, Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro). Recuperado de [http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias\\_publicadas/K208014.pdf](http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/K208014.pdf)
- Costa, V. E. S. M. (2002). *A relação professor-aluno a partir da Gestaltpedagogia: A intersubjetividade como elemento significativo para a aprendizagem* (Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Goiás). Recuperado de <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/3777>
- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed.
- Dusi, M. L. H. M., Neves, M. M. B. J., & Anthony, S. (2006) Abordagem gestáltica e psicopedagogia: um olhar compreensivo para a totalidade criança-escola. *Paidéia*, 16(34), 149-159. Recuperado de <http://ref.scielo.org/h97h8g>
- Epistemologia. (c2019). In *Grande Dicionário Houaiss Online*. Recuperado de <https://houaiss.uol.com.br/>

- Esch, C. F. (2012). *Descortinando o Passado para Vislumbrar o Porvir: Da Gestalt-Terapia à Abordagem Gestáltica no Brasil – 40 anos de histórias* (Dissertação de mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Recuperado de [http://www.bdt.d.uerj.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=12492](http://www.bdt.d.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=12492)
- Espírito Santo, A. A. (2012). TL 10: Notas sobre a abordagem gestáltica no esporte. In *IV Congresso de Gestalt-Terapia do Estado do Rio de Janeiro* (Temas-livres). Recuperado de <http://www.igt.psc.br/ojs2/index.php/CEGTRJ/article/view/2078>
- Espírito Santo, A. A. (2017). Em busca de uma boa forma de fazer psicologia do esporte: contribuições da gestalt-terapia. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 23(1), 45-54. Recuperado em 22, outubro, 2018, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672017000100006&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672017000100006&lng=pt&tlng=pt)
- Faria, N. J. (2012). O ensino da Gestalt-terapia em cursos de graduação em psicologia. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 14(2), 41-51. Recuperado de [http://rbp.celg.org.br/detalhe\\_artigo.asp?id=94](http://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=94)
- Federação Mundial de Musicoterapia. (1996). Definição de Musicoterapia. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, 1(2), 4. Recuperado de <http://www.revistademusicoterapia.mus.br/a-no-i-numero-2-1996/>
- Ferreira, W. N. B. (no prelo). *Nas linhas e entrelinhas da história da Gestalt-terapia em Belém do Pará*.
- Figueiredo, L. C. M. (2008). *Matrizes do pensamento psicológico* (14a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Frazão, L. M. (2013). Um pouco da história... um pouco dos bastidores. In: Frazão, L. M., & Fukumitsu, K. O., *Gestalt-terapia: Fundamentos epistemológicos e influências filosóficas* (pp. 11-23). São Paulo: Summus.
- Freitas, J. L. (2009). *Experiência de adoecimento e morte: diálogos entre a pesquisa e a Gestalt-terapia*. Curitiba: Juruá.
- Freitas, J. L. (2015). A Noção de Estrutura na Gestaltpsychologie e na Epistemologia Genética: Usos e implicações para a psicologia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 31(4), 443-449. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-37722015042414443449>
- Frohne, I. (1991). Musicoterapia na educação social e na psiquiatria. In E. Ruud (Org.), *Música e Saúde* (V. B. Wrobel, G. P. Camargo & M. Goldfeder, trad., pp. 35-56). São Paulo: Summus.

- Gestalt. (2009). In Academia Brasileira de Letras, *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Autor. Recuperado em 09, abril, 2017, de <http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>
- Gil, A. C. (2008). *Como elaborar projetos de pesquisa* (4a ed.). São Paulo: Atlas.
- Ginger, S., & Ginger, A. (1995). *Gestalt: Uma Terapia do Contato*. São Paulo: Summus.
- Greenberg, L. (2014). Pesquisa quantitativa. In P. Brownell (Org.), *Manual de teoria, pesquisa e prática em Gestalt-terapia* (pp. 85-114). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 2008)
- Holanda, A. F. (2005). Elementos de epistemologia da Gestalt-terapia. In A. F. Holanda & N. J. Faria (Orgs.), *Gestalt-terapia e contemporaneidade: contribuições para uma construção epistemológica da teoria e da prática gestáltica* (pp. 21-53), Campinas, SP: Livro Pleno.
- Holanda, A. F. (2006). Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise Psicológica*, 24(3), 363-372. Recuperado em 04, novembro, 2018, de [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0870-82312006000300010&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312006000300010&lng=pt&tlng=pt)
- Holanda, A. F. (2007). Editorial. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 13(1), 9-11. Recuperado em 04, novembro, 2018, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672007000100001&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672007000100001&lng=pt&tlng=pt)
- Holanda, A. F. (2009). Gestalt-Terapia e Abordagem Gestáltica no Brasil: Análise de Mestrados e Doutorados (1982-2008). *Estudos e Pesquisas em Psicologia (UERJ)*, 9, 96-121.
- Holanda, A. F. (2012). Reflexões sobre o campo das psicoterapias: do esquecimento aos desafios contemporâneos. In A. F. Holanda (Org.), *O campo das psicoterapias: Reflexões atuais* (pp. 71-100). Curitiba: Juruá.
- Holanda, A. F., & Karwowski, S. L. (2004). Produção acadêmica em Gestalt-terapia no Brasil: Análise de mestrados e doutorados. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 24(2), 60-71. Recuperado em <http://ref.scielo.org/qxqrqc>
- Juliano, J. C. (1992). Gestalt-Terapia: revisitando as nossas estórias. *Revista de Gestalt*, 2(2), 7-21.
- Knights Jr., W. A. (2002). *Pastoral Counseling: A Gestalt Approach*. New York: Routledge. Disponível em Taylor & Francis Books. doi: <https://doi.org/10.4324/9781315809083>

- Lilienthal, L. A. (1997). *A Gestaltpedagogia sai às ruas para trabalhar com crianças e educadores de rua* (Dissertação de mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Lisboa, F. S., & Barbosa, A. J. G. (2009). Formação em Psicologia no Brasil: Um perfil dos cursos de graduação. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 29(4), 718-737. Recuperado em 09, março, 2019, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932009000400006&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000400006&lng=pt&tlng=pt)
- Menezes, S. M. M. (2014). De Fritz Perls ao VI Encontro Norte-Nordeste de Gestalt-Terapia em Belém do Pará. *Revista do NUFEN*, 6(1), 175-184. Recuperado em 07, novembro, 2016, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912014000100009&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912014000100009&lng=pt&tlng=pt)
- Minayo, M. C. (2002). Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In M. C. Minayo, *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade* (pp. X-XX). Petrópolis: Vozes.
- Miranda-Sá Jr., L. S. (2007). Breve histórico da psiquiatria no Brasil: do período colonial à atualidade [Editorial]. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 29(2), 156-158. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-81082007000200005>
- Moreira, V. (2009). A Gestalt-terapia e a Abordagem Centrada na Pessoa são enfoques fenomenológicos? *Revista da Abordagem Gestáltica*, 15(1), 3-12. Recuperado em 07, novembro, 2016, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672009000100002&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672009000100002&lng=pt&tlng=pt)
- Moreira, V. (2010). Convergências e divergências entre as psicoterapias de Carl Rogers e Frederick Perls. *Revista do NUFEN*, 2(1), 20-50. Recuperado em 09, março, 2019, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912010000100003&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912010000100003&lng=pt&tlng=pt)
- Müller-Granzotto, M. J., & Müller-Granzotto, R. L. (2007). *Fenomenologia e Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus.
- Naranjo, C. (1993). *Gestalt Therapy: The Attitude & Practice of an Atheoretical Experientialism*. Nevada, California: Gateways.
- Nascimento, L. C. S., & Ribeiro, J. P. (2017). Reflexões acerca da formação em Gestalt-terapia no Brasil. *Psi Unisc: Revista do Departamento de Psicologia*, 1(1), 142-153. doi: <http://dx.doi.org/10.17058/psiunisc.v1i1.9557>

- Nascimento, L. C. S., & Vale, K. S. (2013). Reflexões acerca do fazer ético na clínica gestáltica: um estudo exploratório. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 19(2), 157-166. Recuperado em 06, setembro, 2018, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672013000200003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000200003)
- O'Leary, E. (Ed.). (2013). *Gestalt Therapy Around the World*. Hoboken, New Jersey: Wiley.
- Offerings. (c2019). In *New York Institute for Gestalt Therapy*. Recuperado de <http://newyorkgestalt.org/member-offerings/>
- Peixoto, P.-d.-T. C. (2018). *Gestalt-terapia e contatologia: filosofia, arte e clínica dos processos de formação das superfícies contatuais*. Macaé: Autor.
- Peixoto, P.-d.-T. C., & Silveira, T. M. (2012). *A estética do contato*. Rio de Janeiro: Arquimedes.
- Pereira, C. V. (2013). *Psicologia Jurídica e Abordagem Gestáltica: Um Encontro nas Varas de Família*: Curitiba: Juruá.
- Perls, F. (1973). *Escarafunchando Fritz: Dentro e fora da lata de lixo*. São Paulo: Summus. (Original publicado em 1969)
- Perls, F. (1977). *Gestalt-terapia Explicada*. São Paulo: Summus (Original publicado em 1969)
- Perls, F. (1988). *A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia*. São Paulo: LTC.
- Perls, F. (2002). *Ego, Fome e Agressão* (G. D. J. Boris, trad.). São Paulo: Summus. (Tradução de: *Ego, hunger and aggression: a revision of Freud's theory and method*)
- Perls, F., Hefferline, R., & Goodman, P. (1951). *Gestalt therapy: Excitement and Growth in the Human Personality*. New York: Julian Press.
- Perls, F., Hefferline, R., & Goodman, P. (1997). *Gestalt-terapia* (2a ed.). São Paulo: Summus. (Original publicado em 1951).
- Perls, L. (1992). Concepts and Misconceptions of Gestalt Therapy. *Journal of Humanistic Psychology*, 32(3), 50-56. (Originally presented in 1977) doi: <https://doi.org/10.1177/0022167892323004>
- Perls, L. (1992). *Living at the boundary*. Gouldsboro, Maine: The Gestalt Journal Press.
- Queiroz, L. (2005). Gestalt Terapia. In A. R. Ribeiro, F. A. Souza & R. Magalhães (Orgs)., *Catálogo de Abordagens Terapêuticas* (pp. 101-105). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Resnick, R. W. (2016). *New Contemporary Gestalt Therapy Demonstration Films* [Entrevista]. Los Angeles, California: GATLA. Recuperado de <https://vimeo.com/ondemand/gestaltfilms>

- Ribeiro, J. P. (2006). *Vade-mecum de Gestalt-terapia: conceitos básicos*. São Paulo: Summus.
- Ribeiro, J. P. (2012). *Refazendo um caminho* (8a ed). São Paulo: Summus.
- Robine, J.-M. (2005). A gestalt-terapia terá a ousadia de desenvolver seu paradigma pós-moderno. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 5(1), 102-126. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812005000100008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812005000100008)
- Ruud, E. (1990). *Caminhos da musicoterapia* (V. Wrobel, trad.). São Paulo: Summus.
- Sampaio, J. (2016). Conversa de Academia recebe o bailarino, psiquiatra e gestalt-terapeuta Raimundo Severo. In *PapoCult: Informação, Arte & Cultura* (Notícias). Recuperado em 14, novembro, 2016, de <http://www.papocult.com.br/2016/08/11/conversa-de-academia-recebe-o-bailarino-psiquiatra-e-gestalt-terapeuta-raimundo-severo/>
- Sampaio, R. T. (2007). Considerações sobre a Linguagem na Prática Clínica Musicoterapêutica numa Abordagem Gestáltica. In *Anais do XVII Encontro Nacional da Associação de Pesquisa e Pós-Graduação em Música*. São Paulo: ANPPOM. Recuperado de [https://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso\\_anppom\\_2007/musicoterap.html](https://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2007/musicoterap.html)
- Sá-Silva, J. R., Almeida, C. D., & Guindani, J. F. (2009). Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, 1, 1-15. Recuperado de <https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/view/6/pdf>
- Saviani, D. (2008). *A pedagogia no Brasil: História e teoria*. Campinas, SP: Autores Associados. (Coleção Memória da Educação)
- Scheinberg, S., Johansson, A., Stevens, C., & Conway-Hicks, S. (2014). Comunidades de pesquisa em ação: três exemplos. In P. Brownell (Org.), *Manual de teoria, pesquisa e prática em Gestalt-terapia* (pp. 351-388). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 2008)
- Schipani, D. (2004). *O caminho da sabedoria no aconselhamento pastoral* (P. Tornquist, trad.). São Leopoldo: Sinodal. (Tradução de: *The way of wisdom in pastoral counseling*)
- Schnake, A. (2007). *Enfermedad, sintoma y carácter: Diálogos gestalticos con el cuerpo*. Buenos Aires, Argentina: Del Nuevo Extremo.

- Sei, M. B. (2009). A formação em Arteterapia no Brasil: contextualização. In Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, *A formação em Arteterapia no Brasil: contextualização e desafios. Textos do III Fórum Paulista de Arteterapia da AATESP* (1a ed., pp. 7-29). São Paulo: AATESP. Recuperado de <http://newpsi.bvs-psi.org.br/eventos/AnaisIII-ForumPaulistaArteterapia.pdf>
- Silva, C. R. E. (2010). Orientação profissional, mentoring, coaching e counseling: algumas singularidades e similaridades em práticas. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 11(2), 299-309. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-33902010000200014](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902010000200014)
- Soares, L. L. M. (2009). A Gestalt-terapia na universidade: da f(ô)rma à boa forma. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 9(1), 150-161. Recuperado em 04, novembro, 2018, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812009000100012&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812009000100012&lng=pt&tlng=pt)
- Stevens, J. (1977). *Isto é gestalt*. São Paulo: Summus.
- Stoehr, T. (1994). *Here Now Next: Paul Goodman and the Origins of Gestalt Therapy*. California: Gestalt Institute of Cleveland.
- Suassuna, D., & Holanda, A. F. (2009). *Histórias da Gestalt-Terapia no Brasil: Um estudo Historiográfico* (Vol. 1). Curitiba: Juruá.
- Suassuna, V. (2002). *A relação professor-aluno a partir da gestaltpedagogia: a intersubjetividade como elemento significativo para a aprendizagem* (Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Goiás). Recuperado de <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/3777>
- Tellegen, T. A. (1972). Elementos de Psicoterapia Gestáltica. *Boletim de Psicologia*, 24(64), 27-42).
- Torres, M. M. (2009). *Musicoterapia gestaltica: proceso sonírico*. Passo Fundo: Mandala.
- Wheeler, B. L. (1981). The relationships between music therapy and theories of psychotherapy. *Music Therapy*, 1(1), 9-16.
- Woldt, A. L., & Toman, S. M. (2005). *Gestalt Therapy: History, Theory and Practice*. Newcastle upon Tyne, United Kingdom: Sage.

- Wysong, J. (2011). Retelling the story: an unrevised history. In J. Wysong (Ed.), *Isadore From: Retelling the Story* (no pages). Gouldsboro, Maine: The Gestalt Journal Press. Retrieved in 22, September, 2018, from Amazon.co.uk (Kindle Sample): <https://www.amazon.co.uk/Isadore-Retelling-Story-ebook/dp/B005Y2EX5W>
- Yano, L. P., & Vasconcelos, S. (2017). *Encontro de Vidas! Histórias Gestálticas como Norte* (1a ed.). Rio Branco: Eac Editor.
- Yontef, G. (1998). *Processo, diálogo e Awareness*. São Paulo: Summus.
- Zinker, J. (2007). *Processo criativo em gestalt-terapia* (2a ed.). São Paulo: Summus.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (*ONLINE*)

## Pesquisa Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura/UnB - 2015/2019



Universidade de Brasília  
Instituto de Psicologia  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura  
Doutorado em Psicologia

Pesquisador: Lázaro Castro Silva Nascimento  
Orientador: Prof. Dr. Jorge Ponciano Ribeiro

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “Gestalt-terapeutas do Brasil: formação e identidade”, de responsabilidade de Lázaro Castro Silva Nascimento, aluno de doutorado da Universidade de Brasília. O objetivo desta pesquisa é compreender as formações e identidades de Gestalt-terapeutas brasileiras/os. Assim, gostaria de consultá-la(o) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-la(o). Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como questionários e entrevistas, ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio de formulários online divulgados em redes sociais e via e-mail. É para estes procedimentos que você está sendo convidado a participar. Sua participação na pesquisa não implica em nenhum risco

Espera-se com esta pesquisa que a comunidade gestalt-terapêutica brasileira possa ter mais clareza para sua organização no que compete a cursos e eventos, bem como fortalecer a área, dando mais visibilidade para Gestalt-terapeutas do Brasil.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone 41 99794 7228 ou pelo e-mail [lazarocsn@live.com](mailto:lazarocsn@live.com).

A equipe de pesquisa garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio do envio por e-mail da tese completa após finalização, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília - CEP/IH sob o CAAE 68981517.3.0000.5540. As informações com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidos através do e-mail do CEP/IH [cep\\_ih@unb.br](mailto:cep_ih@unb.br).

\*Obrigatório

**Li o termo de consentimento livre e esclarecido \***

Clicando aqui concordo em participar da presente pesquisa

# Pesquisa Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura/UnB - 2015/2019

\*Obrigatório

## Gestalt-terapia brasileira: formação e identidade

Pesquisa realizada por Lázaro Castro Silva Nascimento sob orientação do Prof. Dr. Jorge Ponciano Ribeiro, vinculados ao Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília

Público-alvo: Gestalt-terapeutas brasileiras/os.

Contato: [lazarocsn@live.com](mailto:lazarocsn@live.com)

## Dados sociodemográficos

Queremos conhecer um pouquinho você, vamos começar?

Identidade de gênero \*

Escolher ▼

Ano de nascimento \*

Exemplo: 1984

Sua resposta

Onde você vive hoje? \*

Escolher ▼

A cidade em que você vive é \*

- A capital do Estado
- Região metropolitana (nas adjacências da capital do Estado)
- Cidade do interior

## Formação acadêmica

Agora vamos perguntar um pouco sobre a sua vida na universidade, ok?

Em qual curso superior você se graduou? \*

- Psicologia
- Medicina/Psiquiatria
- Musicoterapia
- Enfermagem
- Serviço Social
- Pedagogia
- Artes/Educação artística/Arteterapia
- Outro: \_\_\_\_\_

Em que ano você se graduou? \*

Por exemplo: 1998

Sua resposta \_\_\_\_\_

A instituição na qual você estudou era \*

- Pública
- Privada
- Outro: \_\_\_\_\_

Quanto à pós-graduação, você: \*

- Cursou especialização (Lato sensu)
- Cursou mestrado (Stricto sensu)
- Cursou doutorado (Stricto sensu)
- Está cursando especialização (Lato sensu)
- Está cursando mestrado (Stricto sensu)
- Está cursando doutorado (Stricto sensu)
- Não realizou nem está realizando nenhuma pós-graduação

## Gestalt-terapia

Vamos agora ao tema central desta pesquisa. Gostaríamos de conhecer um pouco mais sobre a sua relação com a Gestalt-terapia!

Como você se tornou Gestalt-terapeuta? \*

Caso tenha realizado mais de uma opção, escolha a que julga mais relevante para você ter se tornado Gestalt-terapeuta

- Realizei curso de formação em Gestalt-terapia
- Cursei especialização em Gestalt-terapia (Pós-graduação lato sensu)

## Gestalt-terapia

Vamos agora ao tema central desta pesquisa. Gostaríamos de conhecer um pouco mais sobre a sua relação com a Gestalt-terapia!

### Como você se tornou Gestalt-terapeuta? \*

Caso tenha realizado mais de uma opção, escolha a que julga mais relevante para você ter se tornado Gestalt-terapeuta

- Realizei curso de formação em Gestalt-terapia
- Cursei especialização em Gestalt-terapia (Pós-graduação lato sensu)
- Fiz formação através de supervisões clínicas e estudos com minha/meu supervisor(a) ou grupo de estudos
- Apenas através de workshops e vivências em Gestalt-terapia
- Nenhuma das opções anteriores, estudei sozinha/o

[VOLTAR](#)[PRÓXIMA](#)

Página 2 de 8

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

APÊNDICE C – FORMULÁRIO *ONLINE* “O QUE É SER GESTALT-TERAPEUTA?” – PARTE II

## Opção 1: “Realizei curso de formação em Gestalt-terapia”

Houve trabalho de conclusão de curso na sua formação em Gestalt-terapia? \*

Sim

Não

Você sentiu falta de algo na sua formação em Gestalt-terapia? \*

Sua resposta

---

Você considera importante a participação em encontros/congressos em Gestalt-terapia para a formação como Gestalt-terapeuta? \*

Sim

Não

Com que frequência você participa de encontros/congressos de Gestalt-terapia? \*

Pelo menos um evento por ano

Dois ou mais eventos por ano

Não costumo participar de eventos de Gestalt-terapia

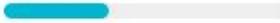
Para você, o que é ser Gestalt-terapeuta? \*

Sua resposta

---

VOLTAR

PRÓXIMA

 Página 3 de 8

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

## Formação em Gestalt-terapia

Curso livre de Formação em Gestalt-terapia

Onde você realizou seu curso de Formação em Gestalt-terapia? \*

\*

Sua resposta

---

Em que ano você concluiu seu curso de Formação em Gestalt-terapia? \*

Sua resposta

---

Qual foi a carga horária total do curso de formação? \*

Caso não se lembre, tente algo aproximado

Sua resposta

---

A formação que você cursou incluía: \*

- Aulas teóricas
- Workshops e vivências
- Treinamento em Gestalt-terapia (modelo triádico)
- Atendimento psicoterapêutico
- Supervisão clínica individual
- Supervisão clínica em grupo
- Outro: 

---

Houve trabalho de conclusão de curso na sua formação em Gestalt-terapia? \*

Sim

Não

Opção 2: “Cursei especialização em Gestalt-terapia (Pós-graduação lato sensu)”  
Houve trabalho de conclusão de curso na sua especialização em Gestalt-terapia? \*

Sim

Não

Você considera importante a participação em encontros/congressos em Gestalt-terapia para a formação como Gestalt-terapeuta? \*

Sim

Não

Com que frequência você participa de encontros/congressos de Gestalt-terapia?

Pelo menos um evento por ano

Dois ou mais eventos por ano

Não costumo participar de eventos de Gestalt-terapia

Você sentiu falta de algo na sua especialização em Gestalt-terapia? \*

Sua resposta \_\_\_\_\_

Diante das suas respostas até aqui, você se vê como Gestalt-terapeuta? \*

Sim

Não

Para você, o que é ser Gestalt-terapeuta? \*

Sua resposta \_\_\_\_\_

## Especialização em Gestalt-terapia

Curso de pós-graduação lato sensu (especialização) em Gestalt-terapia.

Onde você realizou seu curso de Especialização em Gestalt-terapia?

Sua resposta \_\_\_\_\_

Em que ano você concluiu seu curso de Especialização em Gestalt-terapia? \*

Sua resposta \_\_\_\_\_

Qual foi a carga horária total do curso de especialização? \*

Caso não se lembre, tente algo aproximado

Sua resposta \_\_\_\_\_

A especialização que você cursou incluía: \*

- Aulas teóricas
- Workshops e vivências
- Treinamento em Gestalt-terapia (modelo triádico)
- Atendimento psicoterapêutico
- Supervisão clínica individual
- Supervisão clínica em grupo
- Outro: \_\_\_\_\_

Houve trabalho de conclusão de curso na sua especialização em Gestalt-terapia? \*

Sim

Não

Opção 3: “Fiz formação através de supervisões clínicas e estudos com minha/meu supervisor(a) ou grupo de estudos”

### Supervisões clínicas e estudos

Supervisão clínica em Gestalt-terapia e/ou participação em Grupos de Estudos em Gestalt-terapia

Há quanto tempo você faz supervisões clínicas e/ou participa de grupo de estudos em Gestalt-terapia? \*

Em meses ou anos. Fale um pouco sobre esse processo.

Sua resposta

---

Você considera importante a participação em encontros/congressos em Gestalt-terapia para a formação como Gestalt-terapeuta? \*

Sim

Não

Com que frequência você participa de encontros/congressos de Gestalt-terapia? \*

Pelo menos um evento por ano

Dois ou mais eventos por ano

Não costumo participar de eventos de Gestalt-terapia

Você sentiu falta de algo na sua formação em Gestalt-terapia? \*

Sua resposta

---

Para você, o que é ser Gestalt-terapeuta? \*

Sua resposta

---

VOLTAR

PRÓXIMA

 Página 5 de 8

## Opção 4: “Apenas através de workshops e vivências em Gestalt-terapia”

**Workshops e vivências**

Participação apenas em workshops e vivências em Gestalt-terapia.

Como foi o processo de se tornar Gestalt-terapeuta em workshops e vivências? \*

Conte um pouco sobre esse processo. Com que frequência você participava/ou de workshops e vivências?

Sua resposta

---

Você considera importante a participação em encontros/congressos em Gestalt-terapia para a formação como Gestalt-terapeuta? \*

Sim

Não

Com que frequência você participa de encontros/congressos de Gestalt-terapia? \*

Pelo menos um evento por ano

Dois ou mais eventos por ano

Não costumo participar de eventos de Gestalt-terapia

Você sentiu falta de algo no seu processo de se tornar Gestalt-terapeuta através workshops e vivências? \*

Sua resposta

---

Para você, o que é ser Gestalt-terapeuta? \*

Sua resposta

---

VOLTAR

PRÓXIMA

 Página 6 de 8

Opção 5: “Nenhuma das opções anteriores, estudei sozinha/o”

### Autodidata

Como você avalia uma formação em Gestalt-terapia "autodidata" (sem aulas teóricas, workshops e supervisoras/es)?

Sua resposta

---

Você considera importante a participação em encontros/congressos em Gestalt-terapia para a formação como Gestalt-terapeuta? \*

- Sim
- Não

Com que frequência você participa de encontros/congressos de Gestalt-terapia? \*

- Pelo menos um evento por ano
- Dois ou mais eventos por ano
- Não costumo participar de eventos de Gestalt-terapia

Você sentiu falta de algo no seu processo de se tornar Gestalt-terapeuta de forma autodidata? \*

Sua resposta

---

Para você, o que é ser Gestalt-terapeuta? \*

Sua resposta

---

VOLTAR

PRÓXIMA

 Página 7 de 8

APÊNDICE D – CONVITE PARA GESTALT-TERAPEUTAS – PESQUISA *ONLINE* (FASE 2)<sup>18</sup>

**PESQUISA DE DOUTORADO**

**PARTICIPE!**



**IDENTIDADE E FORMAÇÃO DE  
GESTALT-TERAPEUTAS NO BRASIL!**

**ACESSE O FORMULÁRIO  
[BIT.DO/PESQUISAGESTALT](http://bit.do/pesquisagestalt)**

**DOUTORANDO: LÁZARO CASTRO SILVA NASCIMENTO  
ORIENTADOR: PROF. DR. JORGE PONCIANO RIBEIRO**

**COLETA DE DADOS ONLINE ATÉ 20 DE JANEIRO DE 2018**



<sup>18</sup> O formulário esteve disponível no endereço: <http://bit.do/pesquisagestalt> entre dezembro de 2017 e fevereiro de 2018.

ANEXO A – RESPOSTAS À PERGUNTA “PARA VOCÊ, O QUE É SER GESTALT-TERAPEUTA?” (FASE 2)<sup>19</sup>

ID <sup>20</sup>	Para você, o que é ser Gestalt-terapeuta?
Gt1	Não entendo que o fato de realizar o curso de formação necessariamente habilite alguém a ser gestalt-terapeuta. Ainda sinto que preciso me aprofundar mais em estudos, supervisões, grupos de discussão. Acho irrefletido dizer que sim, com a quantidade de estudos que dediquei para.
Gt2	Vejo-me como Gestalt-terapeuta porque meu curso de formação me deu base teórica e clínica - ainda que menos profunda do que eu gostaria - para atender clinicamente a partir da forma de condução terapêutica específica da Gestalt-terapia, isto é, minha forma de enxergar meus clientes e de conduzir o processo terapêutico deles condiz com os ensinamentos de uma "terapia Gestalt", de modo a ter um viés próprio e característico desta abordagem. Isso é o que me faz me considerar especificamente GESTALT-terapeuta, e não simplesmente uma PSICOTERAPEUTA.
Gt3	É estar em uma relação, em um encontro, a serviço do outro.
Gt4	Estar aderente as bases filosóficas e aos constructos teórico/metodológicos da abordagem nas atividades teórico/práticas/experienciais que o profissional optar por desenvolver.
Gt5	Ser um profissional com uma perspectiva humana e positiva
Gt6	Aquele que estuda uma abordagem que está coerente com sua visão de pessoa e de mundo e, que segue como filosofia de vida esses conhecimentos.
Gt7	Aquele que acredita na potência humana e dedica sua vida profissional em acompanhar o desenvolvimento de si e dos outros
Gt8	Ser afetivo, dialogico e autentico
Gt9	É possuir uma postura fenomenológica existencial como filosofia de vida, onde sou ativo no processo e encontro terapêutico de forma dialógica, espontânea e a serviço do cliente. Meu foco é na saúde e possibilidades e não na doença e limitações.
Gt10	Uma posicionamento, um olhar e um modo de ser terapeuta
Gt11	Profissional que convida o cliente a estar presente na sua propria vida e história, através da consciencia e awaress
Gt12	É ter uma real percepção de como estou me sentindo a cada situação vivida de forma realizadora e atualizante, aceitando dessa forma, as responsabilidades de minhas próprias escolhas.
Gt13	É ser uma figura única, individuada, sobre o fundo da abordagem gestáltica, e em comunicação com varios outros todos existenciais, gestalt-terapeutas ou não, e de cujo contato emergem significados contínuos, interagindo com esta figura, a desconstruindo enquanto ela se reconstroí.
Gt14	Estilo de vida
Gt15	É assumir o agora responsabilizar me por quem sou ter a oportunidade de transcender na clínica e como pessoa perceber que existe uma integralidade em mim
Gt16	É vivenciar o momento presente com o cliente e acreditar em suas potencialidades e o tratar como único...amo ser Gestalt-terapeuta
Gt17	É estar disponível a uma vivencia dialógica em que ambos poderão crescer mutuamente. É possibilitar uma vivência de desenvolvimento humano, levando em conta a visão de homem e de mundo que a Gestalt terapia traz diante de suas variadas influências.
Gt18	É ser um profissional em constante crescimento e aprimoramento vivencial-teórico, além, especialmente de ser um terapeuta acolhedor, que tb frustra qdo necessário e que constrói sua forma a partir dos fundamentos fenomenológicos e dialógicos.

<sup>19</sup> As respostas foram mantidas na íntegra, sem correções ou revisões.

<sup>20</sup> As/os respondentes foram intituladas/os “Gestalt-terapeuta 1” (Gt1), “Gestalt-terapeuta 2” (Gt2) etc.

Gt19	Trabalhar com o cliente, acolhendo o que ele nos mostra, levando em consideração o campo em que está inserido e suas relações.
Gt20	É compreender o homem de uma forma global, é valorizar as diferenças.
Gt21	Uma relação Eu e Tu
Gt22	Viver o que falo no consultório, deixar as coisas fazer sentido, entender que faço parte de um mundo, entre inúmeras outras coisas.
Gt23	É uma maneira de ver o mundo e o homem e essa visão adentra o setting terapêutico. O Gestalt-terapeuta deve ser dinâmico e criativo no objetivo de ampliar a consciência do cliente.
Gt24	Trabalhar na psicologia respeitando a possibilidade do cliente
Gt25	É conhecer, aceitar, compreender, refletir, transmitir e aplicar indiscriminadamente na minha vida os princípios desta abordagem.
Gt26	Viver no aqui e agora
Gt27	Visão de mundo que busca olhar o ser humano na integralidade, com suas potencialidades e possibilidades de se transformar diante das suas dificuldades
Gt28	Ser um profissional simpático (no sentido de ser e estar de igual para igual no encontro existencial com o consultante, seja uma pessoa, um casal, uma família, um grupo ou uma comunidade).
Gt29	É ter uma abordagem que se aproxima da minha forma de perceber o mundo
Gt30	É uma escolha não só profissional, mas de vida. Escolher ser Gestalt terapeuta muda minha postura como ser no mundo.
Gt31	Uma pessoa e um psicoterapeuta presente nas relações que estabelece e que se expressa de forma coerente com o que sente, capaz de ouvir e respeitar a alteridade.
Gt32	Completo. Atento ao aqui e agora
Gt33	É uma forma de ver o cliente como um todo, buscando "restaurar" os ajustamentos que não fazem mais sentido.
Gt34	Ser capaz de aplicar os princípios da Gestalt-terapia em atendimentos clínicos em diversos contextos.
Gt35	É um psicoterapeuta que antes de desenvolver essa abordagem como método de trabalho, a vivencia, experimentando/sentindo essa teoria como filosofia de vida, e após isso, compreende mais amplamente o que significa Gestalt-terapia e pode estar diante do outro para o receber e proporcionar o que essa teoria tem a oferecer.
Gt36	É dominar a teoria e as técnicas da gestalt-terapia e orientar seu trabalho de psicoterapeuta por elas.
Gt37	É um jeito de ser e estar no mundo. Aberto e disponível ao novo, bem como às atualizações necessárias no decorrer da vida.
Gt38	É a forma de ser/estar como psicóloga com meus clientes.
Gt39	É uma postura na vida, baseada no diálogo e no interesse genuíno pelo ser humano, dentro e fora do consultório
Gt40	É ter uma visão de homem e de mundo mais integrativa e focada nas potencialidades humanas.
Gt41	A melhor abordagem que eu poderia escolher!
Gt42	É ser e deixar ser, na essência da verdade, é algo que abrange não somente o consultório, mas alcança uma visão e filosofia de vida.
Gt43	Ter formação contínua nos pressupostos e práticas da GT, reconhecendo sua visão de mundo e de homem como balizadores do meu trabalho.
Gt44	Ser e promover o humano, respeitar o processo de vir-a-ser, ser fenomenólogo, buscar a integração da pessoa com o ambiente, sempre respeitando sua subjetividade.
Gt45	Ser eu mesma!
Gt46	Um ser que contata o outro
Gt47	Uma modo de ser no mundo
Gt48	Tem a ver com adotar o modelo teórico e prático da Gestalt-terapia em minha atuação profissional. Pra mim, a Gestalt-terapia é um modo de trabalho, e meu lugar de gestalt-terapeuta se faz na clínica e em outros espaços de atuação profissional.

Gt49	Modo de ver e viver.
Gt50	Estar completamente presente para poder acompanhar, confrontar com empatia e dar suporte ao processo interno do cliente, sem intenção pessoal, com compaixão e distância
Gt51	É trabalhar o aqui e agora respeitando o tempo do cliente. E o trabalhar o ser humano na completa amplitude
Gt52	Uma forma de se expressar na clinica
Gt53	estar em contato com o outro.
Gt54	Trabalhar com a experiência imediata
Gt55	É ter e fazer sentido
Gt56	Trabalhar a partir dos princípios da gestalt-terapia, com consistência e responsabilidade.
Gt57	É trabalhar acreditando na visão de ser humano que a abordagem propõe. É trabalhar com firmeza teórica, compromisso, leveza e alegria. É poder se abrir ao outro e a outras possibilidades dentro do trabalho.
Gt58	Ser Gestalt-terapeuta é ver o ser humano em sua totalidade, descobrindo suas potencialidades e dificuldades, mas acreditando no ser humano e na sua capacidade de reconfigurar.
Gt59	Responsabilidade, espontaneidade, liberdade, relação, totalidade.
Gt60	É ter um estilo de vida de presença, estar consciente de si, respeitar o próximo e acreditar no potencial do ser humano.
Gt61	Adotar a postura fenomenológica, de campo e de contato, utilizando estratégias fundamentadas na gestalt.
Gt62	É entrar com uma lanterna no quarto escuro do cliente e ajuda-lo a organizar, sempre lembrando de que o quarto e dele e ele que sabe a posição de todos moveis eu só a lanterna.
Gt63	Um ser em movimento
Gt64	É a sustentação hj dos meus atendimentos. Não me vejo sem esta formação
Gt65	Viver de acordo com os princípios da G-T, realmente ver sentido e seguir a GT e não fazer salada! Mas também não significa que tenho que andar descalça, sem sutiã, não tomar remédio quando estou com dor.
Gt66	É trabalhar com consciência de que o terapeuta faz parte do campo, é prestar atenção ao não verbal, é valorizar o presente.
Gt67	É estar presente junto com o cliente ao longo do processo. É ter, também, um posicionamento frente ao mundo.
Gt68	É ter a oportunidade do experimentar, transformar, perceber e crescer.
Gt69	Ser mediador para que o outro alcance outros olhares e formas de ser no mundo
Gt70	É trabalhar com o cliente de forma integral proporcionando awareness e respeitando seu tempo
Gt71	É trabalhar com uma abordagem viva, que não para no tempo, que cresce e muda junto ao mundo e que me permite ser autêntico, sem me prender à neutralidade e ao convencional, me permitindo, assim, cuidar de pessoas reais em vez de enquadrá-las em casos clínicos de livros.
Gt72	É um modo de viver.
Gt73	É escolher e optar pela Gestalt terapia como suporte teórico para atendimento e para vida
Gt74	Afinidade com a teoria e prática.
Gt75	Estar inteiro na relação com o cliente. Buscando sempre auxilia lo para ampliar seu olhar buscando mudanças positivas em sua vida
Gt76	É ser humano ao tocar outra alma humana, é estar presente por inteiro, é cuidar do outro sem deixar de cuidar de si mesmo, é incentivar o crescimento do outro sem ter um caminho pré concebido. Incentivar para que o outro encontre seu próprio caminho de crescimento e expressão, com o apoio do terapeuta. É não ter regras pré concebidas, nem conceitos pré estabelecidos, nem normas para como as pessoas devem viver suas vidas. É saber que cada um tem um tesouro escondido dentro de si mesmo, e nós apenas ajudamos a pessoa a encontra-lo, ou encherá-lo com mais clareza.
Gt77	Ser eu mesma, com abertura para encontrar o outro e o novo, com profissionalismo e possibilidade de expressar a afetividade e criatividade no contato.
Gt78	Através da relação terapêutica, auxiliar o cliente a fazer escolhas mais saudáveis para sua vida

	- com contato, através da expansão da awareness e do ajustamento criativo, de forma que ele assuma a responsabilidade pelo seu ser-no-mundo. Esses objetivos cabem à pessoa do terapeuta também, uma vez que acredito que a Gestalt, além de uma abordagem terapêutica maravilhosa, é também um estilo de vida.
Gt79	É seguir os pressupostos da abordagem na atuação terapêutica
Gt80	É poder Ser. Sentir-se pertencente a si mesmo, compreendendo seu potencial e suas possibilidades. É tornar-se consciente e conseguir saber o q fazer com isso.
Gt81	UM ENCONTRO COM O MÉTODO QUE ME FACILITA ENCONTRAR COM MEU CLIENTE
Gt82	Ter compromisso social e teórico na prática.
Gt83	É uma forma de estar no mundo. Acreditar no potencial de desenvolvimento do ser humano e na capacidade de cura a partir do cuidado genuíno, do interesse por estar com a pessoa do outro independente de quem seja ela. É ter liberdade, como psicoterapeuta, para experimentar não só a partir da fala, mas de movimentos e sensações.
Gt84	É estar em construção
Gt85	É meu modo de vida
Gt86	Promover awareness e convidar a experimentar um novo
Gt87	É ser flexível, criativo e empático
Gt88	Levar o cliente a ter awareness, na busca de um saúde integral
Gt89	modo de trabalhar e viver
Gt90	É estabelecer um relação de confiança, empatia, respeito e encontro com o seu cliente.
Gt91	Ter uma abordagem humanista e fenomenológica, criativa, dialógica, que privilegia a experiência e o vivido, sem abrir mão da compreensão conceitual.
Gt92	Difícil responder, pois não vejo só como uma linha terapêutica, mas uma maneira de estar e ser na vida
Gt93	Trabalhar numa abordagem com a qual me identifico com valores para a vida.
Gt94	Uma filosofia de vida que me encanta diariamente, além é claro de uma abordagem teórica. Uma abordagem completa que me permite estar com o cliente e vê-lo na sua totalidade.
Gt95	É ser um instrumento para auxiliar o outro a contatar-se a si mesmo
Gt96	Ser comprometido com a ética do acolhimento à alteridade em si e no outro.
Gt97	Manter uma postura de abertura e disponibilidade para aquilo pode emergir no campo e usar as ferramentas disponíveis para fazer algo com isso, ter responsabilidade (habilidade de responder) ao que aparece no campo.
Gt98	É a de estar permanentemente desenvolvendo as dimensões estetas e filosóficas para o exercício da intercorporeidade e da intersubjetividade na clínica. É a de estar diante do outro para compor 'partituras de vida', superando-se a lógica dicotômica das relações clássicas clínicas onde os sentidos, na sua maior parte, advém daqueles que estão na posição de 'terapeutas'. Daí, ser gestalt-terapeuta, a partir de minha experiência clínica enquanto artista, filósofo-clínico, é a posição de fazer parte de campos de experiência como uma das 'pautas' que inscrevem e escrevem, juntamente, com as histórias de vida, os afetos dos 'pacientes', novas partituras de vida que são feitas por contrapontos de afetos, de ideias, de ajustamentos criadores que se modulam a cada encontro. Ser gestalt-terapeuta é estar aberto às incertezas, às indeterminações, ao imprevisto, àquilo que não pode ser medido por nenhuma régua teórica: a vida de cada pessoa que nos procura. Desta forma, ser gestalt-terapeuta, será seguir a perspectiva de Laura Perls: será viver a aventura de compor a vida com os outros na e pelas fronteiras contatuais.
Gt99	Vc já respondeu é ser e não aprender. É ser inteiro a abordagem que abraçou. É viver a visão de homem e de mundo propagado pela abordagem.
Gt100	É acolher amorosamente o paciente através da humanidade do terapeuta buscando a humanidade do paciente. Ser ético. Respeitar a visão de homem e os pressupostos teóricos da Gestalt-terapia
Gt101	É uma forma de ser e de compreender o ser humano, utilizando a ciência sem método tabelado mas sim respeitando a subjetividade humana.

Gt102	Ter uma certa atitude fundamentada em conceitos rigorosos, sem perder a abertura para um contato profundo.
Gt103	Ser criativo, empático e aberto ao outro
Gt104	Ajudar as pessoas a vivenciar suas experiências.
Gt105	É atuar com base na teoria/pesquisa/prática (filosofia, epistemologia, visão de homem, técnica, corpo teórico..) da abordagem. Ter uma boa compreensão dos conhecimentos científicos e éticos da psicologia é atuar com base nesses referenciais, independente dos campos de atuação (esporte, clínica, pesquisa, docência..)
Gt106	Ser Gestalt-terapeuta pra mim é explorar novas possibilidades na clínica através dos conceitos e técnicas. É poder trabalhar os conceitos no dia a dia de forma menos engessada.
Gt107	É vc ter uma identificação com a abordagem não só para realizar um trabalho psicoterapico, mas entender a Gestalt como um forma de vida.
Gt108	É uma arte que envolve olhar para o outro já conhecido ao mesmo tempo em que se surpreende com ele a cada instante.
Gt109	É um modo de ver o mundo.
Gt110	Uma forma única de me relacionar com o mundo, nasci Gestalt - terapeuta
Gt111	Eita. Pergunta difícil. Acho que é compreender os fenômenos como co-criações que emergem do campo organismo/ambiente. É também ter uma postura Fenomenologica, descritiva antes de interpretativa. E trabalhar com a possibilidade de abertura à criação e à espontaneidade.
Gt112	É buscar ter uma postura compreensiva frente as queixas do cliente. Buscar acolher, compreender e favorecer o entendimento da situação vivida de forma que o próprio cliente encontre as possibilidades de mudança.
Gt113	Ser humano
Gt114	É olhar o paciente e sua relação terapêutica de forma dinâmica afim de buscar o melhor que for possível com os aparatos que o paciente e sua relação terapêutica dispõem no momento.
Gt115	Compreender as relações humanas sem julgamento. Viver como estilo de vida sem pre julgamentos.
Gt116	Um filosofia que norteia um olhar e um fazer na clinica baseado no diálogo, no contato genuíno, e na leitura e intervenção fenomenológica.
Gt117	Atuar em psicologia com base nos preceitos da Gestalt-terapia
Gt118	É ser autêntico
Gt119	Porque de todas as abordagens foi a que mais me identifiquei.
Gt120	É me liberar de todos os meus julgamento, é promover o aqui e agora nas vivências de cada indivíduo
Gt121	Para mim ser Gestalt terapeuta é presentificar-se nas relações, estar disponível para acolher o cliente, sem julgamentos, e criar um ambiente onde ele consiga tornar figura, entrar em contato e resignificar as vivencias as quais estão lhe causando sofrimento.
Gt122	Ser gestalt-terapeuta é cuidar do outro respeitando suas singularidades, é ser um facilitador nos processos de autoconhecimento dos clientes/pacientes, é aceitar os desafios frente às resistências da pessoa em sofrimento. Ser gestalt-terapeuta é cuidado é amar a profissão. ♥
Gt123	É ter uma compreensão holística do sujeito, acreditar nas potencialidades do ser humano e ter a disposição para relações terapêuticas autênticas e congruentes
Gt124	É um modo de ser e estar no mundo e com o outro numa perspectiva de constante troca e aprendizados.
Gt125	Mais que uma terapeuta uma facilitadora de vida!
Gt126	Ser gestalt-terapeuta é ir de encontro com os sentimentos do paciente, fazer ele se perceber como um ser humano de acertos e erros.
Gt127	Um momento seu com seu cliente. União. Entrega.
Gt128	É caminhar junto com seu cliente para fechar as gestalt abertas durante sua existência, é se colocar no lugar do outro e atendê-lo sem rótulos ou qualquer preconceito.
Gt129	É além de uma abordagem que embasa meu fazer profissional, uma filosofia de vida. A teoria da Gestalt Terapia é a que mais se aproximou de tudo o que sempre fez sentido na minha vida!

Gt130	Filosofia de vida
Gt131	É uma forma de ver, sentir e atuar em diferentes espaços como psicólogo, mas com uma base de visão de homem e de mundo que não segrega, que reconhece todo o contexto do ser humano, e que potencializa o Ser, atuando dentro dessas possibilidades, respeitando seus limites e escolhas.
Gt132	É ir ao encontro do outro, acompanhá-lo em seu caminho enquanto necessário for, sem descuidar que o caminho é dele.
Gt133	auxiliar o cliente no autoconhecimento e promovendo o ajustamento criativo do mesmo.
Gt134	Essa pergunta é difícil e provavelmente não conseguirei responder rs. Ouvi uma vez que a Gestalt-Terapia não era apenas uma abordagem, era filosofia de vida. A primeira vez que ouvi isso, veio uma interrogação meio cética mesmo. E hoje eu vejo a importância de estar aqui, nessa abordagem, sentindo e construindo esse caminho. Olhar a partir da Gestalt-Terapia me possibilitou enxergar o outro com mais generosidade e menos julgamento, a compreender que formas diferentes não precisam de segregação, acolher o que é diferente de mim me possibilita crescimento e aceitação. Ser gestalt- terapeuta me convidou olhar o mundo de forma mais humana, enxergando o caos mas acreditando na transformação do outro e de mim mesma. Sem utopias, com menos expectativas e cada dia mais certa do meu papel e da importância da atuação de forma integrada, acolhedora e mais humana. Que acredita na potencialidade e na capacidade de auto-regulação do outro, que não vai ser da forma que eu idealizo mas de como é possível pra ele. É olhar pra mim e para o outro como seres singulares, diferentes e vê nisso muitas possibilidades de crescimento e não de afastamento. É viver a partir desse olhar mais genuíno, crítico e ético.
Gt135	É estar disponível para o cliente, e também em constante crescimento pessoal e profissional.
Gt136	Compreender o cliente de maneira holística
Gt137	Uma compreensão diferente da forma de ser em vida e na busca de facilitar a existência humana em seu processo sem me colocar no papel de detentora de conhecimentos, colocando no paciente sua autonomia
Gt138	Uma forma de aceitar e perceber a mim, meus clientes e o mundo.
Gt139	Ver o outro, sendo um igual.
Gt140	É estar em relação o tempo todo
Gt141	É PERMITIR OUVIR O OUTRO, COM LIBERDADE.
Gt142	Ser Gestalt-terapeuta vai muito além das quatro paredes da clínica, é viver de maneira autêntica e congruente, é ousar.
Gt143	Ser Gestalt-terapeuta para mim é filosofia de vida, é a minha forma de ser e estar no mundo. É ver o ser humano como um ser de possibilidades, é com essa certeza que caminho junto, que auxilio, tendo como norte todos os pressupostos teóricos, mas, sobretudo, com uma postura acolhedora, respeitosa, com afeto e cuidado.
Gt144	Amor.
Gt145	É ser criativo. Trabalhar com o que aparece e jogar luz na potência humana.
Gt146	Não sei responder.
Gt147	Trabalhar como psicoterapeuta usando referencial da gestalt-terapia
Gt148	É acompanhar o cliente no seu processo singular de ser e estar no mundo com os outros, por meio de uma relação terapêutica que favoreça o desdobramento das suas possibilidades existenciais.
Gt149	Uma forma de ver e atuar no mundo. Uma filosofia e prática libertadoras.
Gt150	Me encantei pela teoria da Gestalt pelo modo como o terapeuta conduz o trabalho. O terapeuta nesse espaço não é o dono absoluto do saber, pois consideramos que aquele que mais sabe de dizer de si mesmo é o próprio paciente. Nos colocamos na relação de maneira presente, acompanhando o paciente em sua jornada pela auto descoberta, fazendo observações que levarão ao insight e awareness de si. A Gestalt como uma teoria humanista, aceita o sujeito como ele é e tenta, da melhor forma, não julgar, não colocar o diagnóstico acima do sujeito. Acredito portanto que ser um terapeuta que trabalha na abordagem da Gestalt é acreditar no potencial do ser humano e na relação terapêutica que se estabelece quando há

	vínculo e acolhimento. Tenho certeza que sou ingênua, mas em meu primeiro contato com a teoria isso foi o que ressoou em mim e quero, como profissional, me aprofundar mais e basear meu trabalho nessa abordagem teórica.
Gt151	Um instrumento único e inteiro à disposição da saúde dos envolvidos no processo terapêutico. Também uma visão de mundo.
Gt152	É experienciar inúmeras possibilidades a partir processo criativo e do que pode ser trabalhado com o cliente no setting terapêutico, estabelecendo assim uma relação dialógica na busca da compreensão desse ser dotado de campos vivenciais, único, singular e total.
Gt153	É estar disponível para um encontro autêntico com o outro.
Gt154	É acreditar que é possível, por mais difícil que seja, é possível proporcionar a um ser humano condições saudáveis para que ele possa ser o melhor de si mesmo.
Gt155	É ser um profissional que busca compreender e facilitar a compreensão do outro sobre seu desenvolvimento acreditando nas diversas possibilidades desse desenvolvimento
Gt156	Encontrar o humano em mim e no outro. A Gestalt-Terapia me encanta pelos seus pressupostos filosóficos e teóricos e pelo modo como concebe a personalidade e a relação terapeuta-cliente.
Gt157	É trabalhar com um foco diferenciado de outras abordagens da psicologia, e perceber o homem com um olhar diferente, e fazer parte de todo o processo de mudança do cliente, ser Gestalt-Terapeuta e estar integrado as forças e fraquezas dos nossos clientes.
Gt158	É auxiliar meus pacientes a se perceber e começar a assumir sua responsabilidade diante de seus problemas.
Gt159	É a aposta acertada no fenômeno que acontece no "entre" - pessoa e terapeuta- no contato. É saber que a técnica do cuidado se constitui dialeticamente entre o emergente e o criativo.
Gt160	Uma visão de mundo e de pessoa na essência trazida por cada um que se apresenta na relação.
Gt161	É vivência a teoria da GT na vida. Não é uma teoria a ser aplicada, mas uma forma, a de viver. Consciência da liberdade de escolha e da responsabilidade por esta. Consciência da morte, da dor, do sofrimento, de todos os sentimentos como inerentes à humanidade. Tentar todos os dias ser quem se é.
Gt162	Eu ser eu mesma e poder estar com o Outro sendo ele mesmo.
Gt163	É um psicólogo que busca sempre novos conhecimentos a cerca da teoria e de novas técnicas. O gestalt-terapeuta tem uma visão diferenciada do ser humano, uma visão ampla que faz comunicação com a clínica psicossomática, no sentido de não divisão do sujeito em corpo e mente.
Gt164	É ter os fundamentos da Gestalt-terapia na vida e a formação continuada
Gt165	Trabalhar no aqui-e-agora, ser autêntico enquanto psicoterapeuta e estar ali com o cliente. Liberdade para trabalhar e utilizar experimentos sempre que estes forem a serviço da awareness dos envolvidos no processo.
Gt166	Para mim, foi uma escolha em decorrência de minha forma de ver e entender o mundo. É entender que sou responsável por minhas escolhas e que posso lidar com as mesmas. A partir disso entendo que posso contribuir para que outras pessoas tb possam perceber seu potencial a partir de uma ajuda qualificada.
Gt167	É acreditar na nossa ignorância enquanto terapeutas e ter fé no outro que se dispõe a mergulhar diante de nós em si mesmo.
Gt168	Agir com humanidade, sem deixar o profissionalismo de lado.
Gt169	Compreender que não estamos ali para mostrar serviço, mas para SERVIR, no sentido de compreender o outro e ajudá-lo a superar a crise existencial que o traz até nós.
Gt170	É promover processos saudáveis de crescimento e desenvolvimento do indivíduo, que favoreçam o desempenho do Ser.
Gt171	Uma abordagem profissional que envolve uma postura de vida
Gt172	Olhar primeiro para si antes de olhar para ou outros, num processo de estar consciente de seus aspectos "bons" e "ruins" de modo que você possa sempre buscar melhorar, evoluir, fechar ciclos e abrir novos ciclos de modo funcional.
Gt173	É se colocar a disposição, está presente para escutar.

Gt174	Viver as possibilidades
Gt175	Ser Gestalt- terapeuta é ser um cientista que tem a arte de proporcionar espaços de atualização para o sujeito holisticamente. Pautado nos pressupostos que fundamental a gestalt e lhe dão forma, mas principalmente e fenomenologicamente, na possibilidade de atuar de forma única de acordo com quem és, d-eus enquanto forma pessoal de cada um atuar.
Gt176	Por me identificar com a abordagem
Gt177	Descobrir minha verdade, e acreditar no que faz sentido para o homem.
Gt178	É transcender na alma do outro.
Gt179	É ter um olhar diferente para as questões em geral. De apoio, de incentivo, de acreditar no próximo.
Gt180	Creio que é focar nas bases epistemológicas e teóricas propostas. Mesmo com a atualização da teoria, temos pontos-base que se mantêm, como a ideia de campo, a noção sistêmica-ecológica, a abordagem fenomenológica dos fenômenos, etc. Para mim, isso é mais do que uma prática profissional, mas um valor que converge com minha ideologia, como me entende como pessoa e como compreendo o mundo.
Gt181	É trilhar um caminho útil, coerente e humano para viver bem e ajudar pessoas a se reencontrarem.
Gt182	É valorizar o ser humano, com suas particularidades, potencialidades e limitações, o qual é dotado de força para mudar a sua trajetória.
Gt183	Em primeiro lugar é ser humano, ser genuíno e acolher o outro como ele é.
Gt184	Um estilo de vida voltado ao aqui-agora com consciência plena da importância do contato consigo e com o outro.
Gt185	É ser um facilitador que ajuda o seu cliente, a curto prazo, a entender e assumir a sua responsabilidade no processo de compreensão e solução de seus conflitos.
Gt186	É estar presente diante do paciente, desprovida de julgamentos, aberta ao encontro dialógico com escuta receptiva, respeito e atenção suficientes para que haja uma relação de ajuda humana e ética. É ter a liberdade para intuir e criar a partir da fala dele (fato, fenômeno), uma vivência, usar um poema ou uma técnica que favoreça o crescimento do paciente através da resignificação da sua questão.
Gt187	Estilo de vida
Gt188	É conhecer toda a técnica e teoria, mas acima de tudo ser humano. Ter cuidado, saber acolher e frustrar o cliente, com respeito, profissionalismo e amor.
Gt189	É respeitar a vivência única de cada cliente e buscar ampliar sua awareness e possibilidades. É trabalhar com uma base fenomenológica.
Gt190	Ter formação teórico/prática e conduzir seus atendimentos com esse fundo
Gt191	É uma forma de viver e atuar na psicologia clínica com o pano de fundo teórico/técnico da Gestalt Terapia
Gt192	É ter um modo de vida que a todo momento se sensibiliza com as questões do outro e de si mesmo. Que consegue enxergar o mundo através de uma despatologização.
Gt193	É atuar de acordo com os fundamentos epistemológicos da abordagem, buscando congruência na praxis
Gt194	É trabalhar utilizando as percepções e técnicas da Gestalt.
Gt195	Ser Gestalt- terapeuta é ser um profissional atento ao que se apresenta à sua frente, sendo que estes recursos disponíveis que abrirão um campo de possibilidades no aqui e agora.
Gt196	É estar presente no aqui e agora
Gt197	Uma visão de homem e de mundo que me faz caminhar com meu cliente no caminho da sua auto responsabilidade e realização de suas necessidades reais
Gt198	Antes de mais nada, sustentar minha prática em uma filosofia de homem de forma holística e processual. Considerando então o homem e todas as suas relações sociais.
Gt199	Alguém que se disponibiliza ao outro e acredita na mudança. Que precisa compreender a fluidez da vida.
Gt200	Ser um psicólogo criativo, único e em construção sempre.
Gt201	É aprender a olhar os eventos ao redor com outros olhos, mais compreensíveis e sempre

	acreditando no potencial humano e na importância das relações.
Gt202	Humanizar o atendimento clínico
Gt203	Uma profissão que me faz buscar sempre me aprimorar para poder ser sempre melhor no trabalho com meus clientes. Além de ser uma paixão.
Gt204	Alguém interessado no sentir e na conscientização e consequente abertura de caminhos que isso traz
Gt205	É vivenciar, no dia a dia, a proposta teórica iniciada por Fritz, possibilitando o estabelecimento de relações autênticas e fluidas, no momento presente. Na prática profissional, os aspectos éticos fortalecem estas formas de contato em função das necessidades e sensibilidades da/o cliente
Gt206	É SER, VIVER a GESTALT, para poder ESTAR com o outro.
Gt207	É uma escolha de vida, uma forma de viver o mundo
Gt208	Ser companhia na dor do cliente.
Gt209	Acredito que ser a gestalt é muito mais do que uma abordagem, e sim uma filosofia de vida. A qual permite-me ampliar o meu conhecimento quanto pessoa.
Gt210	É me sentir realizada profissionalmente
Gt211	Ser Gestalt Terapeuta é ser um profissional em processo constante de formação, uma vez que é preciso sempre estar em contato com as diferentes questões inerentes a existência humana, tendo um olhar global, integral para o cliente e sua história de vida sem julgamentos, interpretações e o auxiliando na tomada de consciência no momento presente, a perceber padrões repetitivos, disfuncionais de comportamento que o prejudicam. A Gestalt terapia é uma filosofia de vida. O terapeuta busca viver o que acredita, ajuda o cliente a entrar em contato com aquilo que o incomoda e com a tomada de consciência já é percebido uma mudança em seu modo de olhar a vida e compreender que ele é o principal responsável por suas escolhas e evitações, ou seja, ele é um ser cheio de potencialidades que no momento do impasse neurótico está fazendo aquilo que é possível pra ele naquele momento recorrendo a um apoio. Um Gestalt terapeuta é o seu próprio instrumento de trabalho, pois é na relação entre o cliente e com o cliente que serão desenvolvidas as bases para um trabalho humanizado, sólido e que permita crescimento para os dois lados, tanto para o cliente quanto para o terapeuta.
Gt212	É ENTRAR EM CONTATO COM OS CLIENTES, PODENDO ATENDER A NECESSIDADE DO INDIVÍDUO NAQUELE MOMENTO.
Gt213	Saber quem es e a importância que tens
Gt214	É conhecer os princípios teóricos e metodológicos da abordagem, e colocá-los em prática em todos o âmbitos da vida profissional e pessoal.
Gt215	Penso que ser Gestalt-terapeuta é uma forma de receber o outro na sua singularidade, no aqui e agora, em sua totalidade. Na relação terapêutica priorizamos o contato e como ele se estabelece, o campo onde o cliente está inserido, sua forma de se relacionar, suas disfunções e potencialidades. O cliente é livre e responsável pelas suas escolhas. Descrevemos e não interpretamos. Os experimentos caso seja necessário, estarão a serviço do cliente, que é ativo na relação.
Gt216	É quem eu sou. É ser no mundo.
Gt217	É olhar e descobrir a vulnerabilidade existencial que cada um de nós esconde.
Gt218	Um profissional que realiza atendimentos psicoterapêuticos orientados pela referida abordagem. Conceitos importantes para essa clínica são muitos, que vão desde a visão de homem/mundo, passando pelo olhar fenomenológico, trabalhando com integração de sentidos e percepções pertinentes a uma atualização do olhar, qualidade de presença, etc. É uma formação com muitos níveis de complexidade.
Gt219	Eu amo a escolha que fiz e vejo que isso reflete em minha vida, acabo olhando pro mundo e todas minhas vivência com o olhar da Gestalt! É como uma filosofia de vida pra mim!
Gt220	É viver a Gestalt-terapia dentro e fora da clínica
Gt221	É compreender a vivência da pessoa baseada no aqui e agora, entendendo os processos criativos ou patológicos que almejam enfrentar ou sobreviver aos desafios.

Gt222	Ser Gestalt-terapeuta é ampliar minha atuação clínica na busca de uma relação horizontal e dialógica com o cliente. Representa a consolidação de uma forma mais rica de trabalho clínico consentânea à minha visão de homem, mundo e adoecimento psíquico.
Gt223	É uma filosofia/prática que não não levo apenas para o consultório, mas também para a minha vida
Gt224	Compreender o cliente como um todo em constante interação
Gt225	É ter a atuação profissional de acordo com as bases filosóficas da GT, fenomenológica, existencial e dialógica. Além disso, trabalhar com presença humana.
Gt226	Uma filosofia de vida
Gt227	É ter uma atuação na psicologia, independente da área, baseado nos preceitos da Gestalt.
Gt228	Uma nova forma de se relacionar com o mundo, tanto na clínica quanto nos outros âmbitos da vida.
Gt229	Não basta conhecer a abordagem, você precisar viver gestalticamente
Gt230	Um bom analista gestaltico é um profissional que estuda, faz supervisão e sobretudo se deixa analisar. Abre mão das teorias no momento da escuta, mas estuda seus pacientes com rigor. Discute com outros profissionais e se abre a outros saberes.
Gt231	Fazer uma clínica fenomenológica, tentando diferenciar o que é meu e do meu cliente e facilitando o processo de crescimento dele e meu também.
Gt232	Ajudar as pessoas a crescer acolhendo seu sofrimento e experimentando com elas novas formas de buscar o que precisam.
Gt233	É trabalhar de forma mais humana quanto possível e conseguir compreender o ser humano como alguém que faz parte do mundo, como ser que existe no mundo e se relaciona com o mundo e com os outros.
Gt234	É, sobretudo, reconhecer as possíveis transformações pessoais a partir da aprendizagem teórico-vivencial e técnica, de modo que seja possível disponibilizar-se como profissional ao serviço de uma escuta clínica que não se restringe ao consultório, a qual tem como ponto de partida a busca do sentido da experiência para o indivíduo e/ou grupo e, com isso, facilitar a ampliação da percepção deste sobre as formas com as quais tem feito suas escolhas na vida.
Gt235	Gestalt terapeuta é um terapeuta que acolhe o " acolhe" o estranho de forma respeitosa numa relação de campo
Gt236	Estar em awernss com os conteúdos apresentadoa pelo cliente.
Gt237	Ser gestalt-terapeuta é entender que saudável é ser fluido, independente das escolhas feitas, é acreditar que mudanças são possíveis e que todos estão em busca da felicidade, dentro do que é felicidade para cada um. É não ter a prioris, saber e estar disponível para o contato e encontro, e ajudar a promoção da "cura" através do suporte e confirmação. É não ter certeza do caminho, mas saber que existe um caminho. Ter um fundo teórico e de vivências que fundamentam nossa atuação, mas saber simplesmente estar na presença do outro, quando necessário. É saber cuidar, diferenciando suas necessidades e a do outro. São infinitas possibilidades, que não cabem nessa resposta, mas no fundo é ter a vontade intrínseca de ajudar o outro a encontrar uma melhor forma de lidar com o mundo, tendo auto-suporte.
Gt238	É estar no aqui-e-agora e em contato com o cliente e sua experiência.
Gt239	Ser um facilita-dor de si mesmo e do outro.
Gt240	Eu não fiz o trabalho de conclusão portanto não tenho o certificado mas atendo até hoje (perto de 30 anos) com base nas teorias da gestalt. Humanismo, existencialismo e toda a teoria e prática que compuseram os meus 4 anos de especialização.
Gt241	É realizar psicoterapia com a fundamentação da abordagem da Gestalt-terapia
Gt242	GT é visão de mundo, é mais do que um treinamento, ou método pra fazer algo, O Gestalt-terapeuta é um cientista que estuda o que se presentifica e busca fazer isso no cotidiano, não apenas no ambiente de trabalho que, para nós, não é separado do resto da vida, apenas diferente. Ser GT tem a ver com um profundo questionamento de si mesmo e do si mesmo, é aceitar uma configuração que se apresenta, sem abrir mão das inúmeras possibilidades de enxergar o mesmo fenômeno, e entender que aceitar não significa conformar-se, e sim buscar conhecer.
Gt243	Ter conhecimento sobre as bases epistemológicas da GT e ter coerência entre sua atuação e o

	modelo teórico, filosófico e prático da Abordagem
Gt244	Atuar utilizando do arcabouço teórico e metodológico na gestalt terapia
Gt245	É estar disponível para o outro. É trabalhar fenomenologicamente com as possibilidades das relações que acontecem no campo aqui-agora. É desfrutar da beleza do encontro eu-tu. É ser livre para sentir, livre para experimentar, livre para ser um profissional/ser humano que trabalha com outro ser humano.
Gt246	Possibilidade de trabalhar com criatividade.
Gt247	Alguem que está disponível ao encontro.
Gt248	É estar ao lado do indivíduo, acolhendo suas demandas e facilitando o seu processo terapêutico.
Gt249	Ter a Gestalt como uma lente que amplia o entendimento sobre o ser humano.
Gt250	Ter o olhar integral sobre o sujeito
Gt251	É procurar aplicar na vida pessoal e profissional os conceitos que dão embasamento à teoria gestáltica, buscando sempre alcançar o equilíbrio e considerando a integralidade e totalidade.
Gt252	É utilizar de uma abordagem fenomenológica, considerando o aqui-e-agora dos clientes e suas necessidades, auxiliando no processo de awareness de cada um.
Gt253	Ser capaz de acolher o outro respeitando sua singularidade fazendo uso da empatia
Gt254	É ter uma visão de mundo e de pessoa muito particular, considerar o ser humano como um ser integrado com seu campo vital, valorizar a vida e ter senso crítico - científico para analisar as relações humanas.
Gt255	Se identificar com a GT como filosofia de vida
Gt256	Cada vez mais, tem se tornado uma perspectiva de como estar e agir no mundo. E os espaços clínicos, campos que favorecem um trabalho de potencialização dessa forma de encontro.
Gt257	É olhar o ser humano como um em relação com o meio à sua volta. É trabalhar com o cliente demonstra e não com interpretações. É perceber a forma e não somente o conteúdo. É compreender os pressupostos teóricos.
Gt258	É ter como base na vida e na profissão o referencial fenomenológico existencial e dialógico da Gestalt Terapia.
Gt259	É SER TESTEMUNHA DO ENCONTRO DO OUTRO COM SI MESMO
Gt260	Trabalhar utilizando os fundamentos da Gestalt-terapia
Gt261	Seguir os conteúdos da Abordagem Gestáltica, ter uma visão de homem com suas potencialidades e responsabilidade por suas escolhas, viver no aqui e agora, ter sempre consciência de seus processos internos, ser quem se é, fazer ajustamentos criativos, enfim vivenciar os preceitos básicos da Gestalt terapia de forma íntegra e saudável.
Gt262	Um ser humano ético, profissionalmente engajado e atuante, agindo com disponibilidade, amor, respeito, responsabilidade e espontaneidade a fim de possibilitar o crescimento dos clientes através da awareness e escolhas dos mesmos.
Gt263	Ser e estar presente, assumindo responsabilidade pelas escolhas e expectativas ao longo da vida.
Gt264	É uma pessoa que se identifica com esta abordagem, e realiza trabalhos clínicos (sejam eles de clínica ampliada ou tradicional) embasados em sua teoria e métodos.
Gt265	Trabalhar com o método fenomenológico existencial dialógico proposto pela Gestalt-terapia.
Gt266	Psicólogo que utiliza em sua prática profissional as teorias e técnicas da gestaltterapia, visando a awareness do cliente.
Gt267	É uma forma de ser no mundo, acreditando no humano e suas possibilidades
Gt268	Ser Gestalt-terapeuta é olhar o humano com inteireza, é ter uma postura pautada na ética fenomenológica, na compreensão de que o ser é único e potente para ser o que se é. Ser Gestalt-terapeuta é ter sensibilidade e amor para encontrar-se com o outro.
Gt269	É uma identificação com os pressupostos da Gestalt-terapia.
Gt270	É desenvolver uma visão de mundo e homem que valoriza suas potencialidades, o contato autêntico e a responsabilidade existencial.
Gt271	É atuar na clínica de forma humana, lembrando que antes de Gestalt-terapeuta sou um ser humano.

Gt272	Ter concluído a formação
Gt273	Proposta direcionada ao processo de crescimento do cliente
Gt274	o biopsicosocioespiritual
Gt275	Ter como linha de trabalho e filosofia de vida uma abordagem que valoriza o humano em sua totalidade, incluindo a própria pessoa do terapeuta.
Gt276	Ser gestalt-terapeuta é assumir uma postura pessoal e profissional de respeito, acolhimento e empatia, compreendendo o ser humano como alguém único, cheio de possibilidades de transformação e crescimentos constantes
Gt277	Trabalhar com o humano, sensibilidade, aqui e agora da forma que se revela.
Gt278	Estar atento às potencialidades da pessoa, ao campo e aos relacionamentos da pessoa consigo mesma, com os outros e com o mundo. Adotar uma postura fenomenológica existencial. Focalizar o momento presente da experiência e o como ela experiencia. Auxiliá-la em seu processo de crescimento, trazendo a atenção para a forma como ela estabelece e interrompe o contato com o mundo.
Gt279	Um terapeuta responsável, acolhedor e presente.
Gt280	Um terapeuta que busca promover "no e com o" cliente uma melhor consciência de si e do mundo através de um verdadeiro "encontro" (Eu-Tu)
Gt281	é me sentir filosoficamente em sintonia com minha forma de ser e de trabalhar
Gt282	É a melhor escolha que fiz em minha vida! Gestalt-terapia para mim, transcende, e muito, a esfera teórica e prática clínica. Costumo dizer que Gestalt-terapia é uma filosofia de vida. Sinto que fui escolhida pela Gestalt. E não consegui (e nem desejo) sair da proposta de ser Gestalt-terapeuta.
Gt283	Atuar dentro da perspectiva da abordagem, de acordo com os princípios de suas filosofias de base, dentro da visão de homem e de mundo proposta pela abordagem.
Gt284	É em especial um ser de relação, um ser de contato. É trabalhar a consciência buscando a unidade do cliente no todo. O Gestalt-terapeuta é um artista que tem, entre outras, a função de facilitar o encontro do cliente com ele mesmo. É um ser preocupado com o desenvolvimento Biopsicosocioespiritual do ser humano. É um ser que acredita na capacidade humana. É ser atual. É ser vivo.
Gt285	Estar alinhado com as visões de homem e mundo da abordagem, ter respeito pela existência, vivência e ritmo do outro
Gt286	É ser Humanista, Fenomenológico e Existencial, rrsrs
Gt287	Ser psicóloga clínica que pauta atendimentos, condutas e estabelecimento de relações terapêuticas na metodologia fenomenológica e a partir da visão de homem orientada pela psicologia humanista e pela psicologia existencial
Gt288	Uma postura e visão de mundo relacional que sustenta a atuação profissional
Gt289	Alguém que olha para o consulente como um ser holístico e que o acompanha na busca da auto-regulação organísmica no aqui e agora.